

# Apresentação

O Ministério da Previdência divulgou o Resultado do Regime Geral de Previdência Social em 2008, com arrecadação líquida de R\$ 163,3 bilhões, 16,3 % a mais do que em 2007 e Despesas com Benefícios Previdenciários de R\$ 199,5 bilhões 7.7% a mais do que em 2007. (incluindo R\$ 5,4 bilhões de sentenças judiciais). O Resultado previdenciário foi negativo em R\$ 36,2 bilhões, 19,3 % menor do que os R\$ 44,8 bilhões de 2007.

Esta é a abertura de meu artigo nesta edição de janeiro de 2009, entrando pelo 8º ano desta revista eletrônica, a primeira colocada na Web sobre um tema tão complexo quanto fascinante, como a Previdência Social.

Para nós da ANASPS e da FUNPREV isto é motivo de satisfação, pois cumprimos o nosso objetivo institucional de contribuir para a difusão dos temas previdenciários entre segmentos pensantes da sociedade brasileira, passando por instituições públicas e privadas, acadêmicas, escritórios de advocacia, contabilidade, auditoria e controladoria, consultorias e assessorias, especialistas e estudiosos.

Nascemos e vivemos dentro da Previdência Social. Sentimos o pulso do planejamento e da gestão previdenciária.

Convivemos com seu passado, vivenciamos o seu presente e tememos pelo seu futuro.

Voltando ao tema principal: O Resultado do RGPS tem dados para vários gostos. Leiam, por favor, o que escrevi, de forma sincera e aberta.

A situação da Previdência Social passa por uma mutação no seu financiamento, com dois discursos oficiais, sendo um ostensivo, relativo à necessidade de financiamento, que minimiza a contribuição sobre a folha e o déficit e outro oculto, com a cobertura da despesa pelos recursos fiscais da COFINS e com a ampliação das renúncias, através da desoneração da folha.

O ideal de Eloy Chaves vem sendo substituído pelo pragmatismo do assistencialismo, do clientelismo, do paternalismo, do coronelismo e do fisiologismo, de um lado, e a transferência das decisões da Previdência ao Ministério da Fazenda.

Leia nesta edição:

## Resultado do Regime Geral de Previdência

*Paulo César Régis de Souza*

## Previdência como política de Estado

*José Pimentel*

## Capitalismo e futebol

*Celso Barroso Leite*

## Brasil e Estados Unidos

*Celso Barroso Leite*

## Idéias perigosas

*Arnaldo Jardim*

## O banquete foi farto, a digestão será difícil

*José Márcio Camargo*

## Zero para o RH do governo federal

*Roberto Macedo*

## Perspectivas de crescimento para 2009

*Carlos Antonio Luque*

## Os riscos da aplicação em fundos de previdência privada

*Liao Yu Chieh*

## A Previdência Social brasileira e o “esquema Ponzi”

*Rodrigo Constantino*

## Os cenários para 2009

*Ribamar Oliveira*

## Não é borboleta

*Jerson Kelman*

## É preciso especializar as bases tributárias

*Roberto Kupski*

## Por uma nova política de preservação

*Nestor Goulart Reis*

## O ecossistema da propaganda oficial

*Engênio Bucci*

## Escassez de dólares e crise interna

*Raul Velloso*

## Inevitável ajuste de Estados e municípios

*Raul Velloso*

Documentos:

## MEDIDA PROVISÓRIA Nº 449, DE 3 DE DEZEMBRO DE 2008;

*Altera a legislação tributária federal relativa ao parcelamento ordinário de débitos tributários, concede remissão nos casos em que específica, institui regime tributário de transição, e dá outras providências.*

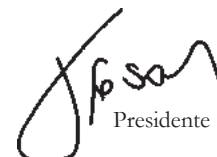
· EM Nº 161/2008 – MF/MP/MAPA/AGU;

· RGPS: Necessidade de financiamento foi de R\$ 36,2 bilhões em 2008;

*Resultado do Regime Geral de Previdência-RGPS em 2008*

· Grandes Números da Previdência Social.

*Elaborado pelo Prof. JB Serra e Gurgel para o Dat/ANASPS, Dez/08.*



Presidente

### I CONSELHO CURADOR

Paulo César Régis de Souza - Presidente  
Joaquim José de Carvalho  
Márcia Regina Horta Piva

### II CONSELHO DIRETOR

Alexandre Barreto Lisboa  
Presidente da FUNPREV  
José Júlio Martins de Queiroz - Secretário  
Elienai Ramos Coelho - Tesoureira  
Verônica Maria Monteiro da Rocha  
Diretora de Apoio e Desenvolvimento

### III CONSELHO FISCAL

José Mário Teperino - Presidente  
Luiz Augusto do Espírito Santo  
Francisco das Chagas Câmara Rayol

### IV CONSELHO TÉCNICO

Carmen Fernandez de Oliveira  
Cauby de Sá Palmeira  
Celcino de Carvalho Filho  
César Gasparim  
Clarice Guerreiro de Araújo  
Crésio de Matos Rolim  
Cyro Moraes da Franca  
Déa Lídice Lemos Pinto  
Djair da Silva Pinto Filho  
Elzula da Silva Ferreira  
Gilberto Galhardo Pessoa de Vasconcelos  
Gilmar Ferreira Mendes  
Gilson Dayrell  
José Arnaldo Rossi  
José Gonçalves Campos  
Justina Conche Farina  
Marcelo Viana Estevão de Moraes  
Maria Célia de Abreu  
Maria Leide Câmara de Oliveira  
Maria Sodrelina das Neves Monteiro  
Marília Lúzia Martins Dias  
Mário Sérgio Gomes  
Martha Bethania Costa Pereira  
Miguel de Brito Guimarães Filho  
Paulo César Rios  
Pedro Dietrich Júnior  
Renilda Cantuária de Siqueira Pinto  
Rusemberg de Lima Costa  
Sara Xavier Cavalcante de Oliveira  
Willian Oliveira Luz  
Wilson Calvo

### V CONSELHO DE NOTÁVEIS

Celso Barroso Leite  
Arnaldo Prieto  
Jarbas Passarinho  
Waldyr Pires  
Raphael de Almeida Magalhães  
Reinhold Stephanes  
Antônio Brito Filho  
Sérgio Cutolo  
Waldeck Ornêlas

### Cadernos Funprev de Previdência Social

Diretor  
Paulo César Régis de Souza  
Editor  
J. B. Serra e Gurgel  
Produção Gráfica  
Studio 9 Comunicação

#### Endereço:

SCS Qd. 01 Bloco “K” nº 30  
Salas 1001/1004 - Ed. Denasa  
Brasília-DF CEP: 70.398-900  
www.anasps.org.br / anasps@anasps.org.br  
anasps.noticias@anasps.org.br  
Telefone: (61) 3321-5651  
Fax: (61) 3322-4807

# Resultado do Regime Geral de Previdência

Por Paulo César Régis de Souza (\*)

O Ministério da Previdência divulgou o Resultado do Regime Geral de Previdência Social em 2008, com arrecadação líquida de R\$ 163,3 bilhões, 16,3 % a mais do que em 2007 e Despesas com Benefícios Previdenciários de R\$ 199,5 bilhões, 7,7% a mais do que em 2007. (incluindo R\$ 5,4 bilhões de sentenças judiciais). O Resultado previdenciário foi negativo em R\$ 36,2 bilhões, 19,3 % menor do que os R\$ 44,8 bilhões de 2007.

O Ministério aposentou a palavra déficit substituindo-a por necessidade de financiamento.

Até que colou, pois apesar do elevado déficit só se falou no fato de que foi 19,9% menor do que o de 2007. O limão virou uma limonada.

O Resultado tem dados para vários gostos.

O Ministério, por exemplo, exemplificou que o Resultado negativo (ou necessidade de financiamento, ou déficit) poderia ter sido menor se consideradas “as renúncias previdenciárias potencialmente destinadas à Previdência Social”. Se o Tesouro indenizasse a Previdência pelas renúncias, de R\$ 15,2 bilhões, o déficit cairia para 20,9 bilhões. A hipótese do Tesouro indenizar é tão estatística quanto utópica.

O Ministério mostrou também que os trabalhadores urbanos contribuíram com R\$ 158,3 bilhões e receberam da Previdência em aposentadorias e pensões R\$ 159,5 bilhões, fechando com déficit de R\$ 1,1 bilhão. Já os trabalhadores rurais contribuíram com apenas R\$ 4,9 bilhões e receberam R\$ 39,9 bilhões, fechando com um vultoso déficit de R\$ 35,0 bilhões, só 35 vezes maior do que o déficit urbano. Mas ficou claro que os urbanos não estão se financiando. Suas contribuições já não cobrem suas despesas.

Está claro, agora, que os trabalhadores urbanos já não financiam os rurais, como vinha ocorrendo desde 1971, quando foram criados o Prorural e o Funrural.

A mínima contribuição dos rurais, R\$ 4,9 bilhões poderia ser um pouco maior se não houvesse a renúncia de R\$ 2,2 bilhões da exportação da produção rural, que evidentemente não reduziria o grande déficit, mas o agrava.

Fazendo as contas, podemos concluir que o déficit da Previdência, de R\$ 36,2 bilhões (com as renúncias) corresponderia quase 99% ao déficit dos pagamentos de benefícios rurais, de R\$ 35,0 bilhões.

O Ministério mostra ainda a evolução da arrecadação, despesa e necessidade de financiamento verificadas entre 2003 e 2008, nos dois governos do Presidente Lula. Os números falam por si só e causam um grande embaraço: a arrecadação bateu os R\$ 710,2 bilhões, a despesa chegou aos R\$ 929,4 bilhões e a necessidade de financiamento (déficit) alcançou R\$ 219,2 bilhões!

É verdade que o Ministério não explica como foram fechadas as contas...

Antes do Presidente Lula, os especialistas, técnicos, analistas e outros bichos tinham o déficit da Previdência como ameaça a estabilidade monetária. Usaram e abusaram da relação entre o crescimento da despesa de benefícios e déficit com o PIB. No caso do déficit começou, em 2003, com 1,55% do

PIB, chegou ao maior índice em 2006 com 1,78% e baixou significativamente a 1,2% em 2008.

Lula deu uma volta nos tais especialistas e no próprio déficit, que perdeu sua importância, já que nestes seis anos, em nenhum momento, faltou dinheiro para cobrir a despesa da Previdência. Se o cobertor da folha de salário de contribuição dos empregadores e trabalhadores ficou curto, jogou um colchão sobre o RGPS – Regime Geral de Previdência Social dissolvendo o déficit, levando a discussão sobre a necessidade de financiamento para o terreno do absurdo!

A explicação do fechamento das contas da Previdência está em outro documento do Ministério, o Boletim Estatístico. Urbanos e rurais estão com suas contas pagas pelo fluxo fiscal crescente da Seguridade Social, especialmente da COFINS, um saco sem fundo e que amplia o debate sobre o financiamento da Previdência. A anunciada desoneração da folha de salário de contribuição para a Previdência se fará aumentando-se a transfusão da COFINS para a Previdência. Isto simplifica o debate sobre o modelo antigo de financiamento do RGPS.

Em 2008, como os anos anteriores, o RGPS teve transfusão maciça de recursos fiscais para cobrir aquele déficit de R\$ 219,2 bilhões. A COFINS e a extinta CPMF deram liquidez ao RGPS e aos Benefícios da LOAS, a COFINS entrou com R\$ 49,0 bilhões e a CPMF com R\$ 12,9 bilhões. No frígido dos ovos, o INSS apresentou um saldo final de R\$ 2,0 bilhões!

No Boletim há outros dados igualmente surpreendentes. O número de benefícios (previdenciários e assistenciais, urbanos e rurais) com um salário mínimo é espantoso: 17,8 milhões em 26,0 milhões, correspondendo a 70,51%. Leve-se em conta que 100% dos 3,3 milhões de benefícios assistenciais e os 7,9 milhões de benefícios rurais estão na faixa do mínimo. No lado do RGPS urbano, 6,8 milhões, de 15,0 milhões, recebem o mínimo. Este contingente vem crescendo.

Impressiona ainda o fato de que de 2003 a 2008 foram concedidos pela Previdência Social 24,1 milhões de benefícios, 92,05% do total atual dos 26,0 milhões de benefícios em manutenção. Isto significa que, em seis anos, foi renovado quase todo o estoque de benefícios do INSS. Da mesma forma que se ampliou o número de beneficiários com um salário mínimo, assinale-se que o valor médio do benefício tanto na concessão quanto na manutenção está caindo. Na concessão, ao final de 2008, o valor médio era de R\$ 658,83 (R\$ 735,38 para a clientela urbana – menos de dois mínimos – e R\$ 411,05 para a rural). Na manutenção, o valor médio era R\$ 582,69 (R\$ 669,54 para a clientela urbana e R\$ 382,70 para a rural).

Vamos então ao que interessa.

A situação da Previdência Social passa por uma mutação no seu financiamento, com dois discursos oficiais, sendo um ostensivo, relativo à necessidade de financiamento, e outro oculto, com a cobertura da despesa pelos recursos fiscais da COFINS.

O Presidente Lula conseguiu acabar com as filas nos postos, ainda que a fila tenha se transferido para as casas dos contribuintes, já que esperam sentado a sua vez de ir aos

postos, e está empenhado em modernizar de cima para baixo a concessão de benefícios em tempo recorde. Tudo ao gosto do povão. O déficit não o preocupa. Nem os especialistas parecem ter esquecido.

A questão de fundo foi o nivelamento da Previdência à Assistência Social, seguindo-se o modelo chileno da Previdência dos pobres. É opreção da inclusão social de massas humanas

que não aceitavam a Assistência Social e agora convivem na fronteira dela com a da Previdência de um salário mínimo. Não é o melhor dos mundos. Mas é certamente o único mundo de uma Previdência que perdeu o rumo, o charme e a certeza da velhice tranqüila.

O ideal de Eloy Chaves foi substituído pelo pragmatismo do assistencialismo, do clientelismo e do paternalismo.

# Previdência como política de Estado

José Pimentel (\*)

A Previdência Social tem muito o que comemorar. Em 2008 avançamos em áreas como a melhoria do atendimento aos segurados e a qualificação dos servidores. Agora em dezembro tivemos uma ótima notícia: a arrecadação da Previdência no mês anterior foi de R\$ 13,559 bilhões, um recorde na série histórica. Esse valor é 7,5% maior que o verificado em novembro do ano passado.

O Congresso Nacional também deu sua contribuição nesse processo aprovando, entre outras medidas, o projeto de lei complementar que amplia a base de dados certificada do Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS), para incluir informações de 1976 em diante. E o que isso muda na vida do segurado que está em vias de se aposentar? Com a inclusão de dados dos últimos 32 anos, o INSS reconhecerá vínculos empregatícios e remunerações relativos a um maior período de abrangência, o que possibilitará o reconhecimento automático do direito aos benefícios previdenciários.

Essa medida permitirá já a partir de janeiro de 2009 a concessão de aposentadorias urbanas por idade em até 30 minutos, dispensando o segurado de se dirigir à agência do INSS levando um saco de documentos para requerer o seu benefício.

A criação do Microempreendedor Individual (MEI), no Simples Nacional, foi outra medida de extrema importância para a Previdência Social aprovada no mesmo projeto. O MEI tem potencial para incluir no sistema previdenciário cerca de 10 milhões de pessoas ainda não filiadas ao INSS.

O MEI permitirá a formalização e a inclusão previdenciária de pipoqueiros, cabeleireiros, manicures, costureiras, pedreiros, eletricitas, borracheiros, entre outros trabalhadores que atuam em pequenos negócios informais, desde que o faturamento anual não ultrapasse R\$ 36 mil. A contribuição para o INSS será de 11% sobre o salário mínimo. Para os microempreendedores com atividades ligadas à indústria, serviço e comércio, haverá isenção de impostos federais. Nos estados será cobrado apenas R\$ 1,00 de ICMS, para a manutenção do cadastro. Se for do setor de serviço, pagará um adicional de R\$ 5,00 para o município.

A partir da formalização, o microempreendedor passará a ter

a proteção previdenciária, tendo acesso à aposentadoria por idade, licença-maternidade, auxílio-doença e por acidente de trabalho. Além disso, sua família terá pensão em caso de morte ou reclusão.

Em 2009, daremos início ao plano de expansão da rede de Agências da Previdência Social (APS). Até 2010, chegaremos a 715 novos municípios, que se somarão aos 1.110 onde as APS foram instaladas nesses 85 anos da Previdência Social. Os parlamentares elaboraram uma série de emendas ao Orçamento de 2009 destinando recursos à construção de novas unidades de atendimento.

A ampliação da rede e a modernização da Central 135 – que fez a fila virar coisa do passado – têm aproximado ainda mais o INSS do segurado.

Preventivamente, estamos fechando todas as possibilidades de fraudes e para isso contamos com a Força-Tarefa Previdenciária que, com a ajuda da Polícia Federal e do Ministério Público Federal, somente em 2008, realizou 41 operações, com mais de 500 mandados de busca e apreensão e 300 prisões em todo o território nacional.

Todas essas iniciativas representaram um novo tempo. A Previdência Social é uma política de Estado, de longo prazo, e não apenas de governo. Para isso o Ministério da Previdência Social elabora um Plano Estratégico com alcance até 2015, para fortalecer a nossa missão: garantir proteção ao trabalhador e sua família, por meio da previdência pública, solidária, inclusiva e sustentável, com o objetivo de promover o bem-estar social.

Queremos ainda que a Previdência seja reconhecida como patrimônio do trabalhador e sua família, pela sustentabilidade dos regimes previdenciários e pela excelência na gestão, cobertura e atendimento.

Tenho certeza de que, em 2009, continuaremos juntos, trabalhando para tornar, a nossa Previdência, cada vez melhor e ajudando a construir um Brasil para todos.

*(\*) José Pimentel é Ministro da Previdência Social. Artigo publicado no Jornal “Estado de Minas-MG” em 24/12/2008.*

# Capitalismo e futebol

Celso Barroso Leite (\*)

Apesar de completamente leigo, não consigo, como tanta gente mais, deixar de me interessar pelo assunto do momento, a crise econômica. Tenho procurado ler o mais possível a respeito e ouvir opiniões capazes de trazer algum esclarecimento. Consciente do meu baixo nível de informação sobre o complexo tema, tenho lido sobretudo jornais e revistas. Entretanto, já me aventurei a enfrentar dois ou três livros, sem maiores resultados.

Entre o farto material específico que tenho pelo menos folheado, a revista *Veja*, em sua edição de 31 de dezembro, traz um conjunto de oito artigos de economistas de padrão internacional que constitui virtual ensaio sobre o assunto. Como algum possível leitor deste meu despretensioso artigo pode conhecer algum deles, cito seus nomes, na ordem em que aparecem na revista: Niall Ferguson, Bruce Scott, Jeffrey Frieden, Zhiwu Chen, Parag Khanna, Alexandre Delaigue, Mariano Grondona e Mailson da Nóbrega. Trata-se, diz a revista, de “algumas das melhores cabeças do Brasil e do mundo”. De modo geral a tônica das opiniões desses conceituados especialistas é no sentido de que teria havido descuido e até mesmo relaxamento no tocante ao estabelecimento de normas, critérios e, sobretudo, restrições destinados a regular de maneira adequada o funcionamento do capitalismo, comprometendo-o por essa desleixada insuficiência de controle.

O artigo do professor Bruce Scott, da Escola de Administração da Universidade Harvard, estuda, segundo *Veja*, as “relações entre capitalismo e democracia”. Daí, decerto, seu expressivo título: “Capitalismo não existe sem governo”. E a revista resume assim o artigo: “Numa analogia com o futebol, sustenta que o capitalismo

só existe com a regulamentação do mercado.”

Seu artigo atraiu minha atenção de maneira especial, primeiro, reconheço, pela analogia com o futebol, a meu ver muito adequada. Em seguida pela ênfase que ele confere à regulamentação das regras do jogo, sem esquecer a importância do juiz, ou seja, como está no título do seu texto; ao papel essencial, no caso, de controle governamental.

Em abono do seu lúcido entendimento, o professor Scott cita o presidente Roosevelt, para quem a Constituição não impunha um capitalismo sem freios, ou qualquer outro. Por outro lado, contesta o acatado Milton Friedman que, principalmente no seu conhecido livro “Capitalismo e Liberdade”, defendia as operações de mercado como transações bilaterais que são autoregulatórias e, portanto, representam o melhor para a sociedade”. Isto é, a ideia de que os mercados regulam a si mesmos, independentemente de regulamentação governamental.

O também economista de alto nível e meu amigo Sydney A. Latini já me havia alertado para o efeito negativo da escassez de regulamentação adequada no tocante à atual crise econômica. Ao ler os artigos de *Veja* e, principalmente, o do esportivo professor Bruce Scott, tive a alentadora impressão de que já possuía alguma informação sobre o complexo assunto, mas era apenas uma noção muito precária.

(\*)*Celso Barroso Leite é jornalista. Artigo publicado no Jornal “Terceiro Tempo” de 16 a 31 de Janeiro.*

Lembro-me de ter lido ou ouvido que a diferença entre o Brasil e os Estados Unidos chega a ser um mistério da evolução histórica. Histórica só ou sociológica também, sem falar em outras áreas? Além disso, já li bom número de livros, artigos e outros trabalhos sobre essa complexa questão. É um tema interessante, naturalmente, e a bibliografia a respeito não poderia deixar de ser variada, de modo geral na busca de explicação para o desafiador fenômeno.

Em meio ao diversificado material bibliográfico que me vem às mãos, acabo de ler um livro que provavelmente pode ser considerado um dos melhores, quando não o melhor de todos, sobre o assunto. Refiro-me ao recente volume de “Brasil e Estados Unidos: o que faz a diferença”, do jornalista e escritor Ricardo Lessa (Civilização Brasileira, Rio, 2008).

Seu mérito começa pela agradável apresentação gráfica, que o torna fácil de ler. O texto, claro, bem escrito, em letra e dimensões cômodas, está dividido em capítulos com breves títulos sugestivos, nas suas 127 páginas. Sua farta bibliografia é outro ponto alto e uma relação de “paralelos históricos” entre os dois países o valoriza ainda mais.

O sucinto prefácio, da credenciada professora de relações internacionais Cristina Soreanu Pacequilo, começa assim: “Os Estados Unidos se tornaram no século XX a nação mais poderosa do sistema internacional, domínio que continua até a primeira década do século XXI (apesar de todas as dificuldades e escolhas políticas e militares), enquanto o Brasil mantém-se como um país emergente.”

Na meticulosa e consagradora orelha do livro, Ernesto Lozardo, professor de economia da Fundação Getúlio Vargas, amplia e reforça o alto valor do seu marcante conteúdo. Entre outras abonadoras

referências, ele ressalta: “Este livro oferece justa dimensão de como será possível estruturar o país por meio das nossas próprias raízes, representadas nos valores éticos e morais”.

Na quarta capa a citação de entusiásticas opiniões de autoridades intelectuais de alto nível exalta o valioso trabalho realizado e ajuda compreender sua valia e alcance, bem como a tirar da obra todo o proveito em que ela é rica,

Após tantas categorizadas referências ao competente autor e ao seu excelente escudo, vamos a ele próprio, a partir da sua introdução, com este expressivo início: “Com pouco mais de 500 anos, o Brasil já está bem crescido para se livrar de alguns complexos infantis.” Na verdade seu lúcido livro é um acervo de elementos capazes de concorrer nesse sentido; e ele acredita nessa possibilidade, como está expresso no seu parágrafo final, para o que considera importante “jogar luz no passado”.

Meu propósito era apresentar aqui uma resenha mais formal de “Brasil e Estados Unidos: o que faz a diferença”, porém, o entusiasmo que sua leitura me despertou levou-me a preferir, por ser talvez mais útil, a transcrição de passagens do seu insuperável conteúdo e dos autorizados pronunciamentos sobre ele, como este, que vem na sua capa: “É um prazer achar um livro tão bem pesquisado quanto gostoso de ler”, do jornalista americano Mac Morgolis.

Espero que minhas desprezíveis notas valham como convicta recomendação da sua leitura.

*(\*) Celso Barroso Leite é jornalista. Artigo publicado no Jornal “Terceiro Tempo” de 01 a 15 de Janeiro.*



# Idéias perigosas

Arnaldo Jardim(\*)

Apesar dos reflexos profundos sobre a vida dos brasileiros, a reforma tributária ainda é pouco conhecida. Primeiro, por tratar de tema dominado por especialistas. Segundo, o relatório do deputado Sandro Mabel é maior do que a própria Constituição, e tem sido alterado a cada semana ao sabor da pressão de grupos de interesse e de concessões absurdas.

A primeira mudança é um brutal aumento nos royalties sobre matérias-primas estratégicas. Um espanto, em especial diante de uma crise de efeitos ainda desconhecidos, mas certamente prolongados, e que já derrubou dramaticamente a demanda e as cotações das matérias-primas.

Cria-se um novo imposto federal, o IVA (Imposto ao Valor Agregado), que deve absorver três contribuições sociais (PIS, Cofins e salário-educação), mas não o IPI, que, curiosamente, também incide sobre o valor agregado. O que parece um biscoito fino de Mabel fatalmente engasgará na Justiça. Será um imposto com bases de cálculo semelhantes a outros existentes, gerando incerteza sobre o futuro das receitas governamentais.

Sem PIS e Cofins, a Seguridade Social perderá fontes seguras de boa parte do seu financiamento. Será inevitável um grande conflito na distribuição dos percentuais de arrecadação do IVA, já que ele entrará na base de cálculo dos fundos de participação de estados e municípios, que juntos com a Saúde, Educação, Seguro-Desemprego e Previdência disputarão um cobertor curto.

A confusão será agravada pela eliminação da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), absorvida pelo Imposto de Renda, que priva a Seguridade Social de outra fonte exclusiva de financiamento.

O texto prevê forte redução da contribuição patronal para a

Previdência. Como cobrir a perda de receita? O projeto - detalhista - omite-se sobre tema essencial para um sistema previdenciário já deficitário.

O fim da guerra fiscal entre estados deveria ser um imperativo de uma boa reforma. Mas o projeto constitucionaliza práticas passadas (prevê mais 12 anos de incentivos), e permite que estados criem incentivos até a promulgação da reforma.

Será incluída na Constituição a isenção do ICMS sobre determinadas importações escolhidas por alguns estados. Assim, por exemplo, o automóvel importado pelo estado fora-da-lei, que não paga ICMS, é revendido para outro que fabrica automóveis e paga o imposto.

A reforma avança bastante sobre o ICMS, principal imposto estadual, ao diminuir gradualmente suas alíquotas interestaduais, prejudicando estados que vendem mais do que compram. Ao final do período, as perdas podem chegar a R\$30 bilhões. A União faria as compensações, mas não é apontado como.

No momento, está claro que uma proposta improvisada, que mexe com 200 dispositivos constitucionais e resultaria em aumento da carga tributária, maior déficit público, prejuízo gravíssimo à Seguridade Social e ao emprego, não pode ser votada no atropelo, em plena crise mundial.

*(\*)Arnaldo Jardim é vice-líder do PPS e integrante da Comissão Especial da Reforma Tributária na Câmara dos Deputados. Artigo publicado no Jornal "O Globo" em 04/12/2008.*

# O banquete foi farto, a digestão será difícil

José Márcio Camargo (\*)

Os indicadores da economia brasileira mostram que a crise chegou ao País e já atingiu praticamente todos os mercados na economia, até mesmo o mercado de trabalho. A rapidez com que o crescimento acelerado até o terceiro trimestre do ano se converteu em queda acentuada é impressionante. A produção industrial saiu de uma taxa de crescimento de 7,1% ao ano, no terceiro trimestre, para uma queda de 7,8% nos dois meses seguintes. Enquanto até setembro eram gerados 250 mil empregos com carteira assinada por mês, em outubro foram destruídas 41 mil vagas desse tipo; o número total de ocupados caiu e a taxa de desemprego, que vinha em trajetória de queda, aumentou 0,2 ponto de porcentagem pela primeira vez, no mês de novembro, desde que a pesquisa é realizada.

Em condições normais, as crises econômicas levam muito mais tempo para afetar o mercado de trabalho. Em geral, o primeiro sintoma de crise é uma queda da demanda por bens e serviços, decorrente de uma redução do consumo ou do investimento. A queda de demanda faz com que as empresas diminuam a sua produção, mas mantenham os trabalhadores empregados, pois demitir e recontratar funcionários tem um custo elevado. Caso a demanda não retorne aos níveis anteriores, elas adaptam o tamanho da sua força de trabalho aos novos níveis de produção, demitindo trabalhadores e, conseqüentemente, gerando aumento do desemprego.

Apesar de inusitado, o comportamento da economia brasileira na atual crise não é surpreendente. A característica principal desta crise é que sua origem foi uma forte contração do crédito. E o crédito é fundamental para o funcionamento das economias modernas. As empresas tomam dinheiro emprestado para financiar seu capital de giro (pagamento de salários, compra de matéria-prima, etc.) e, dessa forma, produzir bens e serviços. No final do processo produtivo elas vendem os bens gerados e renovam seus empréstimos, pagando os juros devidos. As famílias, ainda que em menor proporção, têm o mesmo comportamento na compra de bens de valor relativamente elevado. Endividam-se para comprar esses bens e pagam quando recebem seus salários. Se o crédito para de fluir, as empresas não conseguem dinheiro para pagar a seus fornecedores e trabalhadores e o fluxo de produção, emprego e renda é drasticamente reduzido, podendo até mesmo estancar. Foi exatamente o que aconteceu na economia brasileira a partir de outubro de 2008.

A questão se complica porque este é um fenômeno mundial, que começou na maior economia do mundo - os Estados Unidos - e se espalhou pelos outros países. O aumento da inadimplência nos empréstimos hipotecários naquele país forçou os bancos a reconhecerem um grande volume de perdas, obrigando-os a aumentar seu capital e reduzir de forma drástica a oferta de crédito. A contração do crédito levou a uma queda acentuada do nível de atividade nos

países desenvolvidos e da demanda por bens e serviços no mundo como um todo. A redução do comércio internacional, combinada com a restrição do crédito, gerou a queda do nível de atividade no mundo emergente, inclusive no Brasil.

Durante a última década, até o início da crise de crédito, em agosto de 2007, o mundo cresceu a taxas próximas de 6% ao ano, e a expectativa das empresas, do setor financeiro e das famílias era de que tal processo continuaria por muitos anos no futuro. Os planos de investimento e de contratação de mão-de-obra pelas empresas, de aumento do crédito pelo mercado financeiro e de consumo pelas famílias foram feitos com base nessas previsões (foi um farto banquete). Com a retração do crédito, esse cenário otimista será fatalmente frustrado. O mundo desenvolvido deverá ter crescimento negativo por dois ou três anos, enquanto o mundo emergente, na melhor das hipóteses, terá crescimento entre zero e 3% ao ano. Uma grande parte do investimento e do emprego criado pelas empresas com base nessas expectativas otimistas ficará ociosa. Novos investimentos serão adiados, trabalhadores serão demitidos e os planos de aumento de consumo das famílias serão postergados, o que potencializa e prolonga a redução de demanda (a digestão será difícil).

Neste cenário, a melhor estratégia para preservar a saúde econômico-financeira das empresas é fazer rapidamente o ajuste. É exatamente o que está acontecendo no Brasil. O rápido crescimento do crédito para a pessoa física, nos últimos anos, esteve diretamente vinculado ao aumento do emprego, principalmente com carteira assinada. As pessoas se endividavam com base na expectativa de que permaneceriam empregadas e teriam ganhos de renda real no futuro. No caso do crédito consignado, a garantia do emprestador era exatamente a manutenção do emprego. A queda abrupta do nível de emprego significa um rompimento dessa cadeia e torna difícil para as pessoas cumprirem os compromissos financeiros e para os bancos, executar as garantias. O resultado será um aumento da inadimplência e maior restrição de crédito. Certamente, o banco de horas, a suspensão do contrato de trabalho e outras reformas institucionais introduzidas na legislação trabalhista nos últimos anos serão importantes para reduzir o aumento do desemprego. Mas o aumento programado do salário mínimo em 2009, que poderá chegar a 12%, fatalmente vai aumentar o desemprego e a informalidade.

O processo vai ser doloroso.

O banquete foi farto. A digestão vai ser difícil.

*(\*) José Márcio Camargo é economista da Opus Gestão de Recursos e professor do Departamento de Economia da PUC-Rio. Artigo publicado no Jornal "O Estado de São Paulo" em 12/01/2009.*



# Zero para o RH do governo federal

Roberto Macedo(\*)

Esse RH não se refere a tipo sanguíneo, mas à área ou departamento que trata de recursos humanos, conhecidos por essa sigla em empresas e outras organizações. Vou abordar o assunto conforme a divisão de poderes entre Executivo, Legislativo e Judiciário. Eles administram separadamente suas áreas de RH, mas todos merecem zero ao fazer isso, pois são graves as falhas que evidenciam.

Uma política de RH deve selecionar eficientemente em quantidade e qualidade o pessoal adequado ao desempenho de suas funções, prover treinamento levando em conta os avanços da ciência e da técnica, manter avaliações de desempenho e remunerar para atrair os talentos necessários e estimular o desempenho e a progressão na carreira.

Esses aspectos são cruciais para bem utilizar recursos humanos, ponderando também o seu custo. No caso dos salários, por exemplo, dentro do critério conhecido como de equivalência salarial, uma organização deve sempre avaliar quanto paga, inclusive benefícios, relativamente ao que é pago no mercado de trabalho em geral, em ocupações, funções ou cargos de requisitos educacionais, treinamento, experiência e responsabilidades equivalentes. Se pagar menos, não atrairá bons profissionais; se pagar em excesso, poderá atrair gente mais qualificada do que precisa, com desperdício de recursos humanos e, em qualquer caso, financeiros.

Empresas adotam esse critério por questões de rentabilidade e competitividade. Governos devem também segui-lo para uma boa gestão fiscal e com vista à equidade no tratamento de seus funcionários relativamente aos demais trabalhadores. Nenhum dos três Poderes segue esse critério no Brasil.

No Executivo, sua administração de RH já se marca como uma herança maldita para os governos que virão. Permitiu-se que fosse tomada de assalto por militantes partidários, sindicalistas e corporações de funcionários. Entre outros resultados, vieram o empreguismo, que tipifica a forte expansão dos cargos sem concurso, e os supersalários, evidentes nos vários concursos que oferecem remuneração inicial muitíssimo superior à do mercado de trabalho em geral.

Matéria recente do Correio Braziliense (12/1) mostrou que em seis anos o governo Lula contratou 62% mais servidores do que o de FHC em oito. A mesma reportagem referiu-se também aos supersalários e à satisfação do presidente da Confederação dos Trabalhadores do Serviço Público Federal, Sérgio Silva, a demonstrar o clima de festa salarial: “Antes, fazíamos greves para tentar iniciar um processo de negociação. Hoje, eles estão instalados. Do ano passado até 2011(!), há R\$ 48 bilhões(!) negociados.” Ou seja, até o futuro foi negociado, numa enorme transação em que o contribuinte paga a conta, e não há quem o defenda.

No Legislativo, e falando apenas dos funcionários, os supersalários também tipificam vários cargos efetivos. E há a absurda presença de milhares de contratados, não-efetivos, por livre indicação

dos parlamentares e a serviço deles. E, também, de suas campanhas eleitorais futuras. Assim, delas já há o tão discutido financiamento público, só que a beneficiar apenas parlamentares.

Neste início de ano, foi o mesmo Legislativo, e particularmente a Câmara dos Deputados, que se destacou nas benesses para o funcionalismo. Primeiro, nela foi regulamentado um adicional de pós-graduação criado por lei, mas estendido a cargos de chefia. Ora, pensando como administrador de RH, se a Casa entende que a pós-graduação é indispensável a funcionários, deveria exigir essa titulação nos concursos, e os salários que paga continuariam atraentes. E por que estender o benefício?

Segundo, para dar plano de saúde também aos contratados sem concurso, decidiu entregar ao sindicato de servidores a gestão do plano já existente para os efetivos, incluindo assim um quarto ator na já normalmente complicada relação entre contratante, beneficiários e provedor de plano de saúde, um risco que bons administradores de RH preferem não correr. O resultado materializou esse risco, pois o sindicato quis contratar um novo provedor, para enorme insatisfação dos funcionários efetivos.

Na terça-feira, recuperada a lucidez, a direção da Casa voltou atrás nas duas medidas. Na primeira, contrariada pela disposição de servidores em pedir na Justiça o efeito retroativo do adicional instituído; na segunda, acuada pela reação dos efetivos e de vários deputados contra a contratação de novo provedor do plano de saúde. Os dois abacaxis ficaram para a nova direção da Câmara, que assumirá em fevereiro.

No Judiciário, o que passa em suas veias em matéria de RH é menos conhecido e noticiado. Não me tocam as informações de que o salário médio do Judiciário é maior, pois a estrutura de seus cargos tem grande peso de juizes e promotores, cuja remuneração é mais elevada. Mas, pensando em administração de RH, não consigo entender por que nesse Poder, em que não existem cargos eletivos, também há contratação sem concurso para cargos de confiança. E, ainda, por que magistrados em início de carreira têm praticamente a mesma remuneração que cabe ao final dela, desprezando toda a relação que, teórica e também empiricamente, em outras organizações existe entre remuneração e requisitos de escolaridade, treinamento, experiência, responsabilidade e hierarquia funcional.

Por tudo isso, e muito mais que poderia ser dito ou escrito, é que não há como bem avaliar a administração de RH dos três Poderes desta República, a qual, aliás, nem faz jus ao nome, pois dentro dela, como neste caso, o interesse público carece de defensores.

*(\*)Roberto Macedo é economista (USP), com doutorado pela Universidade Harvard (EUA), pesquisador da Fipe-USP e professor associado à Faap. Foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda. Artigo publicado no Jornal “O Estado de S. Paulo” em 15/01/2009.*

# Perspectivas de crescimento para 2009

Carlos Antonio Luque (\*)

A pesar de o desenvolvimento da teoria econômica ter permitido um conhecimento mais profundo sobre o funcionamento da economia e de os avanços da informática terem possibilitado a elaboração de modelos cada vez mais sofisticados e ágeis, o poder de previsão dos economistas continua baixo. As variáveis dependem de um conjunto muito amplo de fatores, que se alteram mais rapidamente do que a própria capacidade dos analistas e dos modelos em captá-los, mas, principalmente, pelo fato de os agentes econômicos, responsáveis diretos pelos resultados, alterarem seu comportamento de maneira muito rápida.

A própria crise atual não foi prevista pela maioria absoluta dos analistas. O acompanhamento do boletim Focus, divulgado pelo Banco Central como uma síntese da opinião do mercado, revela que as previsões efetuadas normalmente não se realizam. Tomando apenas como exemplo a taxa de crescimento do PIB nacional, percebe-se que, nos últimos anos, as previsões efetuadas para o crescimento da nossa economia nunca ficaram muito próximas de seu valor real. Por exemplo, para 2004, a previsão era de 3,55%, mas o crescimento efetivo foi de 4,90%. Para 2005, a previsão do crescimento do PIB foi de 3,50%, mas o índice efetivo foi de 2,28%. Para 2006, a previsão era 3,50%, mas o crescimento foi de 2,86%. Para 2007, a previsão era de 3,50% e o crescimento real foi de 5,4%. Para 2008, a previsão foi de 4,5%, mas o crescimento provavelmente será de 5,55%. Atualmente, a previsão para 2009 é de 2,4%.

Será que devemos tomar muito seriamente essa previsão de crescimento que o mercado atualmente faz para 2009? Será que o país crescerá mais ou menos do que o mercado prevê? Poderá a economia crescer 4%, como o Ministério da Fazenda afirma, ou deverá crescer em torno de 3,2%, de acordo com as previsões contidas no relatório trimestral de inflação do Banco Central? Difícil saber.

Como se percebe, o mercado está mais pessimista do que os responsáveis pela condução da política monetária (o Banco Central), que, por sua vez, estão mais pessimistas que os responsáveis pela política econômica de maneira mais ampla (Ministério da Fazenda e planejamento). Isso é razoável e deve ser assim. Dado que o re-

sultado está atrelado diretamente ao comportamento dos agentes econômicos, o qual, por sua vez, depende das expectativas, não seria razoável que os responsáveis pela condução da política econômica fizessem previsões mais pessimistas, pois eles condicionariam as próprias previsões e comportamento dos agentes econômicos.

Mesmo antes da crise, os analistas no Brasil acreditavam que a economia brasileira não repetiria em 2009 o mesmo resultado apresentado tanto em 2007 como no ano em curso. No início de 2008, o mercado estimava um crescimento de 4,5% para o PIB; em meados do ano, contudo, reduzia suas previsões para 4,0%. Isso porque o crescimento da demanda agregada superior ao da oferta estava pressionando a taxa de inflação e promovendo desequilíbrios crescentes nas contas externas. Assim, esperava-se que o Banco Central manteria juros elevados a fim de conter o crescimento da demanda, promovendo uma redução da própria taxa de crescimento do PIB. Com a crise, o mercado foi naturalmente reduzindo gradativamente a expectativa de crescimento para o PIB, chegando aos níveis atuais de 2,4%. Saber exatamente o que vai ocorrer não é possível. É claro que, dentro da perspectiva de nossa trajetória de crescimento dos últimos anos e, considerando as limitações que nossa economia já demonstrava, tanto em termos de déficit nas contas externas como também em pressões inflacionárias, a sustentação de taxas de crescimento mais elevadas apresentava dificuldades. Com a crise internacional, a tendência é que essa situação seja ainda mais agravada.

Se a taxa de crescimento ficará em 2,4%, em 3,2%, ou em 4%, ninguém sabe. Esperemos que, embora apresentando uma taxa de crescimento inferior à de 2008, ela se situe num patamar que permita termos em 2009 um ano com poucos reflexos negativos sobre a vida dos brasileiros.

*(\*)Carlos Antonio Luque é professor titular do Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração da USP e atualmente preside a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Artigo publicado no Jornal "Folha de S. Paulo" em 04/01/2009.*

# Os riscos da aplicação em fundos de previdência privada

Liao Yu Chieh (\*)

Fim de ano é tempo de receber o 13º e repetir as promessas sobre poupar mais. Mas também é época de os bancos inundarem seus clientes de informações sobre as necessidades e vantagens da previdência privada visando captar recursos em PGBL e VGBL. No artigo publicado em agosto de 2008 nesta mesma seção, detalhei algumas vantagens tributárias e sucessórias destes produtos, que se popularizam a cada dia. Entretanto, poucas reportagens pontuam os riscos que o investidor corre ao aplicar nos planos de previdência. Vamos analisar alguns deles:

- Risco de mercado: similar aos demais produtos de investimento, relaciona-se a potenciais perdas decorrentes de oscilações em variáveis econômicas e financeiras, como taxas de juros, câmbio e preços de ações. Na atual conjuntura, temos sentido na pele as conseqüências do mau gerenciamento deste fator de risco. Em planos de previdência, o balanceamento entre renda fixa e variável deve ser adequado ao perfil do aplicador e ao prazo de investimento para evitar surpresas e volatilidade inesperada.

- Risco de liquidez: em resumo, um investimento é considerado de alta liquidez quando é fácil convertê-lo em dinheiro vivo pelo seu valor justo a qualquer momento. Quem aplica em previdência privada precisa ter consciência que o investimento é de longo prazo e baixa liquidez. As circulares Susep 338 e 339 determinam que, na fase de acumulação, a carência mínima entre resgates seja de 60 dias. Em outras palavras, feito um resgate, o próximo só poderá ser solicitado depois de no mínimo dois meses, sem exceção. Então, fique atento às carências descritas no regulamento de cada plano. Na fase de pagamento do benefício mensal, não existe resgate extra ou adiantamento, então uma necessidade pontual superior ao benefício não será suprida pelo plano.

Como a previdência privada tem menor liquidez que outros investimentos (poupança, CDB e fundos DI), nunca podemos depender dela para recursos emergenciais ou gastos extras. Sempre precisamos ter outra aplicação à mão como um colchão de liquidez.

- Risco de crédito da carteira de investimento: assim como um fundo de investimento tradicional, quem investe em PGBL e VGBL também corre o risco de crédito dos ativos (títulos públicos ou privados) da carteira durante a acumulação dos recursos. A experiência, o critério e a política de aprovação de crédito do gestor

pesam bastante nessa hora.

- Risco de crédito da seguradora: este sem dúvida é o risco mais desconhecido por quem investe em previdência privada. Vamos fazer um paralelo com fundo de investimento para esclarecer este ponto.

Ao investir num fundo, o cotista é detentor de uma fração dos ativos do fundo. Na eventual quebra do distribuidor (normalmente um banco) ou do administrador/gestor (asset manager) os ativos ainda pertencem aos cotistas. Substitui-se a instituição que quebrou e a vida segue.

Já os ativos adquiridos com investimentos na previdência privada pertencem à seguradora, ou seja, você transfere o seu recurso à seguradora, e esta compra quotas de fundos que rentabilizarão o dinheiro. Recuperar o seu dinheiro caso a seguradora quebre significa entrar na massa falida da mesma. Portanto, a solidez da instituição seguradora (e tomar cuidado para não se confundir com o banco que distribui os planos na agência) é de suma importância. Um fator mitigante deste risco é a reserva técnica da seguradora, cujo saldo é continuamente acompanhado pela Susep.

A legislação já permite a venda de planos “blindados”, que significa que o investidor é o próprio cotista do fundo de investimento especialmente constituído, mas até agora poucas (ou nenhuma) seguradora os lançou no mercado.

Enfim, todo produto de investimento possui uma relação de risco e retorno inerente às suas características. Tendo clareza dos riscos que você está correndo, fica mais fácil ponderar os benefícios e decidir se vale investir, sobretudo em época de crise de confiança em algumas instituições.

Para não achar que sou contra investir em previdência, declaro que eu aplico regularmente e recomendo a todos. A legislação brasileira avançou muito quanto à regulamentação e fiscalização dos planos de previdência, mas a consciência sobre os riscos é importante na hora de escolher o plano ideal e a seguradora que gerenciará a sua aposentadoria por vários e vários anos.

*(\*)Liao Yu Chieh é professor do Ibmec São Paulo, profissional do mercado e possui a certificação Certified Financial Planner. Artigo publicado no Jornal “Valor Econômico” em 26/12/2008*

# A Previdência Social brasileira e o “esquema Ponzi”

Rodrigo Constantino (\*)

O famoso “esquema Ponzi”, nome dado em referência ao golpista Carlo Ponzi, consiste na promessa de elevados retornos que dependem do fluxo constante de novo capital. Trata-se de uma pirâmide, onde os primeiros a aderir ao esquema vão recebendo uma boa remuneração, com base na entrada de novos adeptos. Não há uma base sólida de ativos reais que garanta o fluxo de dividendos. O retorno é totalmente insustentável, e quando a adesão de novos pagadores acaba, tudo cai feito um castelo de cartas. Por isso mesmo o esquema é visto como fraudulento e, portanto, ilegal. Bem, na verdade nem todos. O maior esquema Ponzi é não apenas legal, como praticado pelo próprio governo e de forma compulsória. Trata-se da Previdência Social.

Da forma como foi concebido, o sistema não passa de uma grande farsa. A situação é preocupante e insustentável, uma verdadeira bomba-relógio. A Previdência Social nunca foi estruturada como um seguro, e qualquer seguradora que funcionasse da mesma forma já teria sido declarada insolvente faz tempo, com seus acionistas provavelmente presos. A Previdência Social não possui ativos suficientes para honrar seus passivos. Ela foi criada exatamente como as demais pirâmides, só que de forma compulsória. Os mais jovens são obrigados a pagar pela aposentadoria dos mais velhos, na maioria das vezes sem nenhuma ligação com a quantia que foi poupada ao longo de sua vida de trabalho. O esquema se mantém aparentemente saudável enquanto a população é jovem, pois sempre tem mais gente engordando a base da pirâmide. O governo pode posar de protetor dos idosos desta forma, e costuma abusar do excesso de arrecadação inicial, oferecendo todo tipo de privilégios. Os funcionários públicos, naturalmente, são os grandes beneficiados. No entanto, à medida que a população vai envelhecendo, e os idosos vão vivendo mais, a base da pirâmide fica mais fina, tendo que sustentar um topo cada vez maior. A pirâmide vai se transformando num quadrado, e seus pilares de areia vão ficando mais visíveis. O governo já não é capaz de garantir tantos privilégios, e precisa aumentar impostos, ou estender a idade de aposentadoria.

É como se cada trabalhador fosse depositando um pão numa grande cesta, para garantir seu alimento no futuro, mas este pão fosse usado, na verdade, para alimentar algum idoso hoje. Quando

faltar pão para todos no futuro, o governo será então forçado a reduzir a quantidade de pão dos aposentados para algumas migalhas, mesmo que estes tenham contado com certa quantia antes. E ainda poderá obrigar que estas pessoas dediquem mais anos ao trabalho, aposentando-se mais tarde.

Em último caso, o governo pode imprimir dinheiro para pagar aos aposentados, o que seria análogo a entregar fotografias de pães, em vez de pão verdadeiro, pois a inflação iria literalmente comer o valor real da aposentadoria. Nada disso é culpa dos próprios aposentados. Muitos alegam, inclusive, que poderiam ter realizado investimentos bem mais seguros e rentáveis se fossem livres para tanto. Investimentos em ativos reais, por exemplo, teriam garantido um futuro bem mais tranquilo para os aposentados, do que todo ano dar um cheque nas mãos dos políticos, apenas para ver o dinheiro sem carimbo sumir num mar de gastos populistas.

Mas essa liberdade não existe. A poupança é compulsória, e o governo ainda decide onde “investir” esses recursos, quase certamente destruindo valor para o poupador. Para piorar a situação, não existe uma conta individual, onde o valor da aposentadoria depende do valor poupado por cada indivíduo ao longo de sua vida produtiva. Poupar é fundamental para o futuro de um indivíduo, e essa é uma decisão bastante pessoal.

Infelizmente, o governo, sempre alardeando boas intenções, criou uma poupança compulsória que não passa de um vergonhoso esquema Ponzi. A conta deverá ser paga um dia, ou pelos mais jovens, ou pelos mais idosos, ou por ambos, que é o mais provável. O que vai acontecer quando a demografia não nos ajudar mais? O INSS gastava com aposentadoria e pensões 2,5% do PIB em 1988, quando foi sancionada a nova Constituição, e 20 anos depois gasta 8% do PIB. Estamos diante de um acidente à espera de acontecer. O véu que encobre os pilares falsos da Previdência Social está caindo, e vai restar apenas a imagem do que o modelo é na verdade: um esquema de pirâmide. Nada mais que isso.

*(\*)Rodrigo Constantino é economista e gestor de recursos. Artigo publicado no Jornal “Valor Econômico” em 29/12/2008.*

# Os cenários para 2009

Ribamar Oliveira (\*)

As previsões dos economistas são tão díspares que as pessoas não conseguem formar uma opinião clara sobre o que vai acontecer com as economias mundial e brasileira este ano. Isto significa apenas que o grau de incerteza sobre as principais variáveis econômicas também é muito grande até mesmo para eles. Além disso, é difícil avaliar qual será o efeito final das ações dos diversos governos sobre a atividade econômica e se elas serão suficientes para amenizar a recessão dos países desenvolvidos.

Para se ter uma ideia das divergências, o último relatório de inflação do Banco Central (BC), divulgado em meados do mês passado, estima que os investimentos estrangeiros diretos (IED) no Brasil em 2009 ficarão em torno de US\$ 30 bilhões. As previsões das principais instituições financeiras do País, captadas pelo último boletim Focus, divulgado pelo próprio BC, calculam que estes investimentos ficarão em torno de US\$ 21,5 bilhões. A diferença entre as previsões é expressiva, de US\$ 8,5 bilhões.

O valor do IED é uma variável importante porque o País precisa saber como irá financiar o seu déficit em conta corrente este ano. Essa conta registra todas as operações comerciais e de serviços do Brasil com o exterior e ela está sendo deficitária nos últimos anos. A previsão tanto do BC quanto das instituições financeiras é que a conta corrente registrará um déficit em torno de US\$ 25 bilhões em 2009.

Se o IED for menor do que estima o BC, o País terá que procurar outra forma de financiar o seu déficit em conta corrente. Como os bancos internacionais retraíram os seus créditos e a aversão ao risco dos investidores aumentou, a necessidade de recursos externos do Brasil pressionará a taxa de câmbio, com o dólar subindo mais ainda, o que poderá ser um limitador importante do crescimento brasileiro e um complicador ao controle da inflação.

Qualquer análise sobre as perspectivas brasileiras este ano, no entanto, precisa partir da constatação de que o Brasil não tem problemas estruturais graves. Ou seja, as impressões digitais do País não estão na atual crise internacional. Os bancos brasileiros não apresentaram problemas de solvência e o consumo das famílias cresceu muito até o terceiro trimestre de 2008. Em outras palavras, ao contrário dos Estados Unidos, do Japão e da Europa, a questão que se coloca no Brasil não é de falta de demanda.

É preciso ter clareza que os problemas que o Brasil enfrentará este ano decorrerão, basicamente, da redução da demanda mundial por commodities agrícolas e minerais e da retração da oferta de crédito por parte dos bancos internacionais. O mundo vai crescer menos, demandar menos produtos brasileiros e ter menor liquidez financeira. Por causa desse cenário, o País terá que sustentar o seu

crescimento na demanda interna.

Todas as ações que o governo Lula adotou até agora são no sentido de normalizar a liquidez do mercado financeiro, manter o crédito e sustentar a demanda interna. Para melhorar a liquidez, o governo já tinha reduzido em R\$ 98 bilhões, até o dia 15 de dezembro, os depósitos que os bancos são obrigados a recolher ao BC. Com o objetivo de dar liquidez em moeda estrangeira, o BC tinha injetado US\$ 53,4 bilhões no mercado interno.

O governo supriu com linhas de financiamento alguns setores-chaves da economia como o automobilístico, o agrícola e a construção civil e garantiu crédito de capital de giro às empresas por meio dos bancos estatais. Por último, o governo promoveu desonerações tributárias, como a redução do Imposto sobre Produtos Industriais (IPI) na aquisição de veículos novos, a redução do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) no crédito ao consumidor e a diminuição do Imposto de Renda para a classe média.

Em fevereiro, nova medida de estímulo ao consumo entrará em vigor com o aumento do salário mínimo. Pelo acordo fechado com as centrais sindicais, o governo Lula concederá um aumento real de 5,7% ao piso salarial (além da correção da inflação do período pelo INPC). Isto representará uma injeção de cerca de R\$ 5,5 bilhões no mercado ao longo do ano, em termos reais, apenas por conta do pagamento de benefícios previdenciários e assistenciais a 17,2 milhões de pessoas que recebem o salário mínimo.

O aumento beneficiará também cerca de 7,2 milhões de trabalhadores ativos que ganham o piso salarial. Além disso, as despesas do governo serão elevadas em mais R\$ 20 bilhões por conta dos aumentos e reestruturações de carreiras concedidas ao funcionalismo público ao longo de 2008. O governo Lula pretende ainda aumentar os seus gastos com investimentos, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e do Fundo Soberano do Brasil (FSB), que dispõe de R\$ 14,2 bilhões.

Os estímulos fiscais e creditícios que o governo está concedendo amenizarão os efeitos da crise internacional sobre o Brasil. O limitador do crescimento será o déficit em conta corrente e a incapacidade de financiá-lo no mercado, o que poderá ter efeito negativo sobre o câmbio e a inflação. Há outro dado preocupante que a ação do governo não reverterá. A previsão do BC é de aumento dos investimentos totais na economia de apenas 4,4% este ano, o que coloca em xeque a capacidade do Brasil continuar crescendo a taxas elevadas e sem inflação nos próximos anos.

*(\*)Ribamar Oliveira escreve para o Jornal "O Estado de S. Paulo". Artigo publicado no Jornal "O Estado de S. Paulo" em 05/01/2009.*



Recentemente uma de minhas netas, de 3 anos, presenteou-me com um lindo desenho. No topo da página, alguns garranchos simulando um conhecimento do alfabeto que ela ainda não tem. Perguntei o que estava escrito. Sem titubear, respondeu-me: “Não é borboleta.” Ri muito e ataquei-a com uma saraivada de beijos.

“Não é borboleta” é um raciocínio gracioso quando desenvolvido por uma criança. Mas perde a graça quando praticado por adultos que, por não entenderem a explicação do que é, exigem uma descrição do que não é.

Em abril de 2008 fui convocado à Polícia Federal para explicar o processo de cálculo tarifário das distribuidoras de eletricidade. Apresentaram-me diversas questões que procuravam caracterizar o que o cálculo não é. Para dar uma ideia, reproduzo apenas uma dessas perguntas: “Não considera que o índice aprovado pela Aneel enquanto revisão da tarifa da Celpe (concessionária de Pernambuco) foi, no mínimo, abusivo e/ou indevido?”

O “não” no início da pergunta me atrapalhou. Lamentei não ter sido mais aplicado nas aulas de Português do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro). Para não deixar margem a dúvidas, evitei a resposta monossilábica e disse: “Não considero que o índice aprovado foi abusivo.”

Como regulador, estou acostumado a explicar os índices tarifários aprovados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). O inédito no caso foi a inserção da explicação nos autos de um inquérito policial. Haveria alguma suspeita de corrupção? Não.

Tratava-se tão-somente de uma investigação sobre a metodologia de cálculo tarifário adotada pela Aneel e sua aplicação no caso da Celpe. Metodologia aprovada pela diretoria colegiada, segundo o que dispõe a lei, em reunião pública, transmitida pela internet, amparada em parecer da Procuradoria Federal e em notas técnicas preparadas por competentes servidores públicos. Não há absolutamente nada nos autos que possa justificar a suspeita de conduta criminosa.

O absurdo inquérito foi iniciado por determinação de integrantes do Ministério Público em Pernambuco, inconformados com a tarifa fixada pela Aneel. Esses procuradores também entraram com ação na Justiça Federal para anular a decisão. Defendiam em 2005 o cancelamento de um contrato assinado em 2001, durante o racionamento de energia elétrica, argumentando que tal contrato se havia tornado desnecessário. Não percebiam que o passado é imprevisível num país que não respeita contratos. Ou seja, não é um bom lugar para se investir. O que significa menor competição entre os empreendedores e, conseqüentemente, maior remuneração do capital e maior nível tarifário para os consumidores.

O acórdão da 4ª Turma do TRF, que julgou a ação e arquivou o processo no final de 2008, é exemplar. Reconhece a competência da Aneel para exercer o papel para o qual as agências foram criadas: regular e fiscalizar. A iniciativa do Ministério Público, todavia, resultou numa “dívida” do consumidor com a Celpe. Esta tentou executar a cobrança de uma única vez, no corrente mês de janeiro, mas a Aneel atuou para que fosse parcelada.

Entretanto, ainda resta o espanto: como um tema tão árido - metodologia de cálculo tarifário - se transformou num “caso de polícia”?

Provavelmente, esse fenômeno, que não encontra precedente na literatura especializada, tem origem na legítima insatisfação popular - captada pelo Ministério Público - com o alto custo da eletricidade, particularmente em algumas regiões. É uma lei que define a área de concessão como unidade geográfica para o rateio de custos. Nas metrópoles, onde é possível distribuir grandes quantidades de energia em pequenas áreas, os custos fixos são bastante “diluídos”. Conseqüentemente a tarifa, em reais/kWh, fica relativamente barata. O contrário ocorre nas áreas de concessão esparsamente povoadas, em geral habitadas por consumidores pobres. Resultado: os pobres tendem a pagar mais pela conta de luz do que os ricos. O contrário do senso comum.

Brasília, por exemplo, com o mais elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do País, tem uma das tarifas mais baixas. Pior: enquanto a conta de luz de uma residência europeia com consumo de 100 kWh por mês não chega a comprometer 1% da renda média, no Maranhão - Estado com IDH baixo - atinge 8%!

O que impede a Aneel de corrigir esta injusta situação? A lei.

Obviamente, a Aneel só pode fazer o que a lei permite e não se pode insurgir contra comandos legais, mesmo que ilógicos. Por exemplo, a conta de luz em geral aumenta quando se faz caridade com o chapéu alheio. No caso, o chapéu do consumidor. É o que ocorre quando um governador isenta o consumidor do pagamento de ICMS, mas mantém o tributo para os insumos adquiridos pela concessionária, ou quando um prefeito cria a “taxa do poste”, ou, ainda, quando é dado desconto a uma classe especial de consumidores, onerando os demais. Nesses e em outros casos, a Aneel pouco pode fazer. Isso porque a lei - neste caso, corretamente - assegura o equilíbrio econômico-financeiro às distribuidoras.

Em poucos dias terminará o meu mandato de diretor-geral da Aneel. Ao longo destes quatro anos, esforcei-me para que ela servisse exemplarmente ao País, tornando-se um modelo de agência reguladora. Penso que fui bem-sucedido, graças principalmente à qualidade do corpo técnico.

Quanto a constrangimentos que enfrentei no exercício do cargo, como o aqui relatado, penso que são os ossos do ofício de quem aceita uma função pública. É necessário, todavia, que alguns membros (felizmente, poucos...) do Ministério Público parem de tentar impor o que pensam a dirigentes públicos, às vezes pela via da intimidação, e se limitem a fiscalizar o cumprimento da lei. Sem esse cuidado será cada vez mais difícil recrutar e manter profissionais honestos, experientes e competentes em cargos de direção na administração pública.

*(\*)Jerson Kelman é diretor-geral da Aneel. Artigo publicado no Jornal “O Estado de S. Paulo” em 09/01/2009.*



# É preciso especializar as bases tributárias

Roberto Kupski (\*)

País classificado entre os de maior carga tributária no mundo, o Brasil poderá marcar a história este ano com a aprovação da tão esperada reforma tributária, bandeira dos empresários e classistas envolvidos com a economia nacional. Não à toa, o assunto foi um dos mais polêmicos discutidos pelos parlamentares e que marcaram os debates no Congresso Nacional no fim de 2008. Efetivar uma reforma tributária não é tarefa fácil, até mesmo pelos mais diversos atores envolvidos, cujos interesses, muitas vezes, são também distintos.

Uma boa reforma do sistema tributário brasileiro deve aumentar a competitividade dos produtos nacionais e a eficiência econômica, mediante a desoneração das exportações e a efetiva isonomia da tributação dos produtos importados; criar um mercado interno caracterizado pela livre circulação de mercadorias, serviços, capitais e pessoas; reduzir as obrigações administrativas para as empresas e para a administração pública, simplificando substancialmente a tributação, com a consequente redução dos custos administrativos para os contribuintes e para a administração tributária; aumentar a formalidade das atividades produtivas, inclusive no tocante às relações de emprego, tanto pela simplificação da tributação, como pelo início do processo de desoneração da folha de pagamentos em relação aos tributos exigíveis dos empregadores; e, principalmente, promover o fortalecimento e a valorização das administrações tributárias.

Essas idéias fazem parte da proposta de reforma elaborada pela Federação Brasileira de Associações de Fiscais de Tributos Estaduais (Febrafite), entregue aos deputados e senadores no ano passado e apresentada em audiência pública da Comissão Especial da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 233/2008. O documento defende, sumariamente, a especialização das bases tributárias clássicas entre as esferas de governo, de forma que a União concentre a competência dos tributos incidentes sobre a renda; os estados e o Distrito Federal, em relação aos impostos instituídos sobre o consumo; e os municípios, os cobrados sobre o patrimônio. Dessa maneira, impostos como o IPI (sobre produtos

industrializados) e o ISS (sobre serviços) seriam extintos.

O Imposto sobre Valor Adicionado (IVA federal), que o governo pretende criar, caminha em direção à simplificação do sistema tributário e de acordo com a proposta da emenda, incidindo sobre operações com bens e prestações de serviços. Mas a sugestão não atende plenamente a expectativa da simplificação, uma vez que poderia extinguir também impostos como o IPI e o ISS. Hoje, no Brasil, os maiores problemas do sistema tributário nacional encontram-se justamente no campo da tributação de consumo. A verdade é que o governo federal mexe lá e cá e concentra-se apenas no Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), quando deveria pensar em outros impostos que acabam onerando a classe mais pobre da população.

Ao lado da especialização das bases tributárias, outro ponto primordial da proposta da Febrafite é a valorização e o fortalecimento das administrações tributárias. É neste aspecto que achamos que o governo federal deve pensar mais. Desde o começo da tramitação da PEC 233, o fisco tem se posicionado quanto à importância de dotar a administração tributária de autonomia orçamentária, financeira, administrativa e funcional. Assim como a previsão de uma lei orgânica, que, inclusive, foi aceita como emenda pelo relator da matéria na Câmara, deputado Sandro Mabel.

Vale ressaltar, ainda, que muito além de uma reforma tributária, o Brasil necessita de uma reforma fiscal. Algo politicamente difícil. Afinal, definir claramente entre cada ente federado — União, estados e Distrito Federal — e os municípios seus encargos, e aí prever as receitas, implicará em disputas e divergências de interesses nas esferas governamentais, regionais e econômicas. O governo deve pensar nas atribuições e responsabilidades das unidades federativas e ancorar de vez o crescimento econômico do país em ações contínuas e de caráter desenvolvimentista.

*(\*) Roberto Kupski é secretário-geral do Fórum Nacional de Carreiras Típicas do Estado (Fonacate) e presidente da Federação Brasileira de Associações de Fiscais de Tributos Estaduais (Febrafite). Artigo publicado no Jornal*

# Por uma nova política de preservação

Nestor Goulart Reis (\*)

O sistema de planejamento urbano, o de proteção do patrimônio cultural e o mercado imobiliário estão em rota de colisão, nas áreas metropolitanas e nas principais cidades. Os conflitos estão aparecendo com frequência crescente nos jornais. As vítimas são as próprias cidades e sua população.

Estabelecido em 1937, o processo atual de tombamento de bens de interesse para o patrimônio cultural do País prevê a análise de cada caso, isoladamente. O mesmo ocorre com a gestão dos bens “tombados” (inscritos nos livros de registro, chamados “livros de tomo”) e com os estudos de problemas de visibilidade ao redor das áreas de proteção, chamadas de áreas envoltórias, que são avaliadas caso a caso. Não há visão urbanística. Os edifícios são estudados e protegido como objetos isolados. Esse processo mostra-se inadequado para definição dos bens culturais de metrópoles como São Paulo e para definição de procedimentos para sua proteção.

Entre 1937 e 1940 foram tombadas pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) - hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - umas poucas centenas de edifícios, distribuídos pelos vários Estados. O País era predominantemente rural. Dos cerca de 40 milhões de habitantes, pouco mais de 10 milhões viviam nas cidades. O dinamismo econômico era muito limitado. Com poucas exceções, nas principais cidades, como nas de pequeno porte, os cenários e os edifícios significativos ainda não estavam sendo seriamente ameaçados, a não ser pelo abandono e pelo desgaste do tempo.

Nesse quadro, a atuação isolada do órgão federal então recém-criado parecia mais do que suficiente e altamente satisfatória. A qualidade excepcional de seus quadros técnicos lhe conferia um papel de destaque no País.

Em 1938, com Ouro Preto, teve início o processo de tombamento de cidades históricas, com critérios ainda muito vagos. Para definir o perímetro de proteção estabeleceu-se que estariam nessa condição os espaços “até onde a vista alcança”.

Passados 30 anos, no final da década de 1960 a 1970, o quadro já era outro. A população do País crescia em ritmo acelerado e a população urbana aumentava com intensidade ainda maior. O Brasil tornava-se um país urbano e se industrializava. Muitas das antigas capitais se transformavam em áreas metropolitanas. As cidades menores, acessíveis pelas novas rodovias, cresciam e se transformavam. O patrimônio cultural estava sendo ameaçado e destruído em nova escala. Os serviços para preservação dos remanescentes teriam de ser reorganizados, em escala equivalente.

Seguindo em princípio o modelo do Iphan, começaram a ser criados órgãos especializados em diversos Estados e municípios. Um estímulo importante foi a criação do Programa de Cidades Históricas, financiado pelo BNH, visando ao fortalecimento das atividades turísticas como forma de desenvolvimento econômico. As ações de preservação deslocavam-se do esquema de tombamento

de edifícios isolados para formas mais abrangentes de atuação.

A ação intensa no meio urbano envolveu uma série de questões até então ignoradas e vem induzindo novas formas de operação, que recomendam debates sobre princípios, objetivos e limites. Não menos importante, ocorrem interferências e sobreposições complexas com outros setores, gerando conflitos de competência.

É oportuna a discussão de algumas dessas questões.

As formas de atuação nas cidades de maior porte estão envolvendo cada vez mais questões relacionadas ao jogo complexo de relações entre preservação e renovação de bairros tradicionais. De modo muito simples, a questão pode ser expressa nos seguintes termos: até onde preservar, até onde renovar e como estabelecer as relações entre essas duas tendências, aparentemente contraditórias. Hoje, em São Paulo, com a existência do Condephaat, órgão estadual do setor, e do Conpresp, no âmbito municipal, há um número muito elevado de edifícios a serem preservados, apenas no centro da cidade e nos bairros mais antigos. Se incluirmos nessa relação as áreas envoltórias de cada um desses locais, vamos ter um mapa extremamente complexo. Nessas áreas não é possível atuar em termos urbanísticos de modo coordenado se as decisões continuarem a ser tomadas caso a caso, a partir de proposição de cada um dos órgãos interessados e das iniciativas de qualquer cidadão.

É indispensável que o governo do Estado e a Prefeitura adotem procedimentos semelhantes ao dos países europeus. Devem ser elaborados planos de conjunto para cada um desses bairros, identificando todos os pontos de interesse e todos os possíveis conflitos, prevendo medidas de estímulo à sua reciclagem. A aprovação desses planos deve ter validade por 10 ou 20 anos.

As diretrizes de política pública devem focalizar os objetos de preservação. Ao mesmo tempo, devem definir parâmetros para atuação do mercado imobiliário. Por um lado, coibindo intervenções inadequadas. Por outro, estabelecendo espaços protegidos e reciclagem dos demais, para garantir um bom padrão de vida urbana. Como sabem os profissionais ligados à preservação de bens culturais, o que conserva os edifícios é o uso, em conformidade com as diretrizes fixadas no plano técnico.

Os mais belos e os mais adequados projetos são aqueles capazes de articular conjuntos bem proporcionados das obras mais antigas com espaços contemporâneos, conferindo nível elevado de qualidade estética a esses ambientes e perfeita integração das obras do passado à vida presente.

As áreas de interesse histórico podem e devem ser integradas de modo adequado à vida contemporânea. Seu interesse para o presente garante sua sobrevivência e pode atrair investimentos para sua conservação.

(\*)Nestor Goulart Reis, arquiteto e sociólogo, é professor-titular da FAU-USP. Artigo publicado no Jornal “O Estado de S. Paulo” em 09/01/2009.

# O ecossistema da propaganda oficial

Eugênio Bucci(\*)

Na segunda-feira, dia 12, o jornal O Globo trouxe uma extensa reportagem, assinada por Regina Alvarez, sobre o crescimento da verba do governo federal destinada à publicidade. Em 2009, o Orçamento prevê um total de R\$ 547,4 milhões para a Presidência da República e os Ministérios divulgarem o que julgam positivo. O aumento em relação a 2008 é de 35%. São números preocupantes. O dinheiro público, em volumes cada vez maiores, escoava para campanhas cuja finalidade primordial é deixar as autoridades bem na foto. Tanto na administração federal como nos Estados e municípios. O furor da publicidade oficial, que desconhece crises econômicas em sua escalada, constitui um denominador comum entre as principais correntes políticas em atividade no Brasil, à direita e à esquerda.

Basta ver o noticiário. Na mesma segunda-feira, a coluna de Fernando Rodrigues na Folha de S.Paulo informou que o Poder Executivo de São Paulo, entre janeiro e novembro de 2008, gastou nada menos que R\$ 110,3 milhões em propaganda. Os telespectadores paulistas sentem isso nos olhos. Foram atropelados por uma avalanche de filmetes enaltecendo os feitos do Palácio dos Bandeirantes. O apetite da publicidade do governo de São Paulo já se fazia sentir no início do ano. “No PPA (Plano Plurianual) enviado à Assembléia, o governo prevê R\$ 720.377.473,00 para comunicação social no próximo quadriênio”, alertava uma reportagem de Cátia Seabra publicada na Folha Online em 5 de março de 2008.

A regra é a mesma em todo o País. Governar virou sinônimo de anunciar. Antes, o bom governante era aquele que transformava a polis em canteiro de obras. Agora, é aquele que transforma as supostas obras em espetáculo audiovisual. Antes, a imagem ideal de um governante era a do engenheiro, de capacete de plástico na cabeça, vistoriando as construções. Agora, o bom governante tem a imagem de exímio comunicador. Faz mais aquele que sabe comunicar que faz mais. E dá-lhe publicidade custeada com dinheiro público.

Essa publicidade não é de utilidade pública, salvo raríssimas exceções. É proselitismo puro. Em tudo ela se parece com aquela que toma conta do rádio e da televisão em épocas de campanha eleitoral. Na maioria dos casos, as agências e as equipes que produzem as peças para os governos e suas estatais são as mesmas que confeccionam as mensagens dos candidatos. Uma coisa é o prolongamento da outra. A estética do horário político se perpetua por todo o período dos mandatos. O discurso eleitoral não cessa. Somos um país em campanha eleitoral permanente.

Ora, isso é razoável? Qualquer pessoa em seu juízo normal diria que não. O dinheiro público, que é de todos, jamais poderia servir para que um ponto de vista parcial - o de quem governa - prevaleça sobre os demais. O dinheiro público não deveria financiar a promoção de uns em detrimento da opinião de outros. Todo

mundo sabe disso. Até mesmo algumas autoridades, em conversas reservadas, declaram-se contrárias a essa prática disseminada, mas logo se resignam, lançando mão de uma pergunta lacônica: “Se eu não me valer desse expediente, como a sociedade terá conhecimento do que fizemos?” Foi assim que, entre a resignação envergonhada e a autopromoção sem pejo, chegamos ao ponto a que chegamos.

Hoje, o chamado “marketing político” - que se bifurca em publicidade de candidatos e publicidade de governantes - converteu-se numa indústria à parte. É uma indústria poderosa, assentada em cifras bilionárias e profundamente enraizada na nossa cultura política. Removê-la tornou-se praticamente impossível, tanto mais porque ela soube associar-se a outros interesses que não apenas o dos políticos. Ela congrega, de um lado, os partidos, os governos e seus marqueteiros e, de outro, a totalidade dos meios de comunicação que operam no País. Boa parte desse dinheiro - alguns falam em 70% ou mais - vai diretamente para os veículos como pagamento dos horários e dos espaços de veiculação. De tal sorte que esse sistema, ou melhor, esse ecossistema convém à tal “classe política” e também aos veículos impressos, às emissoras de rádio e televisão e, agora, também aos sites na internet.

Enquanto alguns ganham - uns abocanham nacos de poder, outros faturam cifrões -, a cidadania perde. Para começar, a sociedade perde em pluralidade, pois a propaganda oficial é essencialmente partidária. Ela monologa e nunca dialoga. Não dá voz aos que pensam diferente. Pior: procura neutralizar as vozes discordantes. É mais uma ferramenta de massificação de slogans do que propriamente um serviço para informar o cidadão. O eleitor também perde, uma vez que, exposto ao bombardeio de campanhas eleitorais prolongadas sob a rubrica da “comunicação oficial”, tem menos acesso aos pensamentos de oposição.

A própria instituição da imprensa sai perdendo, por mais que isso não seja dito. Há quem alegue que a publicidade dos governos ajuda os órgãos de imprensa e, conseqüentemente, estimula o jornalismo. Mentira. O que essa indústria vem criando entre nós é uma força que, em lugar de fortalecer, conspira contra o exercício da liberdade de imprensa. Que ninguém se engane. Nas cidades médias, o peso da publicidade oficial local é tamanho que, muitas vezes, os veículos passam a depender delas para sobreviver. Ficam na mão do poder. Não é exagero afirmar que, muitas vezes, os recursos públicos injetados no mercado anunciante são recursos de constrangimento, aliciamento, coerção e chantagem contra a imprensa.

Enfim, quem mais perde é a democracia. O ecossistema da publicidade oficial é uma distorção que partidariza o Estado e inibe a alternância de poder.

(\*)Eugênio Bucci é jornalista, professor-doutor da Escola de Comunicações e Artes da USP e pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP,

# Escassez de dólares e crise interna

Raul Velloso (\*)

O Brasil foi um dos países que mais se beneficiaram da bonança financeira mundial de 2002-2008. A bonança mundial resultou da brutal expansão do mercado imobiliário dos Estados Unidos e de outros países do G-3, na presença de excessiva frouxidão monetária nas nações desenvolvidas, excessiva “alavancagem” (relação entre empréstimos e o capital próprio) e uma fraca supervisão dos mercados financeiros pelas autoridades monetárias desses países.

Na esteira da bonança mundial, a economia brasileira recebeu um inédito volume de recursos externos sob as mais variadas formas, enquanto o boom mundial provocava uma forte e também inédita elevação nos preços das nossas commodities de exportação. Nesses termos, mesmo com o Banco Central adquirindo um enorme volume de dólares (reservas internacionais), foi possível elevar significativamente nossas importações, especialmente de máquinas e equipamentos, ao tempo em que a taxa de câmbio e as taxas de juros se reduziam de forma significativa. Em consequência, verificou-se uma forte expansão dos investimentos privados internos, levando a uma considerável subida da taxa de crescimento potencial da economia brasileira.

No setor público, a bonança viabilizou tal crescimento da arrecadação que, mesmo com a manutenção do elevado crescimento dos gastos correntes que vinha ocorrendo desde o final dos anos 80, foi possível até aumentar os superávits primários (excedentes de caixa excluindo juros). Diante do significativo aumento das reservas, do maior crescimento da economia, do aumento dos superávits, além da queda das taxas de juros, deu-se a queda contínua da dívida pública externa líquida (dívida bruta menos reservas), a ponto de essa variável ser zerada em junho de 2006, passando a assumir valores negativos e crescentes (em termos absolutos) desde então. Ou seja, em relação ao exterior, o setor público brasileiro passou de uma posição devedora para uma posição credora líquida, que, apesar da crise, ainda consegue manter até hoje. Essa mudança implicou queda na taxa de risco do País e ainda maior ingresso de recursos externos, pelo menos até a eclosão da crise.

Foi possível, inclusive, aumentar os investimentos da União em transportes a taxas elevadas, a despeito da conhecida morosidade da gestão pública. É fato que esse aumento, por causa da base de comparação excessivamente deprimida de 2003, mal permitiu que os investimentos se situassem acima da média de 1990 a 2006. Com efeito, em 2007, os gastos se situaram em 0,22% do produto interno bruto (PIB), ante a inexpressiva média, de 0,19% do PIB, observada em 1990-2006. Recorde-se, a propósito, que, segundo estimativa do próprio Ministério dos Transportes, e quando medidos em porcentagem do PIB, os investimentos da área costumavam situar-se, no final dos anos 70, em níveis nove vezes superiores a essas marcas mais recentes. Ou seja, a bonança apenas tocou de

leve no setor de transportes.

Mas o que é bom dura pouco. Após a eclosão da crise lá fora, o processo de “desalavancagem” (redução da relação entre empréstimos e capital próprio das instituições financeiras) em curso no mundo pode implicar, no caso americano, queda de US\$ 7,7 trilhões no volume de empréstimos do sistema financeiro, o que equivale a 52% do PIB dos Estados Unidos. Esse cálculo assume que a “alavancagem” média do sistema passaria de 12 para 8, ou que o grau de rolagem (quanto dos empréstimos é refinanciado) implícito no estoque da dívida no sistema financeiro americano cairia para 66% do total. Em resumo, resultará um aperto na gestão financeira dos seus devedores provavelmente sem precedentes históricos.

Inserido, como está, no sistema financeiro internacional (pois se estimam US\$ 72 bilhões de amortizações vencendo em 2009), o setor privado brasileiro não tem como ficar imune a esse ajuste. Nem o País como um todo. Como o grau de “rolagem” do que vence no momento é da ordem de 33%, os agentes que devem em dólares vão correr primeiro atrás de moeda doméstica - reais - e, depois, de comprar os próprios dólares, pressionando os preços dessas mercadorias, que são precisamente os dois preços macroeconômicos básicos: taxa de juros e taxa de câmbio.

Conforme já foi anunciado, o Banco Central pode ajudar a aumentar a oferta de reais a esse segmento, com lastro nos dólares das reservas, mas isso tem óbvios limites. Numa palavra, num país com a tradição de dependência de moeda estrangeira como o Brasil, reservas em divisas existem para serem preservadas. A outra mercadoria igualmente escassa no momento são os nossos reais, que não costumam “dar sopa” nestas plagas, especialmente com a economia crescendo, como vinha até bem recentemente, acima de sua capacidade.

A continuar o baixo índice de rolagem da dívida externa brasileira, o efeito altista sobre a taxa de câmbio e as taxas de juros de mercado é forte e imediato, como já está acontecendo. Para agravar o quadro, há o efeito desfavorável da queda dos preços de nossas commodities de exportação. Depois chegará a conta em termos de queda do crescimento econômico e do emprego.

A solução global para esse problema só o governo pode capitanear e se resume a: 1) Lutar lá fora para aumentar a oferta de dólares para o País e 2) cortar seus gastos correntes, preservando os investimentos, para o setor privado não ter de cortar seus próprios investimentos além do minimamente necessário.

*(\*)Raul Velloso é consultor econômico. Artigo publicado no Jornal “O Estado de S. Paulo” em 05/01/2009.*

# Inevitável ajuste de Estados e municípios

Raul Velloso (\*)

No arsenal de medidas de ajuste fiscal adotado pelo governo FHC e preservado por Lula, o esquema de renegociação das dívidas dos governos regionais (1999) há muito pede revisão, diante da qual tanto o Planalto quanto o Ministério da Fazenda têm silenciado. Graças a ele, mais até do que à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), os Estados foram levados a gerar excedentes fiscais expressivos, ante uma situação prévia de resultados deficitários.

Funciona assim: a União está autorizada a abater previamente os pagamentos relacionados com o serviço da dívida renegociada (no máximo 13% ou 15%) das transferências de receita que o governo federal é obrigado a fazer todos os meses. Para completar, a LRF proibiu a assinatura de novos contratos de renegociação, impedindo a reenegociação.

Com essas e sob as demais restrições a que estão sujeitas, as administrações regionais acabaram sendo postas numa camisa-de-força, resultando algumas distorções que precisam ser examinadas e corrigidas, segundo clamor político com respaldo até do PT. Uma é que se está acumulando uma dívida residual expressiva em administrações de elevado peso no conjunto, diante das condições estabelecidas originalmente para o pagamento da dívida renegociada e dos elevados estoques iniciais de endividamento. Outra é que continua a prevalecer um viés anti-investimento nas áreas fora educação e saúde, que é obviamente prejudicial às comunidades afetadas.

Limitando a discussão ao segundo ponto e aos Estados, estes estão sujeitos a gastar pelo menos 25% de suas receitas líquidas em educação e 12% em saúde, incluindo nesses percentuais a parcela de pessoal das respectivas áreas. Deve-se perguntar se faz sentido amarrar parcelas mínimas tão expressivas do orçamento a esses setores, que em geral realizam gastos elevados sem contrapartida de resultados. Além disso, é reduzida a margem de aproveitamento dos frutos da política de ajuste de pessoal nesses setores específicos, pois qualquer economia de gasto na sua despesa de pessoal terá de ser compensada por aumento equivalente de gastos no item “outros custeios e capital” dentro da mesma seara.

Outro problema é que o próprio limite global do gasto de pessoal (60% da receita líquida total) na prática acabou virando piso.

Assim, imagine um Estado em que: 1) Há cumprimento estrito da LRF no tocante ao limite de pessoal e obediência às vinculações de educação e saúde; 2) a parcela mínima de gasto fora pessoal dos Poderes Judiciário e Legislativo é da ordem de 2% da receita líquida total (RLT); 3) o serviço total da dívida corresponde a 18% da RLT (sendo 5% para a dívida extra-acordos); e 4) a participação do gasto de pessoal nos demais setores fora educação e saúde é de 55% do total desse mesmo gasto. Nesse caso, a sobra de recursos para cobrir despesas em “outros custeios e capital” das secretarias fora educação e saúde (incluindo os investimentos em infraestrutura) seria de apenas 10% da receita líquida, pois os demais gastos antes citados comprometeriam a expressiva parcela de 90% da receita. Diante da experiência acumulada de várias gestões estaduais, a parcela de 10% das receitas, calculada sobre patamares que vigoravam até bem pouco, revelar-se-ia insuficiente para atender às necessidades mínimas dos setores excluídos do manto de proteção das vinculações de receita e outras amarrações constitucionais.

Louve-se o esforço de ajuste em curso nas atuais administrações dos Estados do Rio Grande do Sul e de Alagoas, que tentam reverter quadro caótico crônico. Cabe destacar também os esforços realizados pelos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (este mais recentemente), que conseguiram reverter situações também bastante complicadas. Sem falar no caso de São Paulo, que, em termos comparativos, investe mais que a União. Nesse contexto, a maior disponibilidade de recursos resultante da bolha imobiliária permitiu alguma recuperação dos gastos das áreas desprotegidas por vinculação de receita, mesmo que ela represente apenas 10%. Só que, diante da crise e da queda de receitas que batem à porta, é preciso definir medidas capazes de reduzir o piso do gasto global de pessoal e flexibilizar o pesado esquema de vinculações de receita em vigor. Num ano em que são negociados os apoios visando à sucessão de 2010, esse será um tema inevitável. Tanto na mesa do governo quanto na da oposição.

(\*)Raul Velloso é consultor econômico. Artigo publicado no Jornal “O Estado de S. Paulo” em 14/01/2009.



# Documentos

## MEDIDA PROVISÓRIA Nº 449, DE 3 DE DEZEMBRO DE 2008.

Altera a legislação tributária federal relativa ao parcelamento ordinário de débitos tributários, concede remissão nos casos em que especifica, institui regime tributário de transição, e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

### CAPÍTULO I

#### DOS PARCELAMENTOS

##### Seção I

Do Parcelamento ou Pagamento de Dívidas de Pequeno Valor

Art. 1º As dívidas de pequeno valor com a Fazenda Nacional, inscritas ou não em Dívida Ativa da União, poderão ser pagas ou parceladas, atendidas as condições e os limites previstos neste artigo.

§ 1º Considera-se de pequeno valor a dívida vencida até 31 de dezembro de 2005, consolidada por sujeito passivo, com exigibilidade suspensa ou não, cujo valor não seja superior ao limite estabelecido no **caput** do art. 20 da Lei nº 10.522, de 19 de julho de 2002, considerados isoladamente:

I - os débitos inscritos em Dívida Ativa da União, no âmbito da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional;

II - os débitos decorrentes das contribuições sociais previstas nas alíneas “a”, “b” e “c” do parágrafo único do art. 11 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, das contribuições instituídas a título de substituição e das contribuições devidas a terceiros, assim entendidas outras entidades e fundos, administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil; e

III - os demais débitos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.

§ 2º Observados os requisitos e as condições estabelecidos em ato conjunto do Procurador-Geral da Fazenda Nacional e do Secretário da Receita Federal do Brasil, os débitos a que se refere este artigo poderão ser pagos ou parcelados da seguinte forma:

I - à vista ou parcelados em até seis prestações mensais, com redução de cem por cento das multas de mora e de ofício, de trinta por cento dos juros de mora e de cem por cento sobre o valor do encargo legal;

II - parcelados em até trinta prestações mensais, com redução de sessenta por cento sobre o valor das multas de mora e de ofício e cem por cento sobre o valor do encargo legal; ou

III - parcelados em até sessenta prestações mensais, com redução de quarenta por cento sobre o valor das multas de mora e de ofício e de cem por cento sobre o valor do encargo legal.

§ 3º O requerimento do parcelamento abrangerá, obrigatoriamente, todos os débitos de que trata este artigo, no âmbito de cada um dos órgãos, ressalvado o disposto no § 4º.

§ 4º O disposto neste artigo não se aplica às multas isoladas e às multas decorrentes de descumprimento de obrigações tributárias acessórias e de infrações à legislação penal e eleitoral, inscritas ou não em Dívida Ativa da União.

§ 5º A dívida com a Fazenda Nacional de valor consolidado superior ao indicado no § 1º poderá ser parcelada desde que o valor excedente ao limite máximo fixado seja quitado à vista e sem as reduções previstas neste artigo.

§ 6º A dívida objeto do parcelamento será consolidada na data do seu requerimento e será dividida pelo número de prestações que forem indicadas pelo sujeito passivo, nos termos do § 2º, não podendo cada prestação mensal ser inferior a:

I - R\$ 50,00 (cinquenta reais) no caso de pessoa física; e

II - R\$ 100,00 (cem reais) no caso de pessoa jurídica.

##### Seção II

Do Pagamento ou do Parcelamento de Dívidas Decorrentes de Aproveitamento

Indevido de Créditos de IPI e dos Programas REFIS e PAES

Art. 2º Poderão ser pagos ou parcelados, nas condições deste artigo, a totalidade dos débitos de pessoas jurídicas junto à Secretaria da Receita Federal do Brasil e à Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, relativos aos fatos geradores ocorridos até 31 de maio de 2008, decorrentes do aproveitamento indevido de créditos do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI oriundos da aquisição de matérias primas, material de embalagem e produtos intermediários relacionados na Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados - TIPI, aprovada pelo Decreto nº 6.006, de 28 de dezembro de 2006, com incidência de alíquota zero ou como não-tributados.

§ 1º O disposto neste artigo aplica-se aos créditos constituídos ou não, inscritos ou não em Dívida Ativa da União, mesmo em fase de execução fiscal já ajuizada, que foram indevidamente aproveitados na apuração do IPI.

§ 2º Os débitos a que se refere este artigo poderão ser pagos ou parcelados da seguinte forma:

I - à vista ou parcelados em até seis meses, com redução de cem por cento das multas de mora e de ofício, de trinta por cento dos juros de mora e de cem por cento sobre o valor do encargo legal;

II - parcelados em até vinte e quatro meses, com redução de oitenta por cento das multas de mora e de ofício, de trinta por cento dos juros de mora e de cem por cento sobre o valor do encargo legal; ou

III - sem qualquer redução de multas, de juros ou de encargos legais, no caso de:

a) parcelamento em até sessenta meses; ou

b) parcelamento em até cento e vinte meses, desde que a primeira parcela corresponda a, no mínimo, trinta por cento da totalidade dos débitos consolidados.

§ 3º O valor mínimo de cada prestação, em relação aos débitos consolidados na forma deste artigo, não poderá ser inferior a R\$ 2.000,00 (dois mil reais).

§ 4º Alternativamente à regra contida na alínea “b” do inciso III do § 2º, que estipula o pagamento de trinta por cento da totalidade dos débitos consolidados na primeira parcela, o sujeito passivo poderá optar pelo pagamento mensal de três prestações do parcelamento durante os primeiros doze meses, retornando ao pagamento de uma prestação mensal, a partir do décimo terceiro mês.

Art. 3º Os sujeitos passivos operantes pelo Programa de Recuperação Fiscal - REFIS, de que trata a Lei nº 9.964, de 10 de abril de 2000, e do Parcelamento Especial - PAES, de que trata a Lei nº 10.684, de 30 de maio de 2003, poderão optar pelo pagamento ou parcelamento do saldo remanescente dos débitos consolidados em cada um dos programas na forma dos §§ 2º e 3º do art. 2º.



§ 1º Para os fins de que trata o **caput** serão restabelecidos à data da solicitação do novo parcelamento os valores correspondentes ao crédito originalmente confessado e seus respectivos acréscimos legais, de acordo com a legislação aplicável em cada caso.

§ 2º Computadas as parcelas pagas até a data da solicitação do novo parcelamento, o pagamento ou parcelamento do saldo que houver poderá ser liquidado pelo contribuinte na forma e condições previstas no § 2º, incisos I e II, do art. 2º.

§ 3º A opção pelo pagamento ou parcelamento de que trata este artigo importará na desistência compulsória e definitiva do REFIS e do PAES, conforme o caso.

### Seção III

#### Das Disposições Comuns aos Parcelamentos

Art. 4º Aos parcelamentos de que tratam os arts. 1º e 2º desta Medida Provisória não se aplicam o disposto no § 1º do art. 3º da Lei no 9.964, de 2000, no § 2º do art. 14-A da Lei no 10.522, de 2002, e no § 10 do art. 1º da Lei no 10.684, de 2003.

Art. 5º A opção pelos parcelamentos de que tratam os arts. 1º e 2º desta Medida Provisória importa confissão irrevogável e irretroatável da totalidade dos débitos existentes em nome do sujeito passivo na condição de contribuinte ou responsável, configura confissão extrajudicial nos termos dos arts. 348, 353 e 354 da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 - Código de Processo Civil, e condiciona o sujeito passivo à aceitação plena e irretroatável de todas as condições estabelecidas nesta Medida Provisória.

Art. 6º O sujeito passivo que possuir ação judicial em curso, na qual requer o restabelecimento de sua opção ou a sua reinclusão em outros parcelamentos, deverá desistir da respectiva ação judicial e renunciar a qualquer alegação de direito sobre o qual se funda a referida ação, protocolando requerimento de extinção do processo com resolução do mérito, nos termos do inciso V do art. 269 do Código de Processo Civil, até a data do requerimento do parcelamento.

Art. 7º A opção pelo pagamento à vista ou pelos parcelamentos de débitos de que tratam os arts. 1º e 2º desta Medida Provisória deverá ser efetivada até o último dia útil do terceiro mês subsequente ao da publicação desta Medida Provisória.

Art. 8º A inclusão de débitos nos parcelamentos de que tratam os arts. 1º e 2º desta Medida Provisória não implica novação de dívida.

Art. 9º As reduções previstas nos arts. 1º e 2º desta Medida Provisória não são cumulativas com outras previstas em lei e serão aplicadas somente em relação aos saldos devedores dos débitos.

Parágrafo único. Na hipótese de anterior concessão de redução de multa, de mora e de ofício, de juros de mora ou de encargos legais em percentuais diversos dos estabelecidos nos arts. 1º e 2º desta Medida Provisória, prevalecerão os percentuais nela referidos, aplicados sobre os respectivos valores originais.

Art. 10. Os depósitos existentes, vinculados aos débitos a serem pagos ou parcelados nos termos dos arts. 1º e 2º desta Medida Provisória, serão automaticamente convertidos em renda da União, aplicando-se as reduções para pagamento à vista ou parcelamento sobre o saldo remanescente.

Art. 11. Os parcelamentos requeridos na forma e condições de que tratam os arts. 1º e 2º desta Medida Provisória:

I - não dependem de apresentação de garantia ou de arrolamento de bens, exceto quando já houver penhora em execução fiscal ajuizada; e

II - no caso de débito inscrito em Dívida Ativa da União, abrangerão inclusive os encargos legais, quando devidos.

Art. 12. A Secretaria da Receita Federal do Brasil e a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, no âmbito de suas respectivas competências, editarão os atos necessários à execução dos parce-

lamentos de que tratam os arts. 1º e 2º desta Medida Provisória, inclusive quanto à forma e o prazo para confissão dos débitos a serem parcelados.

Art. 13. Aplicam-se, subsidiariamente, aos parcelamentos previstos nos arts. 1º e 2º desta Medida Provisória as disposições dos arts. 10 a 13, do **caput** e dos §§ 1º e 3º do art. 14-A e do art. 14-B da Lei nº 10.522, de 2002.

Parágrafo único. Não se aplica o disposto no art. 14 da Lei nº 10.522, de 2002, aos parcelamentos de que tratam os arts. 1º e 2º desta Medida Provisória.

## CAPÍTULO II DA REMISSÃO

Art. 14. Ficam remittidos os débitos com a Fazenda Nacional, inclusive aqueles com exigibilidade suspensa que, em 31 de dezembro de 2007, estejam vencidos há cinco anos ou mais e cujo valor total consolidado, nessa mesma data, seja igual ou inferior a R\$ 10.000,00 (dez mil reais).

§ 1º O limite previsto no **caput** deve ser considerado por sujeito passivo, e, separadamente, em relação:

I - aos débitos inscritos em Dívida Ativa da União, no âmbito da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional;

II - aos débitos decorrentes das contribuições sociais previstas nas alíneas “a”, “b” e “c” do parágrafo único do art. 11 da Lei nº 8.212, de 1991, das contribuições instituídas a título de substituição e das contribuições devidas a terceiros, assim entendidas outras entidades e fundos, administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil; e

III - aos demais débitos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.

§ 2º Na hipótese do IPI, o valor de que trata este artigo será apurado considerando a totalidade dos estabelecimentos da pessoa jurídica.

§ 3º O disposto neste artigo não implica restituição de quantias pagas.

## CAPÍTULO III DO REGIME TRIBUTÁRIO DE TRANSIÇÃO

Art. 15. Fica instituído o Regime Tributário de Transição - RTT de apuração do lucro real, que trata dos ajustes tributários decorrentes dos novos métodos e critérios contábeis introduzidos pela Lei nº 11.638, de 28 de dezembro de 2007, e pelos arts. 36 e 37 desta Medida Provisória.

§ 1º O RTT vigorará até a entrada em vigor de lei que discipline os efeitos tributários dos novos métodos e critérios contábeis, buscando a neutralidade tributária.

§ 2º Nos anos-calendário de 2008 e 2009, o RTT será optativo, observado o seguinte:

I - a opção aplicar-se-á ao biênio 2008-2009, vedada a aplicação do regime em um único ano-calendário;

II - a opção a que se refere o inciso I deverá ser manifestada, de forma irretroatável, na Declaração de Informações Econômico-Fiscais da Pessoa Jurídica 2009;

III - no caso de apuração pelo lucro real trimestral dos trimestres já transcorridos do ano-calendário de 2008, a eventual diferença entre o valor do imposto devido com base na opção pelo RTT e o valor antes apurado deverá ser recolhida até o último dia útil do mês de janeiro de 2009 ou compensada, conforme o caso;

IV - na hipótese de início de atividades no ano-calendário de 2009, a opção deverá ser manifestada, de forma irretroatável, na Declaração de Informações Econômico-Fiscais da Pessoa Jurídica 2010.

§ 3º Observado o prazo estabelecido no § 1º, o RTT será

obrigatório a partir do ano-calendário de 2010, inclusive para a apuração do imposto sobre a renda com base no lucro presumido ou arbitrado, da Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido - CSLL, da Contribuição para o PIS/PASEP e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS.

§ 4º Quando paga até o prazo previsto no inciso III do § 2º, a diferença apurada será recolhida sem acréscimos.

Art. 16. As alterações introduzidas pela Lei nº 11.638, de 2007, e pelos arts. 36 e 37 desta Medida Provisória que modifiquem o critério de reconhecimento de receitas, custos e despesas computadas na apuração do lucro líquido do exercício definido no art. 191 da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, não terão efeitos para fins de apuração do lucro real da pessoa jurídica sujeita ao RTT, devendo ser considerados, para fins tributários, os métodos e critérios contábeis vigentes em 31 de dezembro de 2007.

Parágrafo único. Aplica-se o disposto no **caput** às normas expedidas pela Comissão de Valores Mobiliários, com base na competência conferida pelo § 3º do art. 177 da Lei no 6.404, de 1976, e pelos demais órgãos reguladores que visem alinhar a legislação específica com os padrões internacionais de contabilidade.

Art. 17. Na ocorrência de disposições da lei tributária que conduzam ou incentivem a utilização de métodos ou critérios contábeis diferentes daqueles determinados pela Lei nº 6.404, de 1976, com as alterações da Lei nº 11.638, de 28 de dezembro de 2007, e dos arts. 36 e 37 desta Medida Provisória, e pelas normas expedidas pela Comissão de Valores Mobiliários com base na competência conferida pelo § 3º do art. 177 da Lei no 6.404, de 1976, e demais órgãos reguladores, a pessoa jurídica sujeita ao RTT deverá realizar o seguinte procedimento:

I - utilizar os métodos e critérios definidos pela Lei nº 6.404, de 1976, para apurar o resultado do exercício antes do Imposto sobre a Renda, referido no inciso V do art. 187 dessa Lei, deduzido das participações de que trata o inciso VI do mesmo artigo, com a adoção:

a) dos métodos e critérios introduzidos pela Lei nº 11.638, de 2007, e pelos arts. 36 e 37 desta Medida Provisória; e

b) das determinações constantes das normas expedidas pela Comissão de Valores Mobiliários, com base na competência conferida pelo § 3º do art. 177 da Lei no 6.404, de 1976, no caso de companhias abertas e outras que optem pela sua observância;

II - realizar ajustes específicos ao lucro líquido do período, apurado nos termos do inciso I, no Livro de Apuração do Lucro Real, inclusive com observância do disposto no § 2º, que revertam o efeito da utilização de métodos e critérios contábeis diferentes daqueles da legislação tributária, baseada nos critérios contábeis vigentes em 31 de dezembro de 2007, nos termos do art. 16; e

III - realizar os demais ajustes, no Livro de Apuração do Lucro Real, de adição, exclusão e compensação, prescritos ou autorizados pela legislação tributária, para apuração da base de cálculo do imposto.

§ 1º Na hipótese de ajustes temporários do imposto, realizados na vigência do RTT e decorrentes de fatos ocorridos nesse período, que impliquem ajustes em períodos subseqüentes, permanece:

I - a obrigação de adições relativas a exclusões temporárias; e

II - a possibilidade de exclusões relativas a adições temporárias.

§ 2º A pessoa jurídica sujeita ao RTT, desde que observe as normas constantes deste Capítulo, fica dispensada de realizar, em sua escrituração comercial, qualquer procedimento contábil determinado pela legislação tributária que altere os saldos das contas patrimoniais ou de resultado quando em desacordo com:

I - os métodos e critérios estabelecidos pela Lei nº 6.404, de

1976, alterada pela Lei nº 11.638, de 2007, e pelos arts. 36 e 37 desta Medida Provisória; ou

II - as normas expedidas pela Comissão de Valores Mobiliários, no uso da competência conferida pelo § 3º do art. 177 da Lei no 6.404, de 1976, e pelos demais órgãos reguladores.

Art. 18. Para fins de aplicação do disposto nos arts. 15 a 17, às subvenções para investimento, inclusive mediante isenção ou redução de impostos, concedidas como estímulo à implantação ou expansão de empreendimentos econômicos, e às doações, feitas pelo Poder Público, a que se refere o art. 38 do Decreto-Lei nº 1.598, de 26 de dezembro de 1977, a pessoa jurídica deverá:

I - reconhecer o valor da doação ou subvenção em conta do resultado pelo regime de competência, inclusive com observância das determinações constantes das normas expedidas pela Comissão de Valores Mobiliários, no uso da competência conferida pelo § 3º do art. 177 da Lei nº 6.404, de 1976, no caso de companhias abertas e outras que optem pela sua observância;

II - excluir, no Livro de Apuração do Lucro Real, o valor referente à parcela do lucro líquido do exercício decorrente de doações ou subvenções governamentais para investimentos, para fins de apuração do lucro real;

III - manter o valor referente à parcela do lucro líquido do exercício decorrente da doação ou subvenção na reserva de lucros a que se refere o art. 195-A da Lei nº 6.404, de 1976; e

IV - adicionar, no Livro de Apuração do Lucro Real, para fins de apuração do lucro real, o valor referido no inciso II, no momento em que ele tiver destinação diversa daquela referida no inciso III.

Parágrafo único. As doações e subvenções de que trata o **caput** serão tributadas caso seja dada destinação diversa da prevista neste artigo, inclusive nas hipóteses de:

I - capitalização do valor e posterior restituição de capital aos sócios ou ao titular, mediante redução do capital social, hipótese em que a base para a incidência será o valor restituído, limitado ao valor total das exclusões decorrentes de doações ou subvenções governamentais para investimentos;

II - restituição de capital aos sócios ou ao titular, mediante redução do capital social, nos cinco anos anteriores à data da doação ou subvenção, com posterior capitalização do valor da doação ou subvenção, hipótese em que a base para a incidência será o valor restituído, limitado ao valor total das exclusões decorrentes de doações ou subvenções governamentais para investimentos; ou

III - integração à base de cálculo dos dividendos obrigatórios.

Art. 19. Para fins de aplicação do disposto nos arts. 15 a 17, em relação ao prêmio na emissão de debêntures a que se refere o art. 38 do Decreto-Lei nº 1.598, de 1977, a pessoa jurídica deverá:

I - reconhecer o valor do prêmio na emissão de debêntures em conta do resultado pelo regime de competência e de acordo com as determinações constantes das normas expedidas pela Comissão de Valores Mobiliários, no uso da competência conferida pelo § 3º do art. 177 da Lei no 6.404, de 1976, no caso de companhias abertas e outras que optem pela sua observância;

II - excluir, no Livro de Apuração do Lucro Real, o valor referente à parcela do lucro líquido do exercício decorrente do prêmio na emissão de debêntures, para fins de apuração do lucro real;

III - manter o valor referente à parcela do lucro líquido do exercício decorrente do prêmio na emissão de debêntures em reserva de lucros específica; e

IV - adicionar, no Livro de Apuração do Lucro Real, para fins de apuração do lucro real, o valor referido no inciso II, no momento em que ele tiver destinação diversa daquela referida no inciso III.

§ 1º A reserva de lucros específica a que se refere o inciso III

do **caput**, para fins do limite de que trata o art. 199 da Lei no 6.404, de 1976, terá o mesmo tratamento dado à reserva de lucros prevista no art. 195-A da referida Lei.

§ 2º O prêmio na emissão de debêntures de que trata o **caput** será tributado caso seja dada destinação diversa da que está prevista neste artigo, inclusive nas hipóteses de:

I - capitalização do valor e posterior restituição de capital aos sócios ou ao titular, mediante redução do capital social, hipótese em que a base para a incidência será o valor restituído, limitado ao valor total das exclusões decorrentes de prêmios na emissão de debêntures;

II - restituição de capital aos sócios ou ao titular, mediante redução do capital social, nos cinco anos anteriores à data da emissão das debêntures com o prêmio, com posterior capitalização do valor do prêmio, hipótese em que a base para a incidência será o valor restituído, limitado ao valor total das exclusões decorrentes de prêmios na emissão de debêntures; ou

III - integração à base de cálculo dos dividendos obrigatórios.

Art. 20. Para os anos-calendário de 2008 e de 2009, a opção pelo RTT será aplicável também à apuração do Imposto sobre a Renda das Pessoas Jurídicas - IRPJ com base no lucro presumido.

§ 1º A opção de que trata o **caput** é aplicável a todos os trimestres nos anos-calendário de 2008 e de 2009.

§ 2º Nos trimestres já transcorridos do ano-calendário de 2008, a eventual diferença entre o valor do imposto devido com base na opção pelo RTT e o valor antes apurado deverá ser recolhida até o último dia útil do mês de janeiro de 2009 ou compensada, conforme o caso.

§ 3º Quando paga até o prazo previsto no § 2º, a diferença apurada será recolhida sem acréscimos.

Art. 21. As opções de que tratam os arts. 15 e 20, referentes ao IRPJ, implicam a adoção do RTT na apuração da Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido - CSLL, da Contribuição para o PIS/PASEP e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS.

Parágrafo único. Para fins de aplicação do RTT, poderão ser excluídos da base de cálculo da Contribuição para o PIS/Pasep e da COFINS, quando registrados em conta de resultado:

I - o valor das subvenções e doações feitas pelo Poder Público, de que trata o art. 18; e

II - o valor do prêmio na emissão de debêntures, de que trata o art. 19.

Art. 22. Na hipótese de que trata os arts. 20 e 21, o controle dos ajustes extracontábeis decorrentes da opção pelo RTT será definido em ato da Secretaria da Receita Federal do Brasil.

#### CAPÍTULO IV

#### DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 23. O Decreto nº 70.235, de 6 de março de 1972, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 9º. A exigência do crédito tributário e a aplicação de penalidade isolada serão formalizados em autos de infração ou notificações de lançamento, distintos para cada tributo ou penalidade, os quais deverão estar instruídos com todos os termos, depoimentos, laudos e demais elementos de prova indispensáveis à comprovação do ilícito.

§ 4º O disposto no **caput** aplica-se também nas hipóteses em que, constatada infração à legislação tributária, dela não resulte exigência de crédito tributário.

§ 5º Os autos de infração e as notificações de lançamento de que trata o **caput**, formalizados em decorrência de fiscalização relacionada a regime especial unificado de arrecadação de tributos,

poderão conter lançamento único para todos os tributos por eles abrangidos.

§ 6º O disposto no **caput** não se aplica às contribuições de que trata o art. 3º da Lei nº 11.457, de 16 de março de 2007.

§ 7º O Poder Executivo poderá estabelecer outras situações nas quais um único lançamento abrangerá mais de um tributo.” (NR)

“Art. 23. ....

§ 1º Quando resultar improficuo um dos meios previstos no **caput** ou quando o sujeito passivo tiver sua inscrição declarada inapta perante o cadastro fiscal, a intimação poderá ser feita por edital publicado:

.....

§ 2º .....

.....

III - se por meio eletrônico:

a) quinze dias contados da data registrada no comprovante de entrega no domicílio tributário do sujeito passivo;

b) na data em que o sujeito passivo efetuar consulta no endereço eletrônico a ele atribuído pela administração tributária, se ocorrida antes do prazo previsto na alínea “a”; ou

c) na data registrada no meio magnético ou equivalente utilizado pelo sujeito passivo;

.....” (NR)

“Art. 24. ....

Parágrafo único. Quando o ato for praticado por meio eletrônico, a administração tributária poderá atribuir o preparo do processo a unidade da administração tributária diversa da prevista no **caput**.” (NR)

“Art. 25. O julgamento de processos sobre a aplicação da legislação referente a tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil compete:

.....

II - em segunda instância, ao Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, órgão colegiado, paritário, integrante da estrutura do Ministério da Fazenda, com atribuição de julgar recursos de ofício e voluntários de decisão de primeira instância, bem como recursos de natureza especial.

§ 1º O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais será constituído por seções e pela Câmara Superior de Recursos Fiscais.

§ 2º As seções serão especializadas por matéria e constituídas por câmaras.

§ 3º A Câmara Superior de Recursos Fiscais será constituída por turmas, compostas pelos Presidentes e Vice-Presidentes das câmaras.

§ 4º As câmaras poderão ser divididas em turmas.

§ 5º O Ministro de Estado da Fazenda poderá criar, nas seções, turmas especiais, de caráter temporário, com competência para julgamento de processos que envolvam valores reduzidos ou matéria recorrente ou de baixa complexidade, que poderão funcionar nas cidades onde estão localizadas as Superintendências Regionais da Receita Federal do Brasil.

§ 6º Na composição das câmaras, das suas turmas e das turmas especiais, será respeitada a paridade entre representantes da Fazenda Nacional e representantes dos contribuintes.

§ 7º As turmas da Câmara Superior de Recursos Fiscais serão constituídas pelo Presidente do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, pelo Vice-Presidente, pelos Presidentes e pelos Vice-Presidentes das câmaras.

§ 8º A presidência das turmas da Câmara Superior de Recursos Fiscais será exercida pelo Presidente do Conselho Administrativo de

Recursos Fiscais e a vice-presidência, por conselheiro representante dos contribuintes.

§ 9º Os cargos de Presidente das Turmas da Câmara Superior de Recursos Fiscais, das câmaras, das suas turmas e das turmas especiais serão ocupados por conselheiros representantes da Fazenda Nacional, que, em caso de empate, terão o voto de qualidade, e os cargos de Vice-Presidente, por representantes dos contribuintes.

§ 10. Os conselheiros serão designados pelo Ministro de Estado da Fazenda para mandato, limitando-se as reconduções, na forma e no prazo estabelecidos no regimento interno.

§ 11. O Ministro de Estado da Fazenda, observado o devido processo legal, decidirá sobre a perda do mandato, para os conselheiros que incorrerem em falta grave, definida no regimento interno.” (NR)

“Art. 26. A Câmara Superior de Recursos Fiscais poderá, nos termos do regimento interno, após reiteradas decisões sobre determinada matéria e com a prévia manifestação da Secretaria da Receita Federal do Brasil e da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, editar enunciado de súmula que, mediante aprovação de dois terços dos seus membros e do Ministro de Estado da Fazenda, terá efeito vinculante em relação aos demais órgãos da administração tributária federal, a partir de sua publicação na imprensa oficial.

Parágrafo único. A Câmara Superior de Recursos Fiscais poderá rever ou cancelar súmula, de ofício ou mediante proposta apresentada pelo Procurador-Geral da Fazenda Nacional ou pelo Secretário da Receita Federal do Brasil.” (NR)

“Art. 26-A. No âmbito do processo administrativo fiscal, fica vedado aos órgãos de julgamento afastar a aplicação ou deixar de observar tratado, acordo internacional, lei ou decreto, sob fundamento de inconstitucionalidade.

Parágrafo único. O disposto no **caput** não se aplica aos casos de tratado, acordo internacional, lei ou ato normativo:

I - que já tenha sido declarado inconstitucional por decisão plenária definitiva do Supremo Tribunal Federal;

II - que fundamente crédito tributário objeto de:

a) dispensa legal de constituição ou de ato declaratório do Procurador-Geral da Fazenda Nacional, na forma dos arts. 18 e 19 da Lei nº 10.522, de 19 de junho de 2002;

b) súmula da Advocacia-Geral da União, na forma do art. 43 da Lei Complementar nº 73, de 10 de fevereiro de 1993; ou

c) pareceres do Advogado-Geral da União aprovados pelo Presidente da República, na forma do art. 40 da Lei Complementar nº 73, de 1993.” (NR)

“Art. 37. O julgamento no Conselho Administrativo de Recursos Fiscais far-se-á conforme dispuser o regimento interno.

§ 2º Caberá recurso especial à Câmara Superior de Recursos Fiscais, no prazo de quinze dias da ciência do acórdão ao interessado:

I - de decisão não-unânime de Câmara, turma de Câmara ou turma especial, quando for contrária à lei ou à evidência da prova;

II - de decisão que der à lei tributária interpretação divergente da que lhe tenha dado outra Câmara, turma de Câmara, turma especial ou a própria Câmara Superior de Recursos Fiscais.

§ 3º No caso do inciso I do § 2º, o recurso é privativo do Procurador da Fazenda Nacional.

§ 4º Das decisões de Câmara, de turma de Câmara ou de turma especial que der provimento a recurso de ofício, caberá recurso voluntário, no prazo de trinta dias, à Câmara Superior de Recursos Fiscais.”(NR)

Art. 24. A Lei nº 8.212, de 1991, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 32. ....

III - prestar à Secretaria da Receita Federal do Brasil todas as informações cadastrais, financeiras e contábeis de seu interesse, na forma por ela estabelecida, bem como os esclarecimentos necessários à fiscalização;

IV - declarar à Secretaria da Receita Federal do Brasil e ao Conselho Curador do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS, na forma, prazo e condições estabelecidos por esses órgãos, dados relacionados a fatos geradores, base de cálculo e valores devidos da contribuição previdenciária e outras informações de interesse do INSS ou do Conselho Curador do FGTS;

§ 2º A declaração de que trata o inciso IV constitui confissão de dívida e instrumento hábil e suficiente para a exigência do crédito tributário, e suas informações comporão a base de dados para fins de cálculo e concessão dos benefícios previdenciários.

§ 2º A empresa deverá apresentar o documento a que se refere o inciso IV ainda que não ocorram fatos geradores de contribuição previdenciária, aplicando-se, quando couber, a penalidade prevista no art. 32-A.

§ 10. O descumprimento do disposto no inciso IV impede a expedição da certidão de prova de regularidade fiscal perante a Fazenda Nacional.

§ 11. Em relação aos créditos tributários, os documentos comprobatórios do cumprimento das obrigações de que trata este artigo devem ficar arquivados na empresa até que ocorra a prescrição relativa aos créditos decorrentes das operações a que se refram.” (NR)

“Art. 32-A. O contribuinte que deixar de apresentar a declaração de que trata o inciso IV do art. 32 no prazo fixado ou que a apresentar com incorreções ou omissões será intimado a apresentá-la ou a prestar esclarecimentos e sujeitar-se-á às seguintes multas:

I - de dois por cento ao mês-calendário ou fração, incidente sobre o montante das contribuições informadas, ainda que integralmente pagas, no caso de falta de entrega da declaração ou entrega após o prazo, limitada a vinte por cento, observado o disposto no § 3º; e

II - de R\$ 20,00 (vinte reais) para cada grupo de dez informações incorretas ou omitidas.

§ 1º Para efeito de aplicação da multa prevista no inciso I do **caput**, será considerado como termo inicial o dia seguinte ao término do prazo fixado para entrega da declaração e como termo final a data da efetiva entrega ou, no caso de não-apresentação, a data da lavratura do auto de infração ou da notificação de lançamento.

§ 2º Observado o disposto no § 3º, as multas serão reduzidas:

I - à metade, quando a declaração for apresentada após o prazo, mas antes de qualquer procedimento de ofício; ou

II - a setenta e cinco por cento, se houver apresentação da declaração no prazo fixado em intimação.

§ 3º A multa mínima a ser aplicada será de:

I - R\$ 200,00 (duzentos reais), tratando-se de omissão de declaração sem ocorrência de fatos geradores de contribuição previdenciária; e

II - R\$ 500,00 (quinhentos reais), nos demais casos.” (NR)

“Art. 33. À Secretaria da Receita Federal do Brasil compete planejar, executar, acompanhar e avaliar as atividades relativas a tributação, fiscalização, arrecadação, cobrança e recolhimento das contribuições sociais previstas no parágrafo único do art. 11, as contribuições incidentes a título de substituição e as devidas a



outras entidades e fundos.

§ 1º É prerrogativa da Secretaria da Receita Federal do Brasil, por intermédio dos Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil, o exame da contabilidade das empresas, ficando obrigados a prestar em todos os esclarecimentos e informações solicitados, o segurado e os terceiros responsáveis pelo recolhimento das contribuições previdenciárias e das contribuições devidas a outras entidades e fundos.

§ 2º A empresa, o segurado da Previdência Social, o serventário da Justiça, o síndico ou seu representante, o comissário e o liquidante de empresa em liquidação judicial ou extrajudicial são obrigados a exibir todos os documentos e livros relacionados com as contribuições previstas nesta Lei.

§ 3º Ocorrendo recusa ou sonegação de qualquer documento ou informação, ou sua apresentação deficiente, a Secretaria da Receita Federal do Brasil pode, sem prejuízo da penalidade cabível, lançar de ofício a importância devida, cabendo à empresa ou ao segurado o ônus da prova em contrário.

§ 4º Na falta de prova regular e formalizada, o montante dos salários pagos pela execução de obra de construção civil pode ser obtido mediante cálculo da mão-de-obra empregada, proporcional à área construída, de acordo com critérios estabelecidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, cabendo ao proprietário, dono da obra, condômino da unidade imobiliária ou empresa co-responsável o ônus da prova em contrário.

.....  
§ 7º O crédito da seguridade social é constituído por meio de notificação de lançamento, de auto de infração e de confissão de valores devidos e não recolhidos pelo contribuinte.

§ 8º Aplicam-se às contribuições sociais mencionadas neste artigo, as presunções legais de omissão de receita previstas nos §§ 2º e 3º do art. 12 do Decreto-Lei nº 1.598, de 26 de dezembro de 1977, e nos arts. 40, 41 e 42 da Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996.” (NR)

“Art. 35. Os débitos com a União decorrentes das contribuições sociais previstas nas alíneas “a”, “b” e “c” do parágrafo único do art. 11, das contribuições instituídas a título de substituição e das contribuições devidas a terceiros, assim entendidas outras entidades e fundos, não pagos nos prazos previstos em legislação, serão acrescidos de multa de mora e juros de mora, nos termos do art. 61 da Lei nº 9.430, de 1996.” (NR)

“Art. 35-A. Nos casos de lançamento de ofício relativos às contribuições referidas no art. 35, aplica-se o disposto no art. 44 da Lei nº 9.430, de 1996.” (NR)

“Art. 37. Constatado o não-recolhimento total ou parcial das contribuições tratadas nesta Lei, não declaradas na forma do art. 32, a falta de pagamento de benefício reembolsado ou o descumprimento de obrigação acessória, será lavrado auto de infração ou notificação de lançamento.” (NR)

“Art. 43. ....” (NR)

§ 1º Nas sentenças judiciais ou nos acordos homologados em que não figurarem, discriminadamente, as parcelas legais relativas às contribuições sociais, estas incidirão sobre o valor total apurado em liquidação de sentença ou sobre o valor do acordo homologado.

§ 2º Considera-se ocorrido o fato gerador das contribuições sociais na data da prestação do serviço.

§ 3º As contribuições sociais serão apuradas mês a mês, com referência ao período da prestação de serviços, mediante a aplicação de alíquotas, limites máximos do salário-de-contribuição e acréscimos legais moratórios vigentes relativamente a cada uma das competências abrangidas, devendo o recolhimento das importâncias devidas ser efetuado até o dia dez do mês seguinte ao da liquidação

da sentença ou da homologação do acordo.

§ 4º No caso de reconhecimento judicial da prestação de serviços em condições que permitam a aposentadoria especial após quinze, vinte ou vinte e cinco anos de contribuição, serão devidos os acréscimos de contribuição de que trata o § 6º do art. 57 da Lei nº 8.213, de 1991.

§ 5º O acordo celebrado após ter sido proferida decisão de mérito não prejudicará ou de qualquer forma afetará o valor e a execução das contribuições dela decorrentes.

§ 6º Aplica-se o disposto neste artigo aos valores devidos ou pagos nas Comissões de Conciliação Prévia de que trata a Lei nº 9.958, de 12 de janeiro de 2000.” (NR)

“Art. 49. A matrícula da empresa será efetuada nos termos e condições estabelecidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.

§ 1º No caso de obra de construção civil, a matrícula deverá ser efetuada mediante comunicação obrigatória do responsável por sua execução, no prazo de trinta dias contados do início de suas atividades, quando obterá número cadastral básico, de caráter permanente.

§ 2º O não-cumprimento do disposto no § 1º sujeita o responsável a multa na forma estabelecida no art. 92.

§ 3º O Departamento Nacional de Registro do Comércio - DNRC, por intermédio das Juntas Comerciais, bem como os Cartórios de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, prestarão, obrigatoriamente, à Secretaria da Receita Federal do Brasil todas as informações referentes aos atos constitutivos e alterações posteriores relativos a empresas e entidades neles registradas.

.....” (NR)

“Art. 50. O Município ou o Distrito Federal, por intermédio do órgão competente, fornecerá mensalmente à Secretaria da Receita Federal do Brasil relação de alvarás para construção civil e documentos de “habite-se” concedidos.

§ 1º A obrigação de que trata o **caput** deverá ser atendida mesmo nos meses em que não houver concessão de alvarás e documentos de “habite-se”.

§ 2º O descumprimento do disposto neste artigo acarretará a aplicação da penalidade prevista no inciso I do art. 57 da Medida Provisória nº 2.158-35, de 24 de agosto de 2001.” (NR)

“Art. 52. Às empresas, enquanto estiverem em débito não garantido com a União, aplica-se o disposto no art. 32 da Lei nº 4.357, de 16 de julho de 1964.” (NR)

“Art. 60. O pagamento dos benefícios da Seguridade Social serão realizados por intermédio da rede bancária ou por outras formas definidas pelo Ministério da Previdência Social.” (NR)

“Art. 89. As contribuições sociais previstas nas alíneas “a”, “b” e “c” do parágrafo único do art. 11, as contribuições instituídas a título de substituição e as contribuições devidas a terceiros somente poderão ser restituídas ou compensadas nas hipóteses de pagamento ou recolhimento indevido ou maior que o devido, nos termos e condições estabelecidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.

.....  
§ 4º O valor a ser restituído ou compensado será acrescido de juros obtidos pela aplicação da taxa referencial do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia - SELIC para títulos federais, acumulada mensalmente, a partir do mês subsequente ao do pagamento indevido ou a maior que o devido até o mês anterior ao da compensação ou restituição e de um por cento relativamente ao mês em que estiver sendo efetuada.

.....  
§ 9º Os valores compensados indevidamente serão exigidos com os acréscimos moratórios de que trata o art. 35 desta Lei.

§ 10. Na hipótese de compensação indevida, quando se comprove falsidade da declaração apresentada pelo sujeito passivo, o contribuinte estará sujeito à multa isolada aplicada no percentual previsto no inciso I do **caput** do art. 44 da Lei nº 9.430, de 1996, aplicado em dobro, e terá como base de cálculo o valor total do débito indevidamente compensado.

§ 11. Aplica-se aos processos de restituição das contribuições de que trata este artigo e de reembolso de salário-família e salário-maternidade o rito do Decreto nº 70.235, de 6 de março de 1972.” (NR)

“Art. 102. ....

§ 1º O disposto neste artigo não se aplica às penalidades previstas no art. 32-A.

§ 2º O reajuste dos valores dos salários-de-contribuição em decorrência da alteração do salário mínimo será descontado quando da aplicação dos índices a que se refere o **caput**.” (NR)

Art. 25. A Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, passa a vigorar acrescida do seguinte artigo:

“Art. 125-A. Compete ao Instituto Nacional do Seguro Social - INSS realizar, por meio dos seus próprios agentes, quando designados, todos os atos e procedimentos necessários à verificação do atendimento das obrigações não-tributárias impostas pela legislação previdenciária e à imposição da multa por seu eventual descumprimento.

§ 1º A empresa disponibilizará a servidor designado por dirigente do INSS os documentos necessários à comprovação de vínculo empregatício, de prestação de serviços e de remuneração relativos a trabalhador previamente identificado.

§ 2º Aplica-se ao disposto neste artigo, no que couber, o art. 126.

§ 3º O disposto neste artigo não abrange as competências atribuídas em caráter privativo aos ocupantes do cargo de Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil previstas no inciso I do art. 6º da Lei nº 10.593, de 6 de dezembro de 2002.” (NR)

Art. 26. O art. 6º da Lei nº 8.218, de 29 de agosto de 1991, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 6º. Ao sujeito passivo que, notificado, efetuar o pagamento, a compensação ou o parcelamento dos tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, inclusive das contribuições sociais previstas nas alíneas “a”, “b” e “c” do parágrafo único do art. 11 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, das contribuições instituídas a título de substituição e das contribuições devidas a terceiros, assim entendidas outras entidades e fundos, será concedida redução da multa de lançamento de ofício nos seguintes percentuais:

I - cinquenta por cento se for efetuado o pagamento ou a compensação no prazo de trinta dias, contados da data em que o sujeito passivo foi notificado do lançamento;

II - quarenta por cento se o sujeito passivo requerer o parcelamento no prazo de trinta dias, contados da data em que foi notificado do lançamento;

III - trinta por cento, se for efetuado o pagamento ou a compensação no prazo de trinta dias, contados da data em que o sujeito passivo foi notificado da decisão administrativa de primeira instância; e

IV - vinte por cento, se o sujeito passivo requerer o parcelamento no prazo de trinta dias, contados da data em que foi notificado da decisão administrativa de primeira instância.

§ 1º No caso de provimento a recurso de ofício interposto por autoridade julgadora de primeira instância, aplica-se a redução prevista no inciso III, para o caso de pagamento ou compensação, e no inciso IV, para o caso de parcelamento.

§ 2º A rescisão do parcelamento, motivada pelo descumprimento das normas que o regulam, implicará restabelecimento do montante da multa proporcionalmente ao valor da receita não satisfeita

e que exceder o valor obtido com a garantia apresentada.” (NR)

Art. 27. O art. 74 da Lei nº 8.383, de 30 de dezembro de 1991, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo:

“§ 3º O disposto no inciso II do **caput** deste artigo:

I - aplica-se aos benefícios e vantagens concedidos pela empresa a pessoas físicas por serviços prestados, com ou sem vínculo empregatício, observadas as isenções existentes; e

II - não se aplica aos pagamentos decorrentes do Programa de Alimentação do Trabalhador - PAT, com observância da Lei nº 6.321, de 14 de abril de 1976.” (NR)

Art. 28. O art. 24 da Lei nº 9.249, de 26 de dezembro de 1995, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 24. ....

§ 2º O valor da receita omitida será considerado na determinação da base de cálculo para o lançamento da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CSLL, da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS, da Contribuição para o PIS/PASEP e das contribuições previdenciárias incidentes sobre a receita.

.....

§ 4º Para a determinação do valor da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS e da Contribuição para o PIS/PASEP, na hipótese de a pessoa jurídica auferir receitas sujeitas a alíquotas diversas, não sendo possível identificar a alíquota aplicável à receita omitida, aplicar-se-á a esta a alíquota mais elevada entre aquelas previstas para as receitas auferidas pela pessoa jurídica.

§ 5º Na hipótese de a pessoa jurídica sujeitar-se ao recolhimento da COFINS e da Contribuição para o PIS/PASEP, calculadas por unidade de medida de produto, não sendo possível identificar qual o produto vendido ou a quantidade que se refere à receita omitida, a contribuição será determinada com base na alíquota **ad valorem** mais elevada entre aquelas previstas para as receitas auferidas pela pessoa jurídica.

§ 6º Na determinação da alíquota mais elevada, considerar-se-ão:

I - para efeito do disposto nos §§ 4º e 5º, as alíquotas aplicáveis às receitas auferidas pela pessoa jurídica no ano-calendário em que ocorreu a omissão;

II - para efeito do disposto no § 5º, as alíquotas **ad valorem** correspondentes àquelas fixadas por unidade de medida do produto, bem como as alíquotas aplicáveis às demais receitas auferidas pela pessoa jurídica.” (NR)

Art. 29. A Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 24-A. ....

Parágrafo único. Para os efeitos deste artigo, considera-se regime fiscal privilegiado aquele que apresentar uma ou mais das seguintes características:

.....” (NR)

“Art. 68-A. O Poder Executivo poderá elevar para até R\$ 100,00 (cem reais) os limites e valores de que tratam os arts. 67 e 68, inclusive de forma diferenciada por tributo, regime de tributação ou de incidência, relativos a utilização do Documento de Arrecadação de Receitas Federais, podendo reduzir ou restabelecer os limites e valores que vier a fixar.” (NR)

“Art. 74. ....

.....

§ 3º .....

.....

VII - os débitos relativos a tributos e contribuições de valores



originais inferiores a R\$ 500,00 (quinhentos reais);

VIII - os débitos relativos ao recolhimento mensal obrigatório da pessoa física apurados na forma do art. 8º da Lei nº 7.713, de 1988; e

IX - os débitos relativos ao pagamento mensal por estimativa do Imposto sobre a Renda da Pessoa Jurídica - IRPJ e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CPLL apurados na forma do art. 2º.

§ 12.

II -

f) tiver como fundamento a alegação de inconstitucionalidade de lei que não tenha sido declarada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal em ação direta de inconstitucionalidade ou em ação declaratória de constitucionalidade, nem tenha tido sua execução suspensa pelo Senado Federal.

§ 15. Aplica-se o disposto no § 6º nos casos em que a compensação seja considerada não declarada.

§ 16. Nos casos previstos no § 12, o pedido será analisado em caráter definitivo pela autoridade administrativa.

§ 17. O valor de que trata o inciso VII do § 3º poderá ser reduzido ou restabelecido por ato do Ministro de Estado da Fazenda.” (NR)

“Art. 80. As pessoas jurídicas que, estando obrigadas, deixarem de apresentar declarações e demonstrativos por cinco ou mais exercícios poderão ter sua inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ baixada, nos termos e condições definidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, se, intimadas por edital, não regularizarem sua situação no prazo de sessenta dias, contados da data da publicação da intimação.

§ 1º Poderão ainda ter a inscrição no CNPJ baixada, nos termos e condições definidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, as pessoas jurídicas:

I - que não existam de fato; ou

II - declaradas inaptas e que não tenham regularizado sua situação nos cinco exercícios subseqüentes.

§ 2º No edital de intimação, que será publicado no Diário Oficial da União, as pessoas jurídicas serão identificadas pelos respectivos números de inscrição no CNPJ.

§ 3º Decorridos noventa dias da publicação do edital de intimação, a Secretaria da Receita Federal do Brasil publicará no Diário Oficial da União a relação de CNPJ das pessoas jurídicas que houverem regularizado sua situação, tornando-se automaticamente baixadas, nesta data, as inscrições das pessoas jurídicas que não tenham providenciado a regularização.

§ 4º A Secretaria da Receita Federal do Brasil manterá, para consulta, em seu sítio na Internet, informação sobre a situação cadastral das pessoas jurídicas inscritas no CNPJ.” (NR)

“Art. 80-A. Poderão ter sua inscrição no CNPJ baixada, nos termos e condições definidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, as pessoas jurídicas que:

I - durante cinco exercícios consecutivos entregarem declaração que caracterize a não-movimentação econômica ou financeira; ou

II - estejam extintas, canceladas ou baixadas nos respectivos órgãos de registro.” (NR)

“Art. 80-B. O ato de baixa da inscrição no CNPJ não impede que, posteriormente, sejam lançados ou cobrados os débitos de natureza tributária da pessoa jurídica.” (NR)

“Art. 80-C. Mediante solicitação da pessoa jurídica, poderá ser

restabelecida a inscrição no CNPJ, observados os termos e condições definidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.” (NR)

“Art. 81. Poderá ser declarada inapta, nos termos e condições definidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, a inscrição no CNPJ da pessoa jurídica que, estando obrigada, deixar de apresentar declarações e demonstrativos em dois exercícios consecutivos.

§ 5º Poderá também ser declarada inapta a inscrição no CNPJ da pessoa jurídica que não for localizada no endereço informado ao CNPJ, nos termos e condições definidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.” (NR)

Art. 30. A Lei nº 9.469, de 10 de julho de 1997, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 1º. O Advogado-Geral da União, diretamente ou mediante delegação, e os dirigentes máximos das empresas públicas federais poderão autorizar a realização de acordos ou transações, em juízo, para terminar o litígio, nas causas de valor até R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais).

§ 1º Quando a causa envolver valores superiores ao limite fixado neste artigo, o acordo ou a transação, sob pena de nulidade, dependerá de prévia e expressa autorização do Advogado-Geral da União e do Ministro de Estado ou do titular da Secretaria da Presidência da República a cuja área de competência estiver afeto o assunto, inclusive no caso das empresas públicas federais e do Banco Central do Brasil.

.....” (NR)

“Art. 1º-A. O Advogado-Geral da União poderá dispensar a inscrição de crédito, autorizar o não-ajuizamento de ações e a não-interposição de recursos, assim como requerimento de extinção das ações em curso ou de desistência dos respectivos recursos judiciais, para cobrança de créditos da União e das autarquias e fundações públicas federais, observados os critérios de custos de administração e cobrança.

Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica à Dívida Ativa da União e aos processos em que a União seja autora, ré, assistente ou oponente cuja representação judicial seja atribuída à Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional.” (NR)

“Art. 1º-B. Os dirigentes máximos das empresas públicas federais poderão autorizar a não-propositura de ações e a não-interposição de recursos, assim como requerimento de extinção das ações em curso ou de desistência dos respectivos recursos judiciais, para cobrança de créditos, atualizados, de valor igual ou inferior a R\$ 1.000,00 (mil reais), em que interessadas essas entidades na qualidade de autoras, rés, assistentes ou oponentes, nas condições aqui estabelecidas.” (NR)

“Art. 2º O Procurador-Geral da União, o Procurador-Geral Federal e os dirigentes máximos das empresas públicas federais e do Banco Central do Brasil poderão autorizar a realização de acordos, homologáveis pelo Juízo, nos autos do processo judicial, para o pagamento de débitos de valores não superiores a R\$ 100.000,00 (cem mil reais), em parcelas mensais e sucessivas até o máximo de trinta.

§ 1º O valor de cada prestação mensal, por ocasião do pagamento, será acrescido de juros equivalentes à taxa referencial do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia - SELIC para títulos federais, acumulada mensalmente, calculados a partir do mês subseqüente ao da consolidação até o mês anterior ao do pagamento, e de um por cento relativamente ao mês em que o pagamento estiver sendo efetuado.

.....” (NR)

Art. 31. Os arts. 62 e 64 da Lei nº 9.532, de 10 de dezembro de 1997, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 62. ....

§ 1º O equipamento em uso, sem a autorização a que se refere o **caput** ou que não satisfaça os requisitos deste artigo, poderá ser apreendido pela Secretaria da Receita Federal do Brasil ou pela Secretaria de Fazenda da Unidade Federada e utilizado como prova de qualquer infração à legislação tributária, decorrente de seu uso.

§ 2º Constatada a ausência do ECF ou equivalente por estabelecimento obrigado ao seu uso, ou a inobservância das normas sobre o seu funcionamento, a empresa será intimada a regularizar a situação no prazo de vinte dias, sem prejuízo da aplicação de multa de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais).

§ 3º O não-atendimento ao disposto no § 2º sujeitará o estabelecimento à suspensão das atividades até ulterior regularização.” (NR)

“Art. 64. ....

§ 1º No arrolamento, devem ser identificados também os bens e direitos:

I - em nome do cônjuge, desde que não comunicáveis na forma da lei, se o crédito tributário for formalizado contra pessoa física; ou

II - em nome dos responsáveis tributários de que trata o art. 135 da Lei nº 5.172, de 25 de outubro de 1966 - Código Tributário Nacional.

.....  
§ 10. Fica o Poder Executivo autorizado a aumentar ou restabelecer o limite de que trata o § 7º.” (NR)

Art. 32. O art. 7º da Lei nº 10.426, de 24 de abril de 2002, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo:

“§ 6º No caso de a obrigação acessória referente ao Demonstrativo de Apuração de Contribuições Sociais - DACON ter periodicidade semestral, a multa de que trata o inciso III do **caput** será calculada com base nos valores da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS ou da Contribuição para o PIS/PASEP, informados nos demonstrativos mensais entregues após o prazo.” (NR)

Art. 33. O art. 11 da Lei nº 10.480, de 2 de julho de 2002, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 11. ....

§ 1º O Procurador-Geral Federal é nomeado pelo Presidente da República, mediante indicação do Advogado-Geral da União.

§ 2º Compete ao Procurador-Geral Federal:

I - dirigir a Procuradoria-Geral Federal, coordenar suas atividades e orientar-lhe a atuação;

II - exercer a representação das autarquias e fundações federais junto ao Supremo Tribunal Federal e aos Tribunais Superiores;

III - sugerir ao Advogado-Geral da União medidas de caráter jurídico de interesse das autarquias e fundações federais, reclamadas pelo interesse público;

IV - distribuir os cargos e lotar os membros da Carreira nas Procuradorias-Gerais ou Departamentos Jurídicos de autarquias e fundações federais;

V - disciplinar e efetivar as promoções e remoções dos membros da Carreira de Procurador Federal;

VI - instaurar sindicâncias e processos administrativos disciplinares contra membros da Carreira de Procurador Federal, julgar os respectivos processos e aplicar as correspondentes penalidades;

VII - ceder, ou apresentar quando requisitados, na forma da lei, Procuradores Federais; e

VIII - editar e praticar os atos normativos ou não, inerentes a suas atribuições.

§ 3º No desempenho de suas atribuições, o Procurador-Geral Federal pode atuar junto a qualquer juízo ou Tribunal.

§ 4º É permitida a delegação da atribuição prevista no inciso II aos Procuradores-Gerais ou Chefes de Procuradorias, Departamen-

tos, Consultorias ou Assessorias Jurídicas de autarquias e fundações federais, bem como as dos incisos IV a VII ao Subprocurador-Geral Federal.” (NR)

Art. 34. A Lei nº 10.522, de 2002, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 2º. ....

II - .....  
a) cancelada no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF;

.....  
§ 4º A notificação expedida pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, pela Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional ou pela Procuradoria-Geral Federal, dando conhecimento ao devedor da existência do débito ou da sua inscrição em Dívida Ativa atenderá ao disposto no § 2º.

.....” (NR)

“Art. 11. O parcelamento terá sua formalização condicionada:

I - ao prévio pagamento da primeira prestação, conforme o montante do débito e o prazo solicitado, observado o disposto no § 1º do art. 13;

II - ao oferecimento, pelo devedor, de garantia real ou fidejussória, inclusive fiança bancária, idônea e suficiente para o pagamento do débito, observados os limites e as condições estabelecidos no ato de que trata o art. 14-F.

§ 1º O disposto no inciso II não se aplica aos pedidos de parcelamento de optantes do Regime Especial Unificado de Arrecadação de Tributos e Contribuições devidos pelas Microempresas e Empresas de Pequeno Porte - Simples Nacional, instituído pela Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006.

§ 2º Para efeito do disposto no inciso II, poderão também ser oferecidos como garantia o faturamento ou os rendimentos do devedor.

§ 3º Descumprido o parcelamento garantido por faturamento ou rendimentos do devedor, poderá a Fazenda Nacional realizar a penhora preferencial destes na execução fiscal, que consistirá em depósito mensal à ordem do Juízo, ficando o devedor obrigado a comprovar o valor do faturamento ou rendimentos no mês, mediante documentação hábil.” (NR)

“Art. 12. O pedido de parcelamento constitui confissão de dívida e instrumento hábil e suficiente para a exigência do crédito tributário, podendo a exatidão dos valores parcelados ser objeto de verificação.

Parágrafo único. Cumpridas as condições estabelecidas no art. 11, o parcelamento será:

I - consolidado na data do pedido; e

II - considerado automaticamente deferido quando decorrido o prazo de noventa dias contados da data do pedido de parcelamento sem que a Fazenda Nacional tenha se pronunciado.” (NR)

“Art. 13. O valor de cada prestação mensal, por ocasião do pagamento, será acrescido de juros equivalentes à taxa referencial do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia - SELIC para títulos federais, acumulada mensalmente, calculados a partir do mês subsequente ao da consolidação até o mês anterior ao do pagamento, e de um por cento relativamente ao mês em que o pagamento estiver sendo efetuado.

§ 1º O valor mínimo de cada prestação será fixado em ato conjunto do Secretário da Receita Federal do Brasil e do Procurador-Geral da Fazenda Nacional.

§ 2º No caso de parcelamento de débito inscrito em Dívida Ativa da União, o devedor pagará custas, emolumentos e demais encargos legais.” (NR)

“Art. 13-A. O parcelamento dos débitos decorrentes das contribuições sociais instituídas pelos arts. 1º e 2º da Lei Complementar nº 110, de 29 de junho de 2001, será requerido perante a Caixa Econômica Federal, aplicando-se-lhe o disposto no **caput** do art. 10, nos arts. 11 e 12, no § 2º do art. 13 e nos arts. 14 e 14-B desta Lei.

.....  
§ 5º É vedado o reparcelamento de débitos a que se refere o **caput**, exceto quando inscritos em Dívida Ativa da União.” (NR)

“Art. 14. .....

I - tributos passíveis de retenção na fonte, de desconto de terceiros ou de sub-rogação;

.....  
IV - tributos devidos no registro da Declaração de Importação;

V - incentivos fiscais devidos ao Fundo de Investimento do Nordeste - FINOR, Fundo de Investimento da Amazônia - FINAM e Fundo de Recuperação do Estado do Espírito Santo - FUNRES;

VI - crédito tributário ou outra exação objeto de ação judicial proposta pelo sujeito passivo com depósito do montante discutido;

VII - pagamento mensal por estimativa do Imposto sobre a Renda da Pessoa Jurídica - IRPJ e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CSLL, na forma do art. 2º da Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996;

VIII - recolhimento mensal obrigatório da pessoa física relativo a rendimentos de que trata o art. 8º da Lei nº 7.713, de 22 de dezembro de 1988;

IX - tributo ou outra exação qualquer, enquanto não integralmente pago parcelamento anterior relativo ao mesmo tributo ou exação, salvo na hipótese prevista no art. 49-A do Decreto nº 70.235, de 6 de março de 1972, e nas hipóteses previstas no art. 14-A desta Lei;

X - tributos devidos por pessoa jurídica com falência ou pessoa física com insolvência civil decretadas; e

XI - créditos tributários devidos na forma do art. 4º da Lei nº 10.931, de 2 de agosto de 2004, pela incorporadora optante do Regime Especial Tributário do Patrimônio de Afetação.” (NR)

“Art. 14-A. Observadas as condições previstas neste artigo, será admitido reparcelamento de débitos constantes de parcelamento em andamento ou que tenha sido rescindido.

§ 1º No reparcelamento de que trata o **caput** poderão ser incluídos novos débitos.

§ 2º A formalização do pedido de reparcelamento previsto neste artigo fica condicionada ao recolhimento da primeira parcela em valor correspondente a:

I - vinte por cento do total dos débitos consolidados; ou

II - cinquenta por cento do total dos débitos consolidados, caso haja débito com histórico de reparcelamento anterior.

§ 3º Aplicam-se subsidiariamente aos pedidos de que trata este artigo as demais disposições relativas ao parcelamento previstas nesta Lei.” (NR)

“Art. 14-B. Implicará imediata rescisão do parcelamento e remessa do débito para inscrição em Dívida Ativa da União ou prosseguimento da execução, conforme o caso, a falta de pagamento:

I - de duas parcelas, consecutivas ou não; ou

II - de uma parcela, estando pagas todas as demais.” (NR)

“Art. 14-C. Poderá ser concedido, de ofício ou a pedido, parcelamento simplificado, importando o pagamento da primeira prestação em confissão de dívida e instrumento hábil e suficiente para a exigência do crédito tributário.

Parágrafo único. Ao parcelamento de que trata o **caput** não se aplicam as vedações estabelecidas no art. 14.” (NR)

“Art. 14-D. Os parcelamentos concedidos a Estados, Distrito

Federal ou Municípios conterão cláusulas em que estes autorizem a retenção do Fundo de Participação dos Estados - FPE ou do Fundo de Participação dos Municípios - FPM e o repasse à União do valor correspondente:

I - a cada prestação mensal do parcelamento, por ocasião do vencimento desta;

II - às obrigações tributárias correntes do mês anterior ao do recebimento do respectivo Fundo de Participação;

III - à mora, quando verificado atraso superior a sessenta dias no cumprimento das obrigações tributárias correntes, inclusive prestações de parcelamento em atraso.

§ 1º O pedido de parcelamento deverá também conter cláusula autorizando a retenção, pelas instituições financeiras, de outras receitas estaduais, distritais ou municipais nelas depositadas e o repasse à União do restante da dívida tributária apurada, na hipótese em que os recursos oriundos do FPE e do FPM não forem suficientes para a quitação do parcelamento e das obrigações tributárias correntes.

§ 2º O valor mensal das obrigações previdenciárias correntes, para efeito deste artigo, será apurado com base na respectiva Guia de Recolhimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço e de Informações à Previdência Social - GFIP ou, no caso de sua não-apresentação no prazo legal, estimado, utilizando-se a média das últimas doze competências recolhidas anteriores ao mês da retenção prevista no inciso II do **caput** deste artigo, sem prejuízo da cobrança ou restituição ou compensação de eventuais diferenças.” (NR)

“Art. 14-E. Mensalmente, a Secretaria da Receita Federal do Brasil e a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional divulgarão, em seus sítios na Internet, demonstrativos dos parcelamentos oncedidos no âmbito de suas competências.” (NR)

“Art. 14-F. A Secretaria da Receita Federal do Brasil e a Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional, no âmbito de suas competências, editarão atos necessários à execução do parcelamento de que trata esta Lei.” (NR)

“Art. 25. O termo de inscrição em Dívida Ativa da União, bem como o das autarquias e fundações públicas federais, a Certidão de Dívida Ativa dele extraída e a petição inicial em processo de execução fiscal poderão ser subscritos manualmente, ou por chancela mecânica ou eletrônica, observadas as disposições legais.

.....” (NR)

“Art. 37-A. Os créditos das autarquias e fundações públicas federais, de qualquer natureza, não pagos nos prazos previstos na legislação, serão acrescidos de juros e multa de mora, calculados nos termos e na forma da legislação aplicável aos tributos federais.

§ 1º Os créditos inscritos em Dívida Ativa serão acrescidos de encargo legal, substitutivo da condenação do devedor em honorários advocatícios, calculado nos termos e na forma da legislação aplicável à Dívida Ativa da União.

§ 2º O disposto neste artigo não se aplica aos créditos do Banco Central do Brasil.” (NR)

“Art. 37-B. Os créditos das autarquias e fundações públicas federais, de qualquer natureza, poderão ser parcelados em até trinta prestações mensais.

§ 1º O disposto neste artigo somente se aplica aos créditos inscritos em Dívida Ativa e centralizados nas Procuradorias Regionais Federais, Procuradorias Federais nos Estados e Procuradorias Seccionais Federais, nos termos dos §§ 11 e 12 do art. 10 da Lei nº 10.480, de 2 de julho de 2002, e do art. 22 da Lei nº 11.457, de 2007.

§ 2º O parcelamento terá sua formalização condicionada ao prévio pagamento da primeira prestação, conforme o montante do débito e o prazo solicitado, observado o disposto no § 9º.

§ 3º Enquanto não deferido o pedido, o devedor fica obrigado a recolher, a cada mês, o valor correspondente a uma prestação.

§ 4º O não-cumprimento do disposto neste artigo implicará o indeferimento do pedido.

§ 5º Considerar-se-á automaticamente deferido o parcelamento, em caso de não manifestação da autoridade competente no prazo de noventa dias, contado da data da protocolização do pedido.

§ 6º O pedido de parcelamento constitui confissão de dívida e instrumento hábil e suficiente para exigência do crédito, podendo a exatidão dos valores parcelados ser objeto de verificação.

§ 7º O débito objeto de parcelamento será consolidado na data do pedido.

§ 8º O devedor pagará as custas, emolumentos e demais encargos legais.

§ 9º O valor mínimo de cada prestação mensal será definido por ato do Procurador-Geral Federal.

§ 10. O valor de cada prestação mensal, por ocasião do pagamento, será acrescido de juros equivalentes à taxa referencial do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia - SELIC para títulos federais, acumulada mensalmente, calculados a partir do mês subsequente ao da consolidação até o mês anterior ao do pagamento, e de um por cento relativamente ao mês em que o pagamento estiver sendo efetuado.

§ 11. A falta de pagamento de duas parcelas, consecutivas ou não, ou de uma parcela, estando pagas todas as demais, implicará a imediata rescisão do parcelamento e, conforme o caso, o prosseguimento da cobrança.

§ 12. Atendendo ao princípio da economicidade, observados os termos, os limites e as condições estabelecidos em ato do Procurador-Geral Federal, poderá ser concedido, de ofício ou a pedido, parcelamento simplificado, importando o pagamento da primeira prestação em confissão de dívida e instrumento hábil e suficiente para a exigência do crédito.

§ 13. Observadas as condições previstas neste artigo, será admitido reparcelamento dos débitos, inscritos em Dívida Ativa das autarquias e fundações públicas federais, constantes de parcelamento em andamento ou que tenha sido rescindido.

§ 14. A formalização do pedido de reparcelamento fica condicionada ao recolhimento da primeira parcela em valor correspondente a:

I - vinte por cento do total dos débitos consolidados; ou

II - cinquenta por cento do total dos débitos consolidados, caso haja débito com histórico de reparcelamento anterior.

§ 15. Aplicam-se subsidiariamente aos pedidos de reparcelamento, naquilo que não os contrariar, as demais disposições relativas ao parcelamento previstas neste artigo.

§ 16. O parcelamento de que trata este artigo será requerido exclusivamente perante as Procuradorias Regionais Federais, as Procuradorias Federais nos Estados e as Procuradorias Seccionais Federais.

§ 17. A concessão do parcelamento dos débitos a que se refere este artigo compete privativamente às Procuradorias Regionais Federais, às Procuradorias Federais nos Estados e às Procuradorias Seccionais Federais.

§ 18. A Procuradoria-Geral Federal editará atos necessários à execução do parcelamento de que trata este artigo.

§ 19. Mensalmente, a Procuradoria-Geral Federal divulgará, no sítio da Advocacia-Geral da União, demonstrativos dos parcelamentos concedidos no âmbito de sua competência.”

§ 20. Ao disposto neste artigo aplicam-se subsidiariamente as regras previstas nesta lei para o parcelamento dos créditos da

Fazenda Nacional.” (NR)

Art. 35. A Lei nº 10.887, de 18 de junho de 2004, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 16-A:

“Art. 16-A. A contribuição do Plano de Seguridade do Servidor Público - PSS, decorrente de valores pagos em cumprimento de decisão judicial, ainda que decorrente de homologação de acordo, será retida na fonte, no momento do pagamento ao beneficiário ou seu representante legal, pela instituição financeira responsável pelo pagamento, por intermédio da quitação da guia de recolhimento, remetida pelo setor de precatórios do Tribunal respectivo.

Parágrafo único. O Tribunal respectivo, quando da remessa dos valores do precatório ou requisição de pequeno valor, emitirá guia de recolhimento devidamente preenchida, que será remetida à instituição financeira juntamente com o comprovante da transferência do numerário objeto da condenação.” (NR)

Art. 36. A Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 142. .....

.....  
VIII - autorizar, se o estatuto não dispuser em contrário, a alienação de bens do ativo não-circulante, a constituição de ônus reais e a prestação de garantias a obrigações de terceiros;

.....” (NR)

“Art. 176. .....

.....

§ 5º As notas explicativas devem:

I - apresentar informações sobre a base de preparação das demonstrações financeiras e das práticas contábeis específicas selecionadas e aplicadas para negócios e eventos significativos;

II - divulgar as informações exigidas pelas práticas contábeis adotadas no Brasil que não estejam apresentadas em nenhuma outra parte das demonstrações financeiras;

III - fornecer informações adicionais não indicadas nas próprias demonstrações financeiras e consideradas necessárias para uma apresentação adequada; e

IV - indicar:

a) os principais critérios de avaliação dos elementos patrimoniais, especialmente estoques, dos cálculos de depreciação, amortização e exaustão, de constituição de provisões para encargos ou riscos, e dos ajustes para atender a perdas prováveis na realização de elementos do ativo;

b) os investimentos em outras sociedades, quando relevantes (art. 247, parágrafo único);

c) o aumento de valor de elementos do ativo resultante de novas avaliações (art. 182, § 3º);

d) os ônus reais constituídos sobre elementos do ativo, as garantias prestadas a terceiros e outras responsabilidades eventuais ou contingentes;

e) a taxa de juros, as datas de vencimento e as garantias das obrigações a longo prazo;

f) o número, espécies e classes das ações do capital social;

g) as opções de compra de ações outorgadas e exercidas no exercício;

h) os ajustes de exercícios anteriores (art. 186, § 1º); e

i) os eventos subsequentes à data de encerramento do exercício que tenham, ou possam vir a ter, efeito relevante sobre a situação financeira e os resultados futuros da companhia.

.....

§ 7º A Comissão de Valores Mobiliários poderá, a seu critério, disciplinar de forma diversa o registro de que trata o § 3º deste artigo.” (NR)



“Art. 177. ....”

§ 2º A companhia observará exclusivamente em livros ou registros auxiliares, sem qualquer modificação da escrituração mercantil e das demonstrações reguladas nesta Lei, as disposições da lei tributária, ou de legislação especial sobre a atividade que constitui seu objeto, que prescrevam, conduzam ou incentivem a utilização de métodos ou critérios contábeis diferentes ou determinem registros, lançamentos ou ajustes ou a elaboração de outras demonstrações financeiras.

§ 3º As demonstrações financeiras das companhias abertas observarão, ainda, as normas expedidas pela Comissão de Valores Mobiliários e serão obrigatoriamente submetidas a auditoria por auditores independentes nela registrados.

.....” (NR)

“Art. 178. ....”

§ 1º .....

I - ativo circulante; e

II - ativo não-circulante, composto por ativo realizável a longo prazo, investimentos, imobilizado e intangível.

§ 2º .....

I - passivo circulante;

II - passivo não-circulante; e

III - patrimônio líquido, dividido em capital social, reservas de capital, ajustes de avaliação patrimonial, reservas de lucros, ações em tesouraria e prejuízos acumulados.

.....” (NR)

“Art. 180. As obrigações da companhia, inclusive financiamentos para aquisição de direitos do ativo não-circulante, serão classificadas no passivo circulante, quando se vencerem no exercício seguinte, e no passivo não-circulante, se tiverem vencimento em prazo maior, observado o disposto no parágrafo único do art. 179.” (NR)

“Art. 182. ....”

§ 3º Serão classificadas como ajustes de avaliação patrimonial, enquanto não computadas no resultado do exercício em obediência ao regime de competência, as contrapartidas de aumentos ou diminuições de valor atribuídos a elementos do ativo e do passivo, em decorrência da sua avaliação a valor justo, nos casos previstos nesta Lei ou, em normas expedidas pela Comissão de Valores Mobiliários, com base na competência conferida pelo § 3º do art. 177.

.....” (NR)

“Art. 183. ....”

I - .....

a) pelo seu valor justo, quando se tratar de aplicações destinadas à negociação ou disponíveis para venda; e

.....”

§ 1º Para efeitos do disposto neste artigo, considera-se valor justo:

.....”

§ 2º A diminuição do valor dos elementos dos ativos imobilizado e intangível será registrada periodicamente nas contas de:

.....”

§ 3º A companhia deverá efetuar, periodicamente, análise sobre a recuperação dos valores registrados no imobilizado e no intangível, a fim de que sejam:

.....” (NR)

“Art. 184. ....”

.....”

III - as obrigações, encargos e riscos classificados no passivo

não-circulante serão ajustados ao seu valor presente, sendo os demais ajustados quando houver efeito relevante.” (NR)

“Art. 187. ....”

IV - o lucro ou prejuízo operacional, as outras receitas e as outras despesas;

.....”

VI - as participações de debêntures, empregados, administradores e partes beneficiárias, mesmo na forma de instrumentos financeiros, e de instituições ou fundos de assistência ou previdência de empregados, que não se caracterizem como despesa;

.....” (NR)

“Art. 226. ....”

§ 3º A Comissão de Valores Mobiliários estabelecerá normas especiais de avaliação e contabilização aplicáveis às operações de fusão, incorporação e cisão que envolvam companhia aberta.” (NR)

“Art. 243. ....”

§ 1º São coligadas as sociedades nas quais a investidora tenha influência significativa.

.....”

§ 4º Considera-se que há influência significativa quando a investidora detém ou exerce o poder de participar nas decisões das políticas financeira ou operacional da investida, sem controlá-la.

§ 5º É presumida influência significativa quando a investidora for titular de vinte por cento ou mais do capital votante da investida, sem controlá-la.” (NR)

“Art. 247. As notas explicativas dos investimentos a que se refere o art. 248 devem conter informações precisas sobre as sociedades coligadas e controladas e suas relações com a companhia, indicando:

.....” (NR)

“Art. 248. No balanço patrimonial da companhia, os investimentos em coligadas ou em controladas e em outras sociedades que façam parte de um mesmo grupo ou estejam sob controle comum serão avaliados pelo método da equivalência patrimonial, de acordo com as seguintes normas:

.....” (NR)

“Art. 250. ....”

III - as parcelas dos resultados do exercício, dos lucros ou prejuízos acumulados e do custo de estoques ou do ativo não-circulante que corresponderem a resultados, ainda não realizados, de negócios entre as sociedades.

.....”

§ 2º A parcela do custo de aquisição do investimento em controlada, que não for absorvida na consolidação, deverá ser mantida no ativo não-circulante, com dedução da provisão adequada para perdas já comprovadas, e será objeto de nota explicativa.

.....” (NR)

“Art. 252. ....”

§ 4º A Comissão de Valores Mobiliários estabelecerá normas especiais de avaliação e contabilização aplicáveis às operações de incorporação de ações que envolvam companhia aberta.” (NR)

“Art. 279. O sócio será constituído mediante contrato aprovado pelo órgão da sociedade competente para autorizar a alienação de bens do ativo não-circulante, do qual constarão:

.....” (NR)

Art. 37. A Lei nº 6.404, de 1976, passa a vigorar acrescida dos arts. 184-A, 299-A e 299-B:

“Critérios de Avaliação em Operações Societárias

Art. 184-A. A Comissão de Valores Mobiliários estabelecerá, com base na competência conferida pelo § 3º do art. 177, normas especiais de avaliação e contabilização aplicáveis à aquisição de controle, participações societárias ou segmentos de negócios.” (NR)

“Art. 299-A. O saldo existente em 31 de dezembro de 2008 no ativo diferido que, pela sua natureza, não puder ser alocado a outro grupo de contas, poderá permanecer no ativo sob essa classificação até sua completa amortização, sujeito à análise sobre a recuperação de que trata o § 3º do art. 183.” (NR)

“Art. 299-B. O saldo existente no resultado de exercício futuro em 31 de dezembro de 2008 deverá ser reclassificado para o passivo não-circulante em conta representativa de receita diferida.

Parágrafo único. O registro do saldo de que trata o **caput** deverá evidenciar a receita diferida e o respectivo custo diferido.” (NR)

Art. 38. O art. 8º do Decreto-Lei nº 1.598, de 26 de dezembro de 1977, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 8º .....

§ 2º Para fins da escrituração contábil, inclusive da aplicação do disposto no § 2º do art. 177 da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, os registros contábeis que forem necessários para a observância das disposições tributárias relativos à determinação da base de cálculo do imposto de renda e, também, dos demais tributos, quando não devam, por sua natureza fiscal, constar da escrituração contábil, ou forem diferentes dos lançamentos dessa escrituração, serão efetuados exclusivamente em:

I - livros ou registros contábeis auxiliares; ou

II - livros fiscais, inclusive no livro de que trata o inciso I do **caput**.

§ 3º O disposto no § 2º será disciplinado pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.” (NR)

Art. 39. O art. 47 da Lei nº 8.981, de 20 de janeiro de 1995, passa a vigorar acrescido do seguinte inciso:

“VIII - o contribuinte não escriturar ou deixar de apresentar à autoridade tributária os livros ou registros auxiliares de que trata o § 2º do art. 177 da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e § 2º do art. 8º do Decreto-Lei nº 1.598, de 1977.” (NR)

Art. 40. A Lei nº 6.099, de 12 de setembro de 1974, passa a vigorar acrescida do art. 1º-A: (Vigência)

“Art. 1º-A. Considera-se operação de crédito, independentemente da nomenclatura que lhes for atribuída, as operações de arrendamento cujo somatório das contraprestações perfaz mais de setenta e cinco por cento do custo do bem.

Parágrafo único. No percentual do **caput** inclui-se o valor residual garantido que tenha sido antecipado.” (NR)

Art. 41. O inciso I do art. 2º da Lei nº 8.894, de 21 de junho de 1994, passa a vigorar com a seguinte redação: (Vigência)

“I - nas operações de crédito:

a) o valor total das contraprestações registrado pela pessoa jurídica arrendadora, na data da contratação, acrescido do valor residual garantido;

b) o valor do principal que constitua o objeto da obrigação, ou sua colocação à disposição do interessado, nas demais operações;” (NR)

Art. 42. O inciso I do art. 3º do Decreto-Lei nº 1.783, de 18 de abril de 1980, passa a vigorar com a seguinte redação: (Vigência)

“I - nas operações de crédito, as instituições financeiras ou as pessoas jurídicas arrendadoras;” (NR)

## CAPÍTULO V

### DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 43. O Primeiro, o Segundo e o Terceiro Conselho de Con-

tribuintes do Ministério da Fazenda, bem como a Câmara Superior de Recursos Fiscais, ficam unificados em um órgão, denominado Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, colegiado, paritário, integrante da estrutura do Ministério da Fazenda, com competência para julgar recursos de ofício e voluntários de decisão de primeira instância, bem como recursos especiais, sobre a aplicação da legislação referente a tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.

Art. 44. Ficam transferidas para o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, as atribuições e competências do Primeiro, Segundo e Terceiro Conselhos de Contribuintes do Ministério da Fazenda e da Câmara Superior de Recursos Fiscais, e suas respectivas câmaras e turmas.

§ 1º Compete ao Ministro de Estado da Fazenda instalar o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, nomear seu presidente, entre os representantes da Fazenda Nacional, e dispor sobre o seu regimento interno, inclusive quanto às competências para julgamento em razão da matéria.

§ 2º O Ministro de Estado da Fazenda expedirá, no prazo de cento e oitenta dias da edição dessa Medida Provisória, o regimento interno do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais.

§ 3º Fica prorrogada a competência dos Conselhos de Contribuintes e da Câmara Superior de Recursos Fiscais enquanto não instalado o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais.

Art. 45. Ficam removidos, na forma do disposto no art. 36, inciso I, da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, para o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, os servidores que, na data da publicação desta Medida Provisória, se encontravam lotados e em efetivo exercício no Primeiro, Segundo e Terceiro Conselhos de Contribuintes do Ministério da Fazenda e na Câmara Superior de Recursos Fiscais

Art. 46. Ficam transferidos os cargos em comissão e funções gratificadas da estrutura do Primeiro, Segundo e Terceiro Conselhos de Contribuintes do Ministério da Fazenda e da Câmara Superior de Recursos Fiscais para o Conselho Administrativo de Recursos Fiscais.

Art. 47. As disposições da legislação tributária em vigor, que se refiram aos Conselhos de Contribuintes e à Câmara Superior de Recursos Fiscais devem ser entendidas como pertinentes ao Conselho Administrativo de Recursos Fiscais.

Art. 48. A prescrição dos créditos tributários pode ser reconhecida de ofício pela autoridade administrativa.

Parágrafo único. O reconhecimento de ofício a que se refere o **caput** aplica-se inclusive às contribuições sociais previstas nas alíneas “a”, “b” e “c” do parágrafo único do art. 11 da Lei nº 8.212, de 1991, às contribuições instituídas a título de substituição e às contribuições devidas a terceiros, assim entendidas outras entidades e fundos.

Art. 49. Para efeito de interpretação do art. 63 da Lei nº 9.430, de 1996, prescinde do lançamento de ofício destinado a prevenir a decadência, relativo ao tributo sujeito ao lançamento por homologação, o crédito tributário cuja exigibilidade houver sido suspensa na forma do inciso II do art. 151 da Lei nº 5.172, de 25 de outubro de 1966 - Código Tributário Nacional.

Art. 50. Terão sua inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ baixada, nos termos e condições definidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, as pessoas jurídicas que tenham sido declaradas inaptas até a data de publicação desta Medida Provisória.

Art. 51. As pessoas jurídicas que tiverem sua inscrição no CNPJ baixada até 31 de dezembro de 2008, nos termos do art. 50 desta



Medida Provisória e dos arts. 80 e 80-A da Lei nº 9.430, de 1996, ficam dispensadas:

I - da apresentação de declarações e demonstrativos relativos a tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil;

II - da comunicação à Secretaria da Receita Federal do Brasil da baixa, extinção ou cancelamento nos órgãos de registro; e

III - das penalidades decorrentes do descumprimento das obrigações acessórias de que tratam os incisos I e II.

Art. 52. A partir de 1º de janeiro de 2008, o limite a que se refere o § 1º do art. 5º do Decreto-Lei nº 204, de 27 de fevereiro de 1967, passa a ser o valor da primeira faixa da tabela de incidência mensal do Imposto sobre a Renda da Pessoa Física - IRPF.

Art. 53. Em relação aos tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, é possível mais de um procedimento de fiscalização sobre o mesmo período de apuração de um mesmo tributo, mediante ordem emitida por autoridade administrativa competente, nos termos definidos pelo Poder Executivo.

Art. 54. A aplicação dos arts. 35 e 35-A da Lei nº 8.212, de 1991, às prestações ainda não pagas de parcelamento e aos demais débitos, inscritos ou não em Dívida Ativa, cobrado por meio de processo ainda não definitivamente julgado, ocorrerá:

I - mediante requerimento do sujeito passivo, dirigido à autoridade administrativa competente, informando e comprovando que se subsume à mencionada hipótese; ou

II - de ofício, quando verificada pela autoridade administrativa a possibilidade de aplicação.

Parágrafo único. O procedimento de revisão de multas previsto neste artigo será regulamentado em portaria conjunta da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional e da Secretaria da Receita Federal do Brasil.

Art. 55. Os órgãos responsáveis pela cobrança da Dívida Ativa da União poderão utilizar serviços de instituições financeiras públicas para a realização de atos que viabilizem a satisfação amigável de créditos inscritos.

§ 1º Nos termos convencionados com as instituições financeiras, os órgãos responsáveis pela cobrança da Dívida Ativa:

I - orientarão a instituição financeira sobre a legislação tributária aplicável ao tributo objeto de satisfação amigável;

II - delimitarão os atos de cobrança amigável a serem realizados pela instituição financeira;

III - indicarão as remissões e anistias, expressamente previstas em lei, aplicáveis ao tributo objeto de satisfação amigável;

IV - fixarão prazo que a instituição financeira terá para obter êxito na satisfação amigável do crédito inscrito, antes do ajuizamento da ação e execução fiscal, quando for o caso; e

V - fixarão os mecanismos e parâmetros de remuneração por resultado.

§ 2º Para os fins deste artigo, é dispensável a licitação, desde que a instituição financeira pública possua notória competência na atividade de recuperação de créditos não pagos.

§ 3º Ato conjunto do Advogado-Geral da União e do Ministro de Estado da Fazenda:

I - fixará a remuneração por resultado devida à instituição financeira; e

II - determinará os créditos que podem ser objeto do disposto no caput deste artigo, inclusive estabelecendo alçadas de valor.

Art. 56. A adjudicação de ações pela União, para pagamento de débitos inscritos na Dívida Ativa, que acarrete a participação em sociedades empresariais, deverá ter a anuência prévia, por meio de resolução, da Comissão Interministerial de Governança Corporativa e de Administração de Participações Societárias da União - CGPAR,

vedada a assunção pela União do controle societário.

§ 1º A adjudicação de que trata o caput limitar-se-á às ações de sociedades empresariais com atividade econômica no setor de defesa nacional.

§ 2º O disposto no caput aplica-se também à dação em pagamento, para quitação de débitos de natureza não-tributária inscritos em Dívida Ativa.

§ 3º Ato do Poder Executivo regulamentará o disposto neste artigo.

Art. 57. Para fins de cálculo dos juros sobre o capital a que se refere o art. 9º da Lei nº 9.249, de 26 de dezembro de 1995, não se incluem entre as contas do patrimônio líquido sobre as quais os juros devem ser calculados os valores relativos a ajustes de avaliação patrimonial a que se refere o § 3º do art. 182 da Lei nº 6.404, de 1976, com a redação dada pela Lei nº 11.638, de 2007.

Art. 58. O disposto no inciso IV do art. 187 da Lei nº 6.404, de 1976, com a redação dada por esta Medida Provisória, não altera o tratamento dos resultados operacionais e não-operacionais para fins de apuração e compensação de prejuízos fiscais.

Art. 59. A escrituração de que trata o art. 177 da Lei nº 6.404, de 1976, quando realizada por instituições financeiras e demais entidades autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil, inclusive as constituídas na forma de companhia aberta, deve observar as disposições da Lei nº 4.595, de 31 de dezembro de 1964, e os atos normativos dela decorrentes.

Art. 60. O texto consolidado da Lei nº 6.404, de 1976, com todas as alterações nela introduzida pela legislação posterior, inclusive por esta Medida Provisória, será publicado no Diário Oficial da União pelo Poder Executivo.

Art. 61. Ficam extintos, no âmbito do Poder Executivo Federal, vinte e oito cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e dezesseis Funções Gratificadas - FG, sendo dezesseis DAS-101.2, doze DAS-101.1, quatro FG-1, dois FG-2 e dez FG-3, e criados quinze cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS, sendo dois DAS-101.5, um DAS-101.4 e doze DAS-101.3.

Art. 62. O disposto nos arts. 1º a 7º da Medida Provisória nº 447, de 14 de novembro de 2008, aplica-se também aos fatos geradores ocorridos entre 1º e 31 de outubro de 2008.

Art. 63. Fica a União autorizada a conceder subvenção extraordinária para os produtores independentes de cana-de-açúcar da região Nordeste na safra 2008/2009.

§ 1º Os Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Fazenda estabelecerão em ato conjunto as condições operacionais para a implementação, execução, pagamento, controle e fiscalização da subvenção prevista no caput, devendo observar que a subvenção será:

I - concedida diretamente aos produtores ou por meio de suas cooperativas, em função da quantidade de cana-de-açúcar efetivamente vendida às usinas de açúcar e álcool da região;

II - definida pela diferença entre o preço médio mensal recebido pelos produtores e o custo de produção variável para a safra 2008/2009, calculado pela Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB em R\$ 40,92 (quarenta reais e noventa e dois centavos) por tonelada de cana-de-açúcar;

III - limitada a R\$ 5,00 (cinco reais) por tonelada de cana-de-açúcar e a dez mil toneladas por produtor em toda a safra;

IV - paga em 2008 e 2009, referente à produção da safra 2008/2009 efetivamente entregue a partir de 1º de agosto de 2008, observados os limites estabelecidos nos incisos I a III.

§ 2º Os custos decorrentes desta subvenção serão suportados

pela ação correspondente à Garantia e Sustentação de Preços na Comercialização de Produtos Agropecuários, do Orçamento das Operações Oficiais de Crédito, sob a coordenação do Ministério da Fazenda.

Art. 64. Fica a União autorizada, em caráter excepcional, a proceder à aquisição de açúcar de produção própria das usinas circunscritas à região Nordeste, da safra 2008/2009, por preço não superior ao preço médio praticado na região, com base em parâmetros de preços definidos conjuntamente pelos Ministérios da Fazenda e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, observada a legislação vigente.

Parágrafo único. Os custos decorrentes das aquisições de que trata este artigo serão suportados pela dotação consignada no Programa Abastecimento Agroalimentar, na ação correspondente à Formação de Estoques, sob a coordenação da CONAB.

Art. 65. Ficam revogados:

I - os §§ 1º e 3º a 8º do art. 32, o art. 34, os §§ 1º a 4º do art. 35, os §§ 1º e 2º do art. 37, os arts. 38 e 41, o § 8º do art. 47, o § 4º do art. 49, o parágrafo único do art. 52, o inciso II do art. 80, o art. 81, os §§ 1º, 2º, 3º, 5º, 6º e 7º do art. 89, e o parágrafo único do art. 93 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991;

II - o art. 60 da Lei nº 8.383, de 30 de dezembro de 1991;

III - o parágrafo único do art. 133 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991;

IV - o art. 7º da Lei nº 9.469, de 10 de julho de 1997;

V - o parágrafo único do art. 10, os §§ 4º ao 9º do art. 11 e o parágrafo único do art. 14 da Lei nº 10.522, de 19 de julho de 2002;

VI - o parágrafo único do art. 15 do Decreto nº 70.235, de 6 de março de 1972;

VII - o art. 13 da Lei nº 8.620, de 5 de janeiro de 1993;

VIII - os §§ 1º, 2º e 3º do art. 84 do Decreto-Lei nº 73, de 21 de novembro de 1966;

IX - o art. 1º da Lei nº 10.190, de 14 de fevereiro de 2001, na parte em que altera o art. 84 do Decreto-Lei nº 73, de 21 de novembro de 1966;

X - o § 7º do art. 177, o inciso V do art. 179, o art. 181, o inciso VI do art. 183 e os incisos III e IV do art. 188 da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976; e

XI - a partir da instalação do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais:

a) o Decreto nº 83.304, de 28 de março de 1979;

b) o Decreto nº 89.892, de 2 de julho de 1984; e

Brasília, 3 de outubro de 2008.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Temos a honra de submeter à apreciação de Vossa Excelência projeto de Medida Provisória que estabelece medidas para unificar a legislação referente ao parcelamento ordinário de débitos tributários, inclusive os previdenciários; conceder remissão nos casos que específica; reduzir e agilizar o contencioso tributário; harmonizar as normas relacionadas às contribuições previdenciárias com a legislação relativa aos demais tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil; adequar, ante o advento das Leis nº 10.480, de 2 de julho de 2002, e nº 11.457, de 16 de março de 2007, as disposições da Lei nº 9.469, de 1997, à nova realidade estrutural da Procuradoria-Geral Federal, necessária à centralização da cobrança da dívida ativa das autarquias e fundações públicas federais nas unidades previstas nos §§ 4º e 5º do art. 10 da Lei nº 10.480, de 2002, no prazo legal de até 24 (vinte e quatro) meses contados a partir da publicação da Lei nº 11.457, de 2007; conferir maior agilidade na apuração de responsabilidades dos membros da carreira de Procurador Federal; uniformizar a disciplina referente aos acréscimos moratórios (juros e multa de mora), encargos legais e parcelamento dos créditos das autarquias e fundações públicas federais inscritos em dívida ativa pela Procuradoria-Geral Federal, harmonizando tais critérios com aqueles aplicados à dívida ativa da União; dispor sobre a baixa de inscrições no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas - CNPJ; instituir o Regime Tributário de Transição - RTT, o qual visa neutralizar os impactos dos novos métodos e critérios contábeis introduzidos pela Lei nº 11.638, de 28 de dezembro de 2007, na apuração das bases de cálculo de tributos federais nos anos de 2008 e 2009, bem como alterar a Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, no esforço de harmonização das normas contábeis adotadas no Brasil às normas contábeis internacionais; e, dar outras providências.

2. O art. 1º dispõe sobre o parcelamento de dívidas de pequeno valor, assim consideradas aquelas vencidas até 31 de dezembro de 2005, cujo valor não seja superior ao limite estabelecido no **caput** do art. 20 da Lei nº 10.522, de 19 de julho de 2002, que é de R\$ 10.000,00 (dez mil reais), para as quais são oferecidas reduções que chegam a 100% (cem por cento) das multas e dos encargos legais e 30% (trinta por cento) dos juros, nos casos de pagamento à vista ou parcelamento em até 6 (seis) meses, ou ainda de 60% (sessenta por cento) das multa e de 100% (cem por cento) dos encargos legais para parcelamento em até 24 (vinte e quatro) meses e por último 40% (quarenta por cento) das multas e 100% (cem por cento) dos encargos legais no caso de parcelamento em até 60 (sessenta) parcelas.

3. Por sua vez, o art. 2º visa estimular o encerramento de litígios judiciais e administrativos, decorrentes do aproveitamento indevido de créditos do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI estabelecidos pelos Decretos-Leis nº 491, de 5 de março de 1969, e nº 1.894, de 16 de dezembro de 1981, e os oriundos da aquisição de matérias primas, material de embalagem e produtos intermediários relacionados na Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados - TIPI, aprovada pelo Decreto nº 6.006, de 28 de dezembro de 2006, com incidência de alíquota zero ou como não-tributados - NT, mediante condições especiais de pagamento

dos débitos questionados. O mesmo benefício é estendido àqueles sujeitos passivos operantes pelo Programa de Recuperação Fiscal - REFIS, de que trata a Lei nº 9.964, de 10 de abril de 2000m e do Parcelamento Especial - PAES, de que trata a Lei nº 10.684, de 30 de maio de 2003.

4. Para este último, são oferecidas quatro formas de parcelamento, com redução no valor das multas, de mora e de ofício, em 100% (cem por cento), dos juros em 30% (trinta por cento) e sobre o valor do encargo legal em 100% (cem por cento), a depender se o pagamento for à vista ou parcelado em até 6 (seis) meses; ou com redução de 80% (oitenta por cento) das multas, de mora e de ofício, de 30% (trinta por cento) dos juros e de 100% (cem por cento) sobre o valor do encargo legal, no caso de parcelamento em até 24 (vinte e quatro) meses, ou ainda a possibilidade de parcelamento, sem reduções, em até 60 (sessenta) meses ou em até 120 (cento e vinte) meses, desde que, para esta última forma, seja oferecida uma entrada de 30% (trinta por cento) do valor da dívida a ser parcelada.

5. Os arts. 3º a 13 estabelecem as condições para que os parcelamentos sejam concedidos.

6. O art. 14 concede remissão de dívidas tributárias, nos termos do art. 172 do Código Tributário Nacional, de temporalidade elevada e valores não significativos, considerados de difícil recuperação, em homenagem ao princípio constitucional da eficiência.

7. No que concerne ao Regime Tributário de Transição - RTT, objetiva-se neutralizar os impactos dos novos métodos e critérios contábeis introduzidos pela Lei nº 11.638, de 2007, na apuração das bases de cálculo de tributos federais nos anos de 2008 e 2009, bem como alterar a Lei nº 6.404, de 1976, no esforço de harmonização das normas contábeis adotadas no Brasil às normas contábeis internacionais

8. A Lei nº 11.638, de 2007, foi publicada no Diário Oficial da União de 28 de dezembro de 2007, e entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 2008, sem a adequação concomitante da legislação tributária. Esta breve **vacatio legis** e a alta complexidade dos novos métodos e critérios contábeis instituídos pelo referido diploma legal - muitos deles ainda não regulamentados - têm causado insegurança jurídica aos contribuintes. Assim, faz-se mister a adoção do RTT, conforme definido nos arts. 15 a 22 desta Medida Provisória, para neutralizar os efeitos tributários e remover a insegurança jurídica.

9. O processo de harmonização das normas contábeis nacionais com os padrões internacionais de contabilidade - objetivo maior da Lei nº 11.638, de 2007 - deve prolongar-se pelos próximos anos, razão pela qual, há necessidade de que o RTT não seja aplicável apenas no ano de 2008, mas também no ano de 2009, e, se necessário, nos anos subsequentes, quando, então, ao se descortinar o novo padrão da contabilidade empresarial a ser adotado no País, possa-se regular definitivamente o modo e a intensidade de integração da legislação tributária com os novos métodos e critérios internacionais de contabilidade. Nesse contexto, o § 1º do art. 15 da proposição em tela prevê a aplicação do RTT até que seja editada lei regulando definitivamente os efeitos tributários das mudanças nos critérios contábeis, a qual pretende-se que seja neutra, ou seja, que não afete a carga tributária.

10. O RTT será facultativo para os anos-calendário de 2008 e

2009, para que não ofenda o princípio da irretroatividade tributária, previsto na alínea “a” do inciso III do art. 150, e a regra do § 2º do art. 62, da Constituição Federal de 1988, pois, a adoção do referido regime importa não apenas em desonerações, mas em sujeição completa aos critérios e métodos contábeis da legislação fiscal em 31 de dezembro de 2007. A partir de 2010, caso ainda não esteja em vigor o ajuste da legislação tributária aos novos critérios contábeis, o RTT será obrigatório.

11. O art. 38 do Decreto-Lei nº 1.598, de 26 de dezembro de 1977, isenta do Imposto sobre a Renda das Pessoas Jurídicas - IRPJ as importâncias relativas a subvenções para investimento e doações recebidas do Poder Público, bem como o prêmio na emissão de debêntures, desde que tais valores sejam mantidos em reserva de capital. O Estado abre mão da tributação para capitalizar a empresa, razão pela qual tal valor deve ser mantido em reserva e não distribuído sob qualquer forma. Ocorre, porém, que o art. 195-A, inserido pela Lei nº 11.638, de 2007, na Lei nº 6.404, de 1976, criou um obstáculo ao gozo da isenção, ao determinar que tais valores transitem pelo resultado da empresa e que possam compor a base de cálculo dos dividendos obrigatórios. Assim, para que tais isenções sejam mantidas sem perder a finalidade para a qual foram criadas - a capitalização das empresas - são propostos os arts. 18 e 19 do Projeto, os quais excluem tais valores da base tributável do imposto de renda, desde que mantidos em reservas de lucros, ainda que tenham transitado pelo resultado da empresa.

12. O Projeto, nos seus arts. 20 e 22, estende a aplicação dos métodos e critérios contábeis do RTT à apuração do IRPJ com base no lucro presumido ou arbitrado, da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CSLL, da Contribuição Social para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS e da Contribuição para o PIS/PASEP, com o propósito de garantir a plena neutralidade. Por meio de seus arts. 36 e 37, contempla também aperfeiçoamentos relativos à regulação contábil trazida pela Lei nº 11.638, de 2007, inclusive aperfeiçoa a redação de alguns artigos com o objetivo de tornar mais claro o entendimento dos dispositivos introduzidos pela referida Lei e aproximar a qualidade da informação contábil brasileira aos padrões internacionais.

13. O art. 23, por sua vez, altera o Decreto nº 70.235, de 1972, sendo que a alteração do art. 9º do referido Decreto visa possibilitar à Fazenda Nacional, nas hipóteses em que não resulte lançamento de crédito tributário, a formalização de infrações que ensejem a redução de valores a restituir, a compensar ou a deduzir de tributos e a glosa de créditos de tributos não cumulativos, permitindo ao contribuinte exercer plenamente o direito ao contraditório e à ampla defesa. Além disso, por economia processual, propõe-se que os autos de infração e as notificações de lançamento que sejam formalizados em decorrência de fiscalização relacionada ao Regime Especial Unificado de Arrecadação de Tributos e Contribuições devidos pelas Microempresas e Empresas de Pequeno Porte - Simples Nacional possam constar de lançamento único para todos os tributos por eles abrangidos. A mesma motivação aplica-se às contribuições devidas a terceiros. Faculta, ainda, ao Poder Executivo, identificar outras situações que possam ter seu trâmite processual acelerado, através da exigência de tributos que dependam dos mesmos elementos de prova em um único lançamento. Tal medida visa facilitar o julgamento e dar maior celeridade ao contencioso administrativo tributário, com ganhos para o contribuinte e para a Fazenda Nacional.

15. As alterações propostas nos arts. 23 e 24 do citado Decreto têm por objetivo conferir maior celeridade ao processo, na esteira da Emenda Constitucional nº 45, de 30 de dezembro de 2004, que

introduziu, dentre os direitos e garantias fundamentais, o princípio da celeridade processual, ao acrescentar o inciso LXXVIII ao art. 5º da Constituição Federal. As medidas propostas visam aperfeiçoar a intimação por meio eletrônico, já largamente utilizada no âmbito judicial, em consonância com as formas de intimação pessoal e por via postal, possibilitando, a par da segurança jurídica, maior celeridade processual.

16. Ainda em relação ao Processo Administrativo Fiscal, as alterações propostas nos arts. 25, 26, 26-A e 37 do Decreto nº 70.235, de 1972, visam ajustar o texto ao novo órgão julgador de 2ª (segunda) instância e de instância especial, conforme previsto no art. 45 desta Medida Provisória, fixando uma estrutura geral, e deixando os detalhes do julgamento para serem disciplinados por ato do Ministro da Fazenda, de forma a flexibilizar a estruturação e atuação do novo órgão.

17. O art. 24 do Projeto de Medida Provisória altera e acrescenta os seguintes dispositivos à Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991:

17.1. Art 32:

a) incisos III, IV e § 2º, alterados para substituição da referência ao Instituto Nacional do Seguro Social - INSS por Secretaria da Receita Federal do Brasil, adequando o texto da Lei nº 8.212, de 1991, ao disposto na Lei nº 11.457, de 2007, quanto ao órgão atualmente responsável pela administração das contribuições previdenciárias, bem como o texto do referido inciso IV e do aludido § 2º ao disposto no § 7º do artigo 33 da Lei de Custeio da Seguridade Social, no qual se consigna que “o crédito da seguridade social é constituído por meio de (...) confissão ou documento declaratório de valores devidos e não recolhidos apresentado pelo contribuinte”, caracterizando-se as informações prestadas por meio do documento de que trata o inciso IV - que veicula, inclusive, o valor devido - efetiva confissão do débito e não mera indicação da base de cálculo das contribuições previdenciárias.

b) revogação dos §§ 1º e 3º a 8º, que estabelecem que o Poder Executivo regulamentará critérios e condições para apresentação de obrigações acessórias, pois a competência para definir a forma, o prazo e as condições passaram a ser da Secretaria da Receita Federal do Brasil e do Conselho Curador do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço;

c) o § 9º foi alterado para adequar a remissão relativa à penalidade por falta ou atraso na entrega da Guia de Recolhimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço e Informações à Previdência Social - GFIP, pois a sanção, antes prevista no § 4º, teve sua sistemática alterada e foi transferida para o art. 32-A;

d) o § 10 foi alterada para substituição da referência ao Instituto Nacional do Seguro Social - INSS por Fazenda Nacional, adequando o texto da Lei nº 8.212, de 1991, ao disposto na Lei nº 11.457, de 2007; bem como para adequar o nome da certidão a ser emitida pela Administração no caso de não apresentação da GFIP, causa impeditiva para expedição da certidão de prova de regularidade fiscal.

e) o § 11 foi alterado para determinar que o prazo para a guarda de documentos pelo contribuinte, em relação aos créditos tributários, deve obedecer à prescrição relativa aos créditos decorrentes das operações a que se refram, e não ao prazo até então estipulado de 10 (dez) anos, pois tal prazo não guardará relação com o prazo para constituição do crédito tributário relativo às contribuições previdenciárias, que é o do Código Tributário Nacional, conforme enunciado da Súmula Vinculante nº 8, do Supremo Tribunal Federal, publicada no Diário Oficial da União de 20 de junho de 2008;

17.2. Art. 32-A, foi acrescentado para alterar as penalidades cabíveis nos casos de falta ou atraso na entrega da GFIP, que é a declaração de contribuições devidas à Previdência Social, de forma



a se aplicar os mesmos critérios a que estão sujeitos os contribuintes em relação às declarações referentes aos demais tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, a exemplo da Declaração de Débitos e Créditos Tributários Federais - DCTF e da Declaração de Informações Econômico-Fiscais da Pessoa Jurídica - DIPJ, conforme estabelecido na Lei nº 10.426, de 24 de abril de 2002;

17.3. Art. 33:

a) nova redação do **caput**, para adequá-lo às disposições da Lei nº 11.457, de 2007;

b) § 1º, a redação sugerida permite que terceiros, não caracterizados como segurados ou empresa, possam ser intimados a prestar esclarecimentos e informações em matéria previdenciária à Secretaria da Receita Federal do Brasil;

c) § 2º, exclui a possibilidade de intimação aos servidores de órgãos públicos, pois se propõe, por meio da revogação do art. 41, que o servidor não responda pelo tributo, a intimação para exibir livros e documentos deve ser para a pessoa jurídica de Direito Público;

d) § 3º, substitui INSS por Secretaria da Receita Federal do Brasil e corrige o equivocado emprego do termo “inscrever”, substituindo-o pela expressão “lançar”, a fim de se observar as competências da Secretaria da Receita Federal do Brasil e da Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional;

e) § 4º, estabelece critério para obtenção do montante dos salários pagos pela execução de obra de construção civil, quando não apresentada contabilidade regular e formalizada; foi retirada a vinculação ao padrão de execução da obra, que é critério de difícil aferição e fácil manipulação, deixando aberto à Secretaria da Receita Federal do Brasil que determine os critérios a serem utilizados para o cálculo dos valores devidos;

f) § 7º, altera a denominação do documento de lançamento de “notificação de débito” para “notificação de lançamento”, de forma a adequar instrumento de constituição do crédito tributário à nomenclatura do Decreto nº 70.235, de 1972 - Processo Administrativo Fiscal;

g) § 8º, propõe-se sua criação, permitindo a apuração de contribuições previdenciárias com base nas presunções legais de omissão de receita já utilizadas para outros tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil como o Imposto de Renda da Pessoa Jurídica - IRPJ. Este dispositivo poderá ser aplicado, em especial, aos segmentos empresariais que contribuem, de forma substitutiva, com base em suas receitas (agronegócios e associações desportivas que mantenham equipes de futebol profissional);

17.4. Art. 35, foi alterado para dispor que a multa de mora e os juros de mora serão calculados nos termos do art. 61 da Lei nº 9.430, de 27 de dezembro de 1996, e art. 35-A foi incluído para dispor que a multa de ofício será cobrada nos termos do art. 44 da Lei nº 9.430, de 1996, de forma a aplicar as mesmas regras dos demais tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil às contribuições previdenciárias. A medida facilitará a administração dos créditos e a aplicação da norma, harmonizando a legislação tributária e prevenindo eventuais contestações judiciais em razão de penalidades diferentes para exações semelhantes;

17.5. Art. 37, a alteração deve-se ao fato de que, com a instituição da GFIP como instrumento de confissão de dívida a partir de janeiro de 1999, cabe à fiscalização constituir, por meio de auto de infração ou notificação de lançamento, apenas os créditos previdenciários não declarados espontaneamente;

17.6. No art. 43 a alteração decorre da necessidade de se explicitar melhor a forma de execução das contribuições sociais incidentes sobre as verbas resultantes de decisões em Reclamatórias

Trabalhistas:

a) a Constituição Federal de 1988 determina a execução das contribuições sociais pelo órgão da Justiça do Trabalho, nos termos do inciso VIII do art. 114. Diante do comando constitucional, demonstrou-se a necessidade de se verificar maior detalhamento por parte da norma (art. 43 da Lei nº 8.212, de 1991) para que a atribuição seja desempenhada sem as dúvidas que a redação atual da Lei tem gerado na prática. Faz-se necessário deixar claro que a obrigação de executar as contribuições sociais surge em decorrência de qualquer decisão trabalhista, seja cognitiva ou homologatória de acordo entre as partes, bem como àquelas proferidas nas Comissões de Conciliação Prévia de que trata a Lei nº 9.958, de 12 de janeiro de 2000. Afinal, a Constituição não restringiu a atribuição conferida aos órgãos da Justiça do Trabalho a qualquer espécie de decisão;

b) também imprescindível é determinar expressamente em que momento ocorre o fato gerador das contribuições sociais devidas e quando o contribuinte ou responsável pelo pagamento do tributo deve efetuar o recolhimento das contribuições executadas no âmbito trabalhista. Diante disso, o presente Projeto esclarece que o fato gerador das contribuições sociais ocorre no mês em que houver a prestação do serviço e que o recolhimento das importâncias devidas se dará no dia 10 (dez) do mês seguinte ao da liquidação da sentença ou da homologação do acordo;

c) o Projeto explicita, ainda, os adicionais das contribuições devidos pelo empregador para o financiamento do benefício previsto nos arts. 57 e 58 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, e daqueles concedidos em razão do grau de incidência de incapacidade laborativa decorrente dos riscos ambientais do trabalho, bem como os valores da base de cálculo que são devidos quando nas decisões cognitivas ou homologatórias de acordo não figurarem, discriminadamente, os títulos e os valores das parcelas que as compõem, referentes à execução de ofício pela Justiça Trabalhista;

17.7. O art. 49 foi alterado para dizer que a matrícula da empresa será efetuada nos termos e condições estabelecidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, ou seja, a fim de adequar-se à nova realidade do contribuinte perante a Secretaria da Receita Federal do Brasil, uma vez que os procedimentos de inscrição eram até então efetuados perante o INSS, embora vinculados ao cadastro da então Secretaria da Receita Federal - SRF, que agora se pretende tornar único;

17.8. Foi dada nova redação ao art. 50 com o objetivo de conferir maior clareza à obrigação prevista neste artigo, além de se incluir a previsão de que a obrigação deve ser cumprida mesmo nos meses em que não houver ocorrido o fato gerador.

17.9. O art. 52 trata da multa aplicada sobre pessoa jurídica e sócios/acionistas pela distribuição de lucros/bonificações quando a pessoa jurídica está em débito para com a União. Havia divergência em relação à legislação dos tributos internos. O artigo foi alterado para estabelecer que se aplica a legislação dos demais tributos internos às contribuições sociais. A alteração proposta dá-se com o objetivo de ajustar o texto da Lei ao disposto no art. 32 da Lei nº 4.357, de 16 de julho de 1964, que prevê aplicação de multa às empresas que distribuem lucros estando em débito com a União e suas autarquias de previdência e assistência social e, ainda, aos diretores e demais membros da administração superior que recebem tais recursos. Propõe-se que tal multa seja limitada em função do valor do débito não garantido da empresa, conforme prevê o § 2º do referido artigo, incluído pela Lei nº 11.051, de 29 de dezembro de 2004, de modo a respeitar o princípio da razoabilidade. A alteração exclui ainda a vedação à distribuição de dividendos;

17.10. No art. 60, propõe-se a retirada da expressão “nos ter-



mos e condições aprovados pelo Conselho Nacional de Seguridade Social”, uma vez que tal Conselho foi extinto, porém não se propõe a revogação total do dispositivo por esse tratar de matéria também relacionada a benefícios;

17.11. Art. 89:

a) o **caput** foi alterado para determinar que as regras de compensação serão nos termos e condições estabelecidos pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, à semelhança dos demais tributos internos;

b) o § 4º foi alterado para deixar consignado que sobre o valor a ser restituído ou compensado incidem os juros equivalentes à taxa referencial do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia - SELIC, mesmo tratamento conferido aos demais tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil e mesmo critério utilizado na sua cobrança;

c) o § 9º foi incluído para dispor que os valores compensados independentemente serão exigidos com multa de mora, em consonância com o tratamento dado aos demais tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, por força do art. 90 da Medida Provisória nº 2.158-35, de 24 de agosto de 2001, interpretado sistematicamente com a redação do art. 18 da Lei nº 10.833, de 29 de dezembro de 2003;

d) o § 11 foi incluído para dispensar à restituição das contribuições previdenciárias e de reembolso de salário-família e salário-maternidade o mesmo rito de julgamento dispensado aos demais tributos administrados pela então Secretaria da Receita Federal do Brasil.

18. No art. 102, o parágrafo único foi renumerado para § 2º e incluído o § 1º, para vedar a atualização das multas do art. 32-A, previstas para infrações decorrentes de falta de declaração ou declaração com incorreções ou omissões de contribuições devidas à seguridade social (atraso/falta de GFIP), a fim de manter os mesmos valores das multas relativas às declarações dos demais tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil.

19. O art. 25 acrescenta o art. 125-A à Lei nº 8.213, de 1991, para possibilitar ao INSS efetuar diligências a fim de verificar o atendimento das obrigações não-tributárias impostas pela legislação previdenciária e impor multa por seu eventual descumprimento. Essa medida visa dotar o INSS de instrumentos necessários ao regular reconhecimento, manutenção, revisão ou extinção de direitos previdenciários, a exemplo das diligências destinadas à comprovação de vínculo empregatício.

20. O art. 26 promove a revisão das reduções das multas de lançamento de ofício, reguladas pelo art. 6º da Lei nº 8.218, de 29 de agosto de 1991, e pelo art. 60 da Lei nº 8.383, de 30 de dezembro de 1991. São estabelecidas novas faixas de gradação das reduções, atentando-se para que a maior das faixas não desestime o pagamento espontâneo de tributo e que a menor faixa ainda viabilize o pagamento anterior à inscrição na dívida ativa. Cria-se, também, incentivo ao pagamento do crédito tributário no prazo para cobrança amigável, posterior à decisão definitiva na esfera administrativa.

21. O art. 27 altera o art. 74 da Lei nº 8.383, de 1991, inserindo o § 3º no artigo. O citado § 3º inclui as despesas com benefícios e vantagens concedidos pela empresa no conceito de remuneração de empregados e de trabalhadores autônomos, como forma de evitar que o pagamento, realizado pela própria empresa ou por empresa interposta, de verbas de natureza salarial seja desvirtuado mediante aportes em cartão de crédito ou débito bancário ou ainda por meio dos denominados “cartões de incentivo” e excetua do conceito de remuneração os pagamentos decorrentes do Programa de Alimentação do Trabalhador - PAT, feitos de acordo com a Lei nº 6.321,

de 14 de abril de 1976, por não se tratarem de verbas salariais.

22. A proposta de alteração do art. 24 da Lei nº 9.249, de 26 de dezembro de 1995, prevista no art. 28 desta Medida Provisória, visa adequar o lançamento de ofício, no caso de omissão de receita, às novas regras de cobrança da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - COFINS e da Contribuição para o PIS/PASEP.

23. Em decorrência das alterações introduzidas nos últimos anos na sistemática da cobrança dessas contribuições, em especial, a introdução de alíquotas diferenciadas para alguns setores produtivos, a criação do regime de incidência não-cumulativa e a cobrança das contribuições fixadas por unidade de medida de produto vendido, urge acrescentar ao art. 24 da citada lei novos parágrafos que definam regras para determinação da alíquota aplicável ao lançamento de ofício nos casos em que não seja possível a identificação da natureza da receita omitida por pessoa jurídica que apure as contribuições a alíquotas diversas.

24. Atualmente, em face do disposto no art. 24 da Lei nº 9.249, de 1995, no caso de omissão de receita praticada por pessoa jurídica sujeita a alíquotas diversas na apuração das contribuições, quando não identificada a natureza da receita omitida, há incerteza na eleição de qual alíquota aplicar. Restaria à administração utilizar no lançamento de ofício a alíquota prevista para as receitas em geral, situação potencialmente injusta, pois poderia resultar em utilização de alíquota menor do que aquela a que a receita estaria sujeita se a pessoa jurídica a adicionasse na apuração das contribuições.

25. A redação proposta tem por objetivo desestimular a conduta omissiva do sujeito passivo, traduzindo-se na aplicação da alíquota mais elevada dentre as previstas na legislação para as receitas auferidas pelo sujeito passivo.

26. Alterado o § 2º do art. 24 da Lei nº 9.249, de 1995, com o objetivo de fundamentar o lançamento de contribuições previdenciárias, nos casos em que estas incidam sobre a receita da empresa (agronegócios e associações desportivas que mantenham equipes de futebol profissional), quando identificada omissão no registro da receita por parte do sujeito passivo, ou seja, propõe-se a extensão das presunções legais de omissão de receita à matéria previdenciária (ver ainda redação proposta para o § 7º do art. 33).

27. Também altera o art. 74 da Lei nº 9.430, de 1996, visando vedar a compensação de débitos de pequeno valor, dado os altos custos operacionais de processamento e administração das declarações de compensação. Além disso, veda o pedido de compensação ou ressarcimento de débitos que constituem mera antecipação do imposto devido na declaração de ajuste das pessoas físicas e das pessoas jurídicas, a fim de agilizar a cobrança dos débitos e inibir a apresentação de compensações indevidas, determinando que sejam considerados como declarados todos os débitos apresentados na declaração de compensação, mesmo que posteriormente a compensação seja considerada não-declarada.

28. É importante ressaltar que a vedação para compensar débitos de pequeno valor não retira do sujeito passivo o direito ao crédito que possuir perante a Secretaria da Receita Federal do Brasil, já que esse direito pode ser requerido em restituição ou ressarcimento e, ainda, ser utilizado para compensar débitos de valores superiores ao limite fixado.

29. Ainda no que tange às alterações propostas ao art. 74 da Lei nº 9.430, de 1996, pelo art. 29, propugna-se estabelecer rito célere às situações em que as compensações vedadas expressamente por lei são consideradas não declaradas, conferindo instância única e definitiva às decisões proferidas.

30. Ademais, juntamente com o art. 50, o art. 29 dispõe sobre a baixa de inscrições no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas -

CNPJ de empresas que por 5 (cinco) anos não apresentem declarações e demonstrativos e que não atendam aos demais requisitos legais exigíveis. O art. 51, visando regularizar o cadastro fiscal, concede anistia e remissão de multas por omissão na entrega de declarações ou pela não comunicação da baixa, extinção ou cancelamento nos órgãos de registro por parte dos sujeitos passivos obrigados.

31. O art. 30, por sua vez, altera a redação § 1º e do **caput** do art. 1º, do art. 2º, ambos da Lei nº 9.469, de 1997, e acrescenta os arts. 1º-A e 1º-B ao referido diploma legal.

31.1. A alteração do **caput** do art. 1º visa suprimir a competência dos dirigentes máximos das autarquias e fundações públicas federais para autorizar a realização de acordos ou transações, em juízo, para terminar o litígio, de acordo com o disposto na Lei nº 11.457, de 2007, que previu expressamente a centralização da execução da dívida ativa das autarquias e fundações públicas federais na Procuradoria-Geral Federal, órgão vinculado à Advocacia-Geral da União. O § 1º estabelece que, nos valores superiores, a celebração de acordos dependerá de autorização expressa do Advogado-Geral da União e do Ministro de Estado ao qual estiver vinculado o assunto, inclusive no caso de empresa pública ou do Banco Central do Brasil.

31.2. No mesmo sentido é o acréscimo dos arts. 1º-A e 1º-B da referida Lei, que propõe deixar expressa a competência exclusiva do Advogado-Geral da União de dispensar a inscrição de crédito, autorizar o não ajuizamento de ações e a não-interposição de recursos, assim como requerimento de extinção das ações em curso ou de desistência dos respectivos recursos judiciais, para cobrança de créditos das autarquias e fundações públicas federais, observados os critérios de custos de administração e cobrança. Entretanto, no que tange às empresas públicas, manteve-se o teor da redação do **caput** do art. 1º da Lei nº 9.469, de 1997, e no art. 1º-B, o limite de R\$ 1.000,00 (mil reais).

31.3. A necessidade dessas modificações decorre do fato de a Lei nº 9.469, de 1997, quando editada, ter se baseado no aspecto social e jurídico existente à época. Em 1997, sequer existia a Procuradoria-Geral Federal. Cada autarquia e fundação pública federal exercia toda a atividade de inscrição, cobrança e ajuizamento de execução fiscal em relação a seus créditos. Entretanto, com o advento da Lei nº 10.480, de 2002, e da Lei nº 11.457, de 2007, determinou-se a centralização da cobrança da dívida ativa das autarquias e fundações públicas federais nas unidades previstas nos §§ 4º e 5º do art. 10 da Lei nº 10.480, de 2002, em até 24 (vinte e quatro) meses contados a partir da publicação da Lei nº 11.457, de 2007, sendo imperiosa à viabilidade e ao sucesso desse processo de centralização a uniformização de regras. Outrossim, a alteração ora proposta é a que melhor se harmoniza com o art. 131 da Constituição Federal, na medida que concentra as orientações relativas à representação judicial e extrajudicial.

32. O art. 31 altera o art. 62 da Lei nº 9.532, de 10 de dezembro de 1997, visando caracterizar como infração à legislação tributária a ausência do equipamento Emissor de Cupom Fiscal - ECF por empresa obrigada ao seu uso. A medida objetiva evitar o descumprimento dessa obrigação tributária acessória e, portanto, impedir a evasão fiscal e os prejuízos decorrentes dessa prática.

33. Altera, também, o art. 64 da referida Lei objetivando identificar, para fins de arrolamento, além dos bens e direitos em nome do cônjuge, no caso de o crédito tributário ser formalizado contra pessoa física, aqueles em nome dos responsáveis tributários, no caso de pessoas jurídicas, e evitar que sejam arrolados bens de valor irrisório, em prejuízo do Erário.

34. O art. 32 simplifica a aplicação da multa por atraso na entrega

do Demonstrativo de Apuração de Contribuições Sociais - DACON Semestral, adequando-a à situação da semestralidade.

35. O art. 33 altera a redação do § 2º do art. 11 da Lei nº 10.480, de 2002, permitindo a delegação das atribuições previstas nos incisos IV a VII do art. 11 ao Subprocurador-Geral Federal e da atribuição prevista no inciso II aos Procuradores-Gerais ou Chefes de Procuradorias, Departamentos, Consultorias ou Assessorias Jurídicas de autarquias e fundações públicas federais.

36. O art. 34 introduz modificações na Lei nº 10.522, de 2002. Tem-se a unificação da legislação do parcelamento ordinário dos tributos, inclusive das contribuições previdenciárias, com as seguintes alterações legislativas:

36.1. A possibilidade do parcelamento de acordo com o fluxo de caixa do contribuinte;

36.2. A obrigatoriedade do oferecimento de garantias para a concessão de qualquer parcelamento, anteriormente prevista apenas para os débitos inscritos em dívida ativa;

36.3. A especificação detalhada das vedações ao parcelamento;

36.4. A possibilidade de reparcelamento de débitos mediante fixação de percentual mínimo de realização do crédito tributário;

36.5. A possibilidade de parcelamento de novos débitos de mesmo grupo de tributo já parcelados anteriormente, desde que atendidas as mesmas condições para o reparcelamento.

37. A alteração do art. 2º da Lei nº 10.522, de 2002, visa retirar a obrigatoriedade da inclusão no Cadastro Informativo de Créditos não Quitados do Setor Público Federal - CADIN de pessoa física que esteja com a inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas - CPF na situação suspensa, ou seja, ainda não definitivamente baixada.

38. A alteração do § 4º do art. 2º visa a deixar exposto a aplicação do disposto nesse artigo à Procuradoria-Geral Federal, órgão responsável pela cobrança da dívida ativa das autarquias e fundações públicas federais.

39. No mesmo sentido é a alteração na redação do art. 25 da referida Lei, que propõe deixar expressa a possibilidade de aplicação do disposto do citado artigo à dívida ativa das autarquias e fundações públicas federais.

40. A inserção dos artigos 37-A e 37-B na mencionada Lei visa a disciplinar os acréscimos moratórios (juros e multa de mora), encargos legais e parcelamento dos débitos das Autarquias e Fundações Públicas Federais inscritos em dívida ativa pela Procuradoria-Geral Federal, nas formas, condições e termos permitidos à Fazenda Nacional. A Lei nº 11.098, de 13 de janeiro de 2005 acresceu os §§ 11, 12 e 13 ao art. 10 da Lei nº 10.480, de 2002, prevendo a faculdade de centralização da inscrição em dívida ativa e cobrança dos créditos das autarquias e fundações públicas federais. Com o advento da Lei nº 11.457, de 2007, foi estabelecido o prazo de 24 (vinte e quatro) meses, a contar da sua publicação, 19 de março de 2007, para que a Procuradoria-Geral Federal centralizasse as atribuições relativas à dívida ativa. O projeto de centralização da dívida ativa na Procuradoria-Geral Federal abrange todas as autarquias e fundações públicas federais, aproximadamente, 180 (cento e oitenta) entidades, com exceção do Banco Central do Brasil. No contexto de absorção das novas atribuições, a aplicação de encargos moratórios no âmbito das autarquias e fundações públicas federais não obedece a uma padronização. Existe uma profusão de leis dispondo sobre a matéria, estabelecendo percentuais diferenciados de juros e multa de mora. Com o escopo de se dispensar tratamento uniforme à matéria, conferindo maior racionalidade ao sistema de cobrança da dívida dos entes autárquicos e fundacionais federais, propõe-se a utilização dos mesmos parâmetros estabelecidos para a cobrança da dívida ativa da União, na forma do § 3º do art. 61

da Lei nº 9.430, de 1996. Pelas mesmas razões de simplificação, uniformização e racionalidade, sugere-se a fixação de encargos legais, em substituição aos honorários advocatícios decorrentes de condenação em juízo, no percentual de 20% (vinte por cento), com previsão de redução para 10% (dez por cento), na hipótese de pagamento efetuado antes do ajuizamento da execução, nos moldes já estipulados na Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, na Lei nº 9.782, de 26 de janeiro de 1999 e, mais recentemente, na Lei de criação da Agência Nacional de Aviação Civil - ANAC - Lei nº 11.182, de 27 de setembro de 2005. Quanto ao parcelamento, os créditos das autarquias e fundações públicas federais inscritos em dívida ativa pela Procuradoria-Geral Federal poderão ser parcelados em 30 (trinta) meses, em simetria com a disciplina do parcelamento do Banco Central do Brasil, obedecendo, contudo, às formas e condições gerais da Lei nº 10.522, de 2002. Por fim, mister reafirmar que a ausência de critério uniforme, para os acréscimos moratórios, encargos legais e parcelamento dos créditos das autarquias e fundações públicas federais demanda a edição de ato legislativo aglutinador das diversas normas que disciplinam a matéria.

41. Nos arts. 36 e 37, estão sendo propostas novas alterações à Lei nº 6.404, de 1976, cujo objetivo é proporcionar a plena harmonização dos padrões contábeis brasileiros aos padrões contábeis internacionais, que já é o objetivo maior da própria Lei nº 11.638, de 2007, em consonância com a adoção do Regime Tributário de Transição, previsto no art. 17 e seguintes do projeto.

41.1. Considerando que o ambiente econômico está permanentemente em movimento, incorporando seguidamente novas transações econômico-financeiras, devemos estar cientes de que as regras de contabilidade também devem estar em constante atualização. Assim, é imperativo que a contabilidade disponha do mesmo dinamismo que é peculiar ao ambiente econômico, com o risco de se assim não for, estar se distanciando de seu objetivo de fornecer informações úteis aos seus usuários. Em busca desse dinamismo, está sendo proposta nova redação para o § 3º do art. 177, permitindo à Comissão de Valores Mobiliários normatizar questões contábeis de forma abrangente. Essa delegação poderia ser segmentada em 3 (três) grandes conjuntos: normatização de registro, avaliação e divulgação das transações contábeis.

41.2. No que se refere ao conjunto de registro, propõe-se a inclusão do § 7º no art. 176 para autorizar à Comissão de Valores Mobiliários disciplinar de forma diversa o registro de que trata o § 3º do mesmo artigo, permitindo a compatibilização do procedimento com normas internacionais de contabilidade.

41.3. Outra alteração em relação ao registro é a eliminação do subgrupo “Diferido” (inciso V do art. 179) e do grupo “Resultados de Exercícios Futuros” (art. 181), que não constam das normas internacionais de contabilidade.

41.4. Propõe-se a eliminação da seguinte referência “(§ 5º do art. 177, inciso I do **caput** do art. 183 e § 3º do art. 226 desta Lei)”, contida no § 3º do art. 182, que trata da contrapartida do registro de ativos e passivos a valor de mercado. Isso se faz necessário para eliminar uma incorreção técnica na redação do inciso I do **caput** do art. 183, que induz ao entendimento de que tanto os títulos classificados como destinados à negociação quanto os disponíveis para venda têm sua contrapartida do registro da avaliação a mercado na classe de “Ajustes de Avaliação Patrimonial”. Na verdade, somente os instrumentos financeiros classificados como disponíveis para venda devem ter esse tratamento, pois os destinados à negociação têm a referida contrapartida registrada diretamente no resultado do período. Além disso, é importante também para eliminar qualquer restrição quanto à aplicação do ajuste a valor de mercado de ativos

e passivos àqueles porventura não contemplados nas referências especificadas.

41.5. No conjunto de divulgação, propõe-se nova redação para o § 5º do art. 176, alterando seu conteúdo com vistas a torná-lo mais abrangente conceitualmente, ao invés de listar as matérias que devem ser objeto de notas explicativas das demonstrações financeiras.

41.6. Ainda nesse conjunto e no sentido da convergência com as normas internacionais de contabilidade, propõe-se alterar as alíneas dos §§ 1º e 2º do art. 178, incluindo uma classe denominada “Não Circulante”, tendo em vista ser essa a terminologia utilizada nas normas internacionais de contabilidade. Ainda nesses dispositivos, são eliminadas as referências aos grupos do “Diferido” e do “Resultado de Exercícios Futuros”, respectivamente. Com o mesmo propósito, são alterados o art. 180 e o inciso III do art. 184, para contemplar a alteração de terminologia de “Passivo Exigível a Longo Prazo” para “Passivo Não Circulante”. Alteram-se, também, os §§ 2º e 3º do art. 183 para suprimir a referência ao “diferido”.

41.7. No que se refere ao conjunto de avaliação, propõe-se a substituição da expressão “valor de mercado” por “valor justo”, que é definida como “o valor pelo qual um ativo pode ser negociado, ou um passivo liquidado ou transferido, entre partes interessadas, conhecedoras do negócio e independentes entre si, com a ausência de fatores que pressionem para a liquidação da transação ou que caracterizem uma transação compulsória”. Essa terminologia é a utilizada nas normas internacionais de contabilidade e tem abrangência técnica e conceitual bastante superior. Essa proposição produz alterações na redação do art. 183, especificamente na alínea “a” do inciso I e no § 1º.

41.8. Também se propõe nova qualificação dos investimentos societários sujeitos à avaliação pelo método da equivalência patrimonial, em virtude da alteração do art. 243 para adequar a definição de coligada àquela prevista nas normas internacionais de contabilidade e que não atribuem um percentual mínimo para que uma investida seja classificada como coligada. Em termos técnicos, a referida proposição é substancialmente mais relevante para a tomada de decisões do que a anterior, pois se utiliza do conceito de “influência” na investida.

41.9. Por fim, ainda em referência ao conjunto avaliação, propõe-se a alteração do § 3º do art. 226, que determinava a contabilização de ativos e passivos pelo seu valor de mercado em operações de incorporação, fusão ou cisão realizadas entre partes independentes e vinculadas à efetiva transferência de controle. A alteração proposta remete à Comissão de Valores Mobiliários o poder de normatizar os critérios contábeis aplicáveis a essas operações que, em conjunto com a proposição de inclusão do art. 185-A, possibilita àquela Comissão introduzir norma sobre a matéria em consonância com os padrões internacionais de contabilidade adotados nos principais mercados de valores mobiliários.

42. O art. 43 unifica os 3 (três) Conselhos de Contribuintes, bem como a Câmara Superior de Recursos Fiscais, hoje existentes, em um único órgão, que passa a denominar-se Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, mantendo a representatividade paritária. Tal alteração trará mais racionalidade e agilidade ao funcionamento desses órgãos, centralizando as decisões e unificando e padronizando os processos e sistemas.

43. A unificação dos Conselhos de Contribuintes e da Câmara Superior de Recursos Fiscais permitirá uma melhor adequação da estrutura e dos cargos, possibilitando eliminar a superposição de atividades e criar atividades novas e essenciais, tais como o controle de processos, e melhoria das funções, compatível com as responsabilidades, bem como possibilitará um melhor aproveitamento dos



recursos humanos e maior produtividade, e a implementação de serviços novos e essenciais como ciência dos contribuintes pelo próprio Conselho, agilizando as fases dos processos, sem necessidade de seu retorno à unidade preparadora da Secretaria da Receita Federal do Brasil.

44. Os arts. 44 a 47 tratam das conseqüências da unificação dos Conselhos de Contribuintes e da Câmara Superior de Recursos Fiscais, dispondo sobre a redistribuição, para o Conselho de Recursos Administrativos Fiscais, dos cargos dos servidores daqueles órgãos, transferindo os cargos em comissão e funções gratificadas da estrutura do Primeiro, Segundo e Terceiro Conselhos de Contribuintes do Ministério da Fazenda e da Câmara Superior de Recursos Fiscais para o Conselho de Recursos Administrativos Fiscais, e autorizando o Poder Executivo a proceder à transformação, sem aumento de despesa, dos cargos em comissão e funções gratificadas existentes no Conselho de Recursos Administrativos Fiscais.

45. O art. 48 determina medidas para que a autoridade administrativa possa reconhecer de ofício a prescrição dos créditos tributários. O reconhecimento de ofício, pela autoridade administrativa, evitará demandas judiciais desnecessárias, com redução de custos e ganhos de eficiência para a administração.

46. O art. 49 procura pacificar as discussões doutrinárias e jurisprudenciais sobre a necessidade de lançamento de ofício para evitar a decadência tributária, nas hipóteses em que há depósito judicial em montante integral. O novel dispositivo perfila-se com decisões reiteradas dos tribunais superiores, de forma a evitar que várias ações judiciais sejam propostas desnecessariamente.

47. O art. 52 visa corrigir o limite de isenção do Imposto de Renda Retido na Fonte sobre os pagamentos de prêmios lotéricos. O limite atual é de apenas R\$ 11,10 (onze reais e dez centavos), passando a corresponder ao valor da 1ª (primeira) faixa da tabela de incidência mensal do Imposto de Renda da Pessoa Física - IRPF.

48. Quanto à remissão dos débitos individuais de pequeno valor e antigos, de que trata o art. 14 do projeto, serão remitidos em torno de R\$ 1,8 bilhões (um bilhão e oitocentos milhões de reais), o que representa 0,22% (vinte e dois centésimos por cento) do valor do passivo tributário em cobrança e beneficia 23,1% (vinte e três inteiros e um décimo por cento) dos devedores. Esses débitos são considerados incobráveis e não constam da previsão orçamentária anual, não trazendo impacto para a realização da receita tributária. No que tange à anistia de multas por descumprimento de obrigações acessórias, em decorrência da baixa de inscrições no CNPJ, o valor estimado é da ordem de R\$ 4 bilhões. As penalidades, igualmente, são consideradas incobráveis e não constam de previsão orçamentária.

49. Ademais, a remissão e a anistia previstas na medida trarão maior eficiência à cobrança administrativa e judicial dos débitos recentes e mais relevantes, bem como melhor controle cadastral dos contribuintes, traduzindo-se em ganhos adicionais de arrecadação.

50. Assim, em relação à Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000 - Lei de Responsabilidade Fiscal, a renúncia será compensada por meio do Decreto de execução orçamentária de forma a não afetar o cumprimento da meta fiscal já estabelecida na Lei de Diretrizes Orçamentárias. Ademais, tais créditos enquadram-se na exceção prevista no inciso II do § 3º do art. 14 da Lei de Responsabilidade Fiscal.

51. O art. 53 prevê, em relação aos tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil, a possibilidade de reexame de período já fiscalizado desde que autorizado por autoridade administrativa competente, nos termos definidos pelo Poder Executivo.

52. Quanto ao art. 35, a Procuradoria-Geral Federal, através de

suas unidades jurídicas, constatou que decisões judiciais têm indeferido os pedidos de incidência de contribuição social, na fonte, a ser realizada pelo Poder Judiciário, sobre o montante da condenação, em ações propostas por servidores públicos autárquicos e fundacionais, ante a ausência de lei nesse sentido; ao contrário do que ocorre em relação ao imposto de renda, cuja previsão está na Lei nº 10.833, de 29 de dezembro de 2003. O mesmo também ocorre em relação aos servidores da Administração direta.

53. Diante deste tipo de situação, verificou-se ser necessário um acréscimo legislativo que viabilize a retenção de contribuição previdenciária sobre valores objeto de condenação judicial, o que facilitará o recolhimento das contribuições sociais incidentes sobre os valores das condenações judiciais, evitará o ajuizamento de inúmeras novas ações perante o Poder Judiciário que busquem executar tais valores e reduzirá sensivelmente o tempo que levará para os montantes correspondentes às contribuições sociais serem arrecadados.

54. Além disso, este acréscimo à Lei nº 10.887, de 2004, permitirá que a Administração pública federal torne o controle fiscal e a arrecadação dessas contribuições mais eficiente. A previsão que atribui ao Poder Judiciário o dever de efetuar a liquidação com observância de cada caso e posterior recolhimento na fonte quando do pagamento, permitirá a verificação de situações em que não é devida a contribuição social, evitando erros em razão de descontos indevidos.

55. Os artigos 63 e 64 têm por objetivo autorizar a União a conceder subvenção extraordinária aos produtores independentes de cana-de-açúcar da região Nordeste, na safra 2008/09, e a adquirir sacas de açúcar junto a usinas circunscritas na região Nordeste, respectivamente. Em relação à indústria sucroalcooleira, são propostas medidas em função da grave crise por que vem passando o setor, cujos preços do açúcar e do álcool estão abaixo dos custos de produção, comprometendo a remuneração dos elos mais baixos da cadeia produtiva. A atenção especial para com a região Nordeste decorre da grande participação dos pequenos e médios produtores independentes, bem como, da menor competitividade dessa região, onde as condições climáticas e topográficas colaboram para agravamento do problema. Nas últimas safras os custos vêm sendo fortemente pressionados, tanto pelos aumentos de preços dos fertilizantes e defensivos, que atingem toda a agricultura, quanto pelas despesas com mão-de-obra, que afetam mais intensamente os estabelecimentos cuja topografia impede a plena mecanização das atividades. A combinação desses fatores penaliza mais fortemente os pequenos e médios fornecedores independentes, contribuindo para reforçar o processo histórico de concentração da produção, especialmente nas próprias usinas. Esse fenômeno afeta as dinâmicas regionais, reduzindo postos de trabalho e alimentando os fluxos migratórios, especialmente para as periferias das grandes cidades. Sensíveis a essa situação e tendo em vista o disposto no art. 43, § 2º da Constituição Federal, o Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o Ministério da Fazenda mantiveram entendimentos para a implementação de um programa emergencial de socorro aos pequenos e médios produtores da região Nordeste. De um lado, as condições operacionais para a implementação, execução, pagamento, controle e fiscalização da subvenção extraordinária serão definidas conjuntamente pelos referidos Ministérios, observando-se que a subvenção será:

- a) concedida diretamente aos produtores ou por meio de suas cooperativas, em função da quantidade de cana-de-açúcar efetivamente vendida às usinas de açúcar e álcool da região;
- b) definida pela diferença entre o preço médio mensal recebido

do pelos produtores e o custo de produção variável para a safra 2008/2009, calculado pela Companhia Nacional de Abastecimento – Conab em R\$ 40,92 (quarenta reais e noventa e dois centavos) por tonelada de cana-de-açúcar;

c) limitada a R\$ 5,00 (cinco reais) por tonelada de cana-de-açúcar e a 10.000 (dez mil) toneladas por produtor em toda a safra;

d) paga em 2008 e 2009, referente à produção da safra 2008/2009 efetivamente entregue a partir de 1º de agosto de 2008, observados os limites anteriormente mencionados.

Os custos decorrentes desta medida serão suportados pela Ação 0300 – Garantia e Sustentação de Preços na Comercialização de Produtos Agropecuários, do Programa 0352 – Abastecimento Agroalimentar. Os recursos integram o Orçamento das Operações Oficiais de Crédito, sob a supervisão da Secretaria do Tesouro Nacional – Ministério da Fazenda. Considerando a subvenção máxima por produtor e o perfil dos fornecedores de cana abrangidos pela medida, o custo total poderá chegar a R\$ 77.181.790,00 (setenta e sete milhões, cento e oitenta e um mil e setecentos e noventa reais).

De outro lado, a outra medida de igual importância diz respeito à autorização para que a Conab adquira um montante de até 5.400.000 (cinco milhões e quatrocentas mil) sacas de açúcar junto a usinas circunscritas na região Nordeste. Tais aquisições devem ser feitas com base nos preços médios praticados na região, sendo utilizados recursos da mesma fonte que custeará as despesas com a subvenção. Considerando os preços atuais, as despesas poderão atingir R\$ 162.000.000,00 (cento e sessenta e dois milhões de reais). Os recursos retornarão para a empresa quando da venda do produto. As despesas com as aquisições em exame serão suportadas pela Ação Formação de Estoques Públicos – PGPM (Ação 2130) – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab, do Programa 0352 - Abastecimento Agroalimentar.

56. Quanto às revogações, cabem as seguintes considerações:

56.1. Da Lei nº 8.212, de 1991, foram revogados:

a) os §§ 1º e 3º do art. 32 para que os critérios para a apresentação de declaração não dependam de ato editado pelo Presidente da República, bastando ato da Secretaria da Receita Federal do Brasil, a exemplo do que já ocorre em relação aos demais tributos por ela administrados;

b) os §§ 4º a 8º do art. 32 em razão de as penalidades por descumprimento das obrigações acessórias, originalmente previstas nesses dispositivos, relativas à falta ou atraso na entrega da declaração das contribuições previdenciárias, terem sido transferidas para o art. 32-A;

c) os arts. 34 e 38, que visam aplicar às contribuições previdenciárias as mesmas regras contidas na Lei nº 9.430, de 1996, inclusive porque a SELIC está sendo tratada no art. 35;

d) art. 41, para excluir a possibilidade de tributação na pessoa do dirigente de órgão público, ou seja, para atender a diretriz do Supremo Tribunal Federal, reforçada pela Advocacia Geral da União - AGU, através do Parecer AGU - AC nº 16, de 12 de julho de 2004. Referido Parecer, resumidamente, firma entendimento no sentido de que as multas previstas em lei são aplicáveis aos estados e municípios e que o favorecimento desses entes, pela exclusão de penalidades, caracterizaria desvio de poder e por consequência com base neste artigo o dirigente responderia por tal multa. Esta revogação se faz necessária, ainda, para harmonizar a legislação previdenciária à legislação relativa aos demais tributos administrados pela Secretaria da Receita Federal do Brasil;

e) § 8º do art. 47, uma vez que a Lei nº 5.172, de 1966 (Código Tributário Nacional), dispõe que, em existindo débitos cuja exigibilidade esteja suspensa (aqui incluído o parcelamento, de acordo

com o inciso VI do art. 151 do mesmo diploma legal), concede-se certidão com os mesmos efeitos da certidão negativa, mas não a negativa, como determina o atual § 8º. Ademais, a exigência de garantia para concessão de certidão no caso de parcelamento não faz sentido, uma vez que, em existindo previsão legal, a garantia deverá ser exigida no momento da concessão do parcelamento e não no momento da emissão da certidão;

f) inciso II do art. 80, pois, de acordo com o art. 2º da Lei nº 11.457, de 2007, cabe à Secretaria da Receita Federal do Brasil planejar, executar, acompanhar e avaliar as atividades relativas à cobrança das contribuições previstas nas alíneas “a”, “b” e “c” do parágrafo único do art. 11 da Lei nº 8.212, de 1991, das contribuições instituídas a título de substituição e das contribuições devidas a terceiros;

g) art. 81, pois, além de não mais competir ao INSS a administração das contribuições previstas nas alíneas “a”, “b” e “c” do parágrafo único do art. 11 da Lei nº 8.212, de 1991, das contribuições instituídas a título de substituição e das contribuições devidas a terceiros, e sim à Secretaria da Receita Federal do Brasil, tal se dá também em face das controvérsias sobre a compatibilidade da divulgação dos devedores com o sigilo fiscal previsto no art. 198 do CTN, sem perder de vista que tais informações podem ser prestadas aos órgãos públicos em virtude de convênios firmados com a Secretaria da Receita Federal do Brasil.

h) § 1º do art. 89, pois o **caput** passou a estabelecer a regra para que seja admitida a restituição e a compensação. Na mesma esteira, a revogação do § 3º objetiva acabar com o limite de 30% (trinta por cento) para a compensação das contribuições previdenciárias, de forma a dar tratamento equânime em relação aos demais tributos. Uma parte do § 5º foi revogada pela revogação do § 3º (trava de 30%) e a outra parte foi incorporada ao § 4º (atualização pela SELIC). Da mesma forma, uma parte do § 6º foi revogada porque não existe mais atualização monetária e a outra foi incorporada ao § 4º;

i) parágrafo único do art. 93, pois previa recurso de ofício na hipótese de relevação de multa, procedimento abolido para adequação às normas do Processo Administrativo Fiscal, ou seja, para uniformizar os procedimentos no âmbito da Secretaria da Receita Federal do Brasil.

56.2. O parágrafo único do art. 133 da Lei nº 8.213, de 1991, foi revogado porque a redução da multa seguirá as regras do Processo Administrativo Fiscal, não existindo mais a sua relevação, uniformizando assim os procedimentos no âmbito da Secretaria da Receita Federal do Brasil;

56.3. A revogação do art. 60 da Lei nº 8.383, de 1991, se dá em função da criação de novos percentuais de redução das multas de lançamento de ofício, com o estabelecimento de novas faixas de graduação;

56.4. O parágrafo único do art. 15 do Decreto nº 70.235, de 1972, foi revogado uma vez que, com o surgimento das delegacias especializadas de julgamento e a consequente separação das competências para efetuar lançamentos e apreciar recursos administrativos, não cabe mais à autoridade julgadora agravar o lançamento na decisão, podendo, entretanto, determinar o aperfeiçoamento do lançamento;

56.5. O Decreto nº 83.304, de 28 de março de 1979, foi revogado em razão da alteração na estrutura de julgamento em 2ª (segunda) instância e em instância especial e tendo em vista que, nos termos propostos nesta Medida Provisória, competirá às Seções do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais o julgamento do recurso especial, na forma prescrita no seu regimento interno.

56.6. O art. 112 da Lei nº 11.196, de 21 de novembro de 2005,



foi revogado porque a matéria nele tratada foi transformada no § 5º do art. 25 do Decreto nº 70.235, de 1972. As revogações deste artigo e do Decreto nº 83.304, de 1979, só ocorrerão a partir da instalação do Conselho de Recursos Administrativos Fiscais, a fim de se evitar solução de continuidade.

56.7. O art. 7º da Lei nº 9.469, de 1997, foi revogado porque a matéria ali tratada contraria a disposição contida no art. 22 da Lei nº 11.457, de 2007, e em face das alterações ora feitas nos arts. 1º e 2º da Lei nº 9.469, de 1997.

56.8 Os §§ 1º, 2º e 3º do art. 84 do Decreto-Lei nº 73, de 21 de novembro de 1996, incluídos pela Lei nº 10.190, de 14 de fevereiro de 2001, uma vez que a Superintendência de Seguros Privados - SUSEP já dispõe de regras prudenciais que suplantam em muito o regramento dos dispositivos indicados, tais como o requerimento de capital, baseado nos riscos das sociedades seguradoras, imposto pelo Conselho Nacional de Seguros Privados, além da exigência de aplicação dos ativos garantidores das provisões, em conformidade com as diretrizes do Conselho Monetário Nacional.

56.9. Revoga-se o § 7º do art. 177 da Lei nº 6.404, de 1976, tendo em vista que os efeitos deste dispositivo já estão plenamente garantidos pelo RTT, à medida que o conjunto de modificações propostas na escrituração de livros auxiliares e do Livro de Apuração do Lucro Real dispensa totalmente os sujeitos passivos de realizar lançamentos na sua escrita mercantil, unicamente com o propósito de atender à legislação tributária. Ou seja, com a implementação do RTT, fica garantido que a escrita contábil deva observar unicamente

a legislação comercial e todo e qualquer registro necessário para atender à legislação tributária seja realizado em livros ou registros contábeis auxiliares ou livros fiscais. Com isso, garante-se que os balanços e demais demonstrações contábeis representem com maior veracidade a realidade patrimonial das empresas, segundo os critérios e métodos estritamente contábeis, escoimando assim eventuais interferências da legislação fiscal na escrituração empresarial.

57. É urgente a adoção de medidas que reduzam a litigância tributária no âmbito administrativo e judicial; somado a isso, não há justificativa para que um mesmo órgão não se utilize de critérios semelhantes no que tange a administração das contribuições previdenciárias e a dos demais tributos internos, o que, muitas vezes, provoca duplicidade de trabalho por parte da própria administração e dos sujeitos passivos. Adicione-se que as medidas merecem agilidade de tramitação perante o Congresso Nacional, pois favorecem o contribuinte, a sociedade e o Tesouro Nacional. A medida apresentada trará ainda oportunidade para o sujeito passivo liquidar seus débitos de pequeno valor e determinados débitos relativos a créditos do Imposto sobre produtos Industrializados - IPI. Além disso, faz-se premente a implementação de medidas que permitam estabelecer um mecanismo unificado de controle, que possibilitará maior eficiência na cobrança de toda a dívida ativa das autarquias e fundações públicas federais. A urgência, ademais, deve-se também à criação, operacionalização e compartilhamento de dados por sistema de gerenciamento dessa dívida, cujos procedimentos e critérios necessitam de amparo normativo, consubstanciados na

# RGPS: Necessidade de financiamento foi de R\$ 36,2 bilhões em 2008

## Valor é 17,5% inferior ao projetado no início do ano

Da Redação (Brasília) – A Previdência Social registrou em 2008 a maior queda na necessidade de financiamento desde 1995, primeiro ano em que foi necessária a complementação do Tesouro Nacional para fazer frente ao pagamento de benefícios. A diferença entre a arrecadação e a despesa foi de R\$ 36,2 bilhões, 17,5% abaixo dos R\$ 43,9 bilhões projetados ainda ao início de 2008. Com o maior equilíbrio nas contas, a necessidade de financiamento em percentual do PIB pode chegar a apenas 1,25%, taxa quase meio ponto percentual inferior aos 1,73% registrados em 2007, e a menor desde o início do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Os dados foram anunciados nesta quarta-feira (21) pelo ministro da Previdência Social, José Pimentel. Segundo ele, o resultado positivo se deve ao aumento de arrecadação, resultado do processo de formalização das empresas por meio do Simples Nacional, ocorrido desde junho de 2007. O número de empresas formais que era de 1,3 milhão naquele período, chegou a 3,1 milhões em dezembro do ano passado. Ele informou, ainda, que as adesões ao Simples, em janeiro deste ano, tem mantido média de 15 mil ao dia. “O Simples Nacional alavanca a economia e fortalece o mercado de trabalho. Tudo isso tem impacto sobre a nossa arrecadação”, afirmou o ministro.

Pimentel também destacou como fator que influenciou o equilíbrio das contas da Previdência as medidas de gestão que reduziram o ritmo de crescimento das despesas.

A receita da Previdência, em 2008, foi de R\$ 163,3 bilhões, valor 16,3% superior aos R\$ 140,4 bilhões registrados em 2007. Já a despesa com benefícios aumentou 7,7%. Em 2008, foram necessários R\$ 199,5 bilhões para o pagamento de benefícios, contra R\$ 185,3 bilhões em 2007. A necessidade de financiamento, por sua vez, caiu 19%, passando dos R\$ 44,9 bilhões registrados em 2007, para R\$ 36,2 bilhões.

Considerada a série histórica, é a primeira queda absoluta da necessidade de financiamento desde o início do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2003, a diferença havia sido de R\$ 26,4 bilhões, subindo para R\$ 32,0 bilhões, em 2004. Em 2005, necessitou-se R\$ 37,6 bilhões, em 2006, R\$ 42,1 bilhões e, em 2007, R\$ 44,9 bilhões.

**Resultado Urbano** – As contas da Previdência Social no setor urbano apontaram uma necessidade de financiamento de R\$ 1,1 bilhão, valor inferior aos R\$ 2 bilhões estimados no início do ano passado e significativamente menor do que o registrado em anos anteriores. Em 2007, foram necessários R\$ 12,4 bilhões e, em 2006, o valor chegou a R\$ 13,5 bilhões. Em 2008, a arrecadação no meio urbano foi de R\$ 158,3 bilhões e a despesa chegou a R\$ 159,5 bilhões.

**Resultado Rural** – No meio rural, a Previdência Social registrou, em 2008, uma necessidade de financiamento de R\$ 35,0 bilhões. A despesa foi de R\$ 40,0 bilhões e a receita de R\$ 5,0 bilhões. Em todo o mundo, a previdência rural é subsidiada, como forma de

estimular a permanência de trabalhadores no campo.

**Resultado mensal** – No mês de dezembro, a Previdência registrou o primeiro superávit desde abril de 1997. A arrecadação chegou a R\$ 22,9 bilhões enquanto a despesa somou R\$ 21,2 bilhões. O valor de R\$ 1,7 bilhão é 142% menor do que os R\$ 4,1 bilhões registrados em 2007. A receita de R\$ 22,9 bilhões é 8,8% superior aos R\$ 21,1 bilhões arrecadados em 2007. Já os R\$ 21,2 bilhões de despesa foram 15,9% inferiores aos R\$ 25,2 bilhões necessários em 2007. O menor impacto nas despesas se deve a alterações ocorridas nas datas de pagamento do 13º salário, entre 2007 e 2008, quando o abono passou a ser pago em duas parcelas.

**Redução de Despesas** – O maior equilíbrio nas contas da Previdência também resultou da contenção no ritmo de crescimento das despesas com pagamento de benefícios, como o auxílio-doença. Essa contenção decorreu de medidas de gestão e da contratação de novos médicos peritos concursados. As medidas garantiram que o número de benefícios de auxílio-doença pagos a cada mês caíssem de 1,435 milhão, em dezembro de 2007, para 1,315 milhão de benefícios no mesmo período de 2008.

**Benefícios emitidos** – No mês passado, o governo federal pagou 22,776 milhões de benefícios, incluídos os previdenciários e os relacionados a acidentes. Em comparação com dezembro de 2007, houve um acréscimo de 3,2%.

Do total de benefícios pagos em dezembro do ano passado, 14,453 milhões foram aposentadorias. Isso representa um aumento de 4,1% em relação ao número de aposentadorias existentes em dezembro de 2007 (13,878 milhões).

**Evolução** – A evolução da quantidade de benefícios emitidos pela Previdência Social entre dezembro de 2000 a dezembro de 2008 também merece destaque. Nesse período, a quantidade de benefícios previdenciários e acidentários emitidos aumentou 29,9%, passando de 17,5 milhões para 22,8 milhões.

**Valor médio real** – Tomando por base a média de janeiro a dezembro de cada ano, o valor médio real dos benefícios pagos pela Previdência Social em 2008 – com base no INPC – atingiu R\$ 665,27, o que representa crescimento real de 15,9% em relação a 2000. Não tem havido perda de valor de benefícios, mas, ao contrário, ganhos reais. Isso deve-se ao fato de a previdência utilizar integralmente o INPC e o salário mínimo ter sido beneficiado por reajustes reais, acima da inflação.

**Valores** – Entre os benefícios pagos pela Previdência Social em dezembro de 2008, 68,3% possuíam valor de até um salário mínimo, o que representa 17,8 milhões de beneficiários diretos.

**Urbanos x Rurais** – Em dezembro de 2008, 45,5% dos benefícios pagos pelo INSS na área urbana tinham valor de até um salário mínimo, um contingente de 6,8 milhões de beneficiários. Na área rural, cerca de 99,2% dos benefícios têm valor de até um salário mínimo, um total de 7,7 milhões de beneficiários. A elevada concentração de benefícios rurais na faixa de um salário mínimo explica-se pelas próprias regras da previdência rural, que é altamente

MPS – Ministério da Previdência Social  
SPS – Secretaria de Políticas de Previdência Social



## RESULTADO DO REGIME GERAL DE PREVIDÊNCIA SOCIAL – RGPS EM 2008


BRASÍLIA, JANEIRO DE 2009

**Resultado do Regime Geral de Previdência Social**  
– Em R\$ milhões correntes –

**Arrecadação Líquida, Benefícios Previdenciários e Resultado Previdenciário do RGPS – Acumulado Janeiro a Dezembro em 2007 e 2008**

	Acum. Jan. a dez/07	Acum. Jan. a dez/08	Var. %
<b>1. Arrecadação Líquida (1.1 + 1.2 + 1.3 + 1.4)</b>	<b>140.411,8</b>	<b>163.355,3</b>	<b>16,3</b>
1.1. Receitas Correntes	145.831,0	171.215,1	17,4
1.2. Recuperação de Créditos	8.183,1	9.007,8	10,1
1.3. Restituições de Contribuições	(225,7)	(218,4)	(3,2)
1.4. Transferências a Terceiros	(13.376,6)	(16.649,2)	24,5
<b>2. Despesas com Benefícios Previdenciários (2.1 + 2.2 + 2.3)</b>	<b>185.293,4</b>	<b>199.562,0</b>	<b>7,7</b>
2.1. Pagos pelo INSS	180.161,6	194.103,2	7,7
2.2. Sentenças Judiciais - Justiça Federal	4.718,0	4.979,1	5,5
2.3. Sentenças Judiciais - Justiça Estadual	413,8	479,7	15,9
<b>3. Resultado Previdenciário (1 – 2)</b>	<b>(44.881,7)</b>	<b>(36.206,7)</b>	<b>(19,3)</b>
<b>4. Despesa com Benefícios Assistenciais e EPU</b>	<b>15.014,8</b>	<b>17.054,1</b>	<b>13,6</b>

Fonte: INSS (base de caixa que todo pelo sistema Informar).  
Elaboração: SPS/MPS.  
Obs.: O item 4 (despesa com benefícios assistenciais e EPU) não entra no cálculo do resultado previdenciário, pois estes benefícios, embora operacionalizados pelo INSS, são pagos com recursos do Tesouro Nacional.



# VALORES NOMINAIS

**Resultado do Regime Geral de Previdência Social**  
– Em 2006, 2007 e 2008 - R\$ milhões correntes

**Arrecadação Líquida, Benefícios Previdenciários e Resultado Previdenciário, segundo a clientela urbana e rural (2006 a 2008)**

Ano	Clientela	Arrecadação Líquida (a)	Benefícios Previdenciários (b)	Resultado (a – b)
2006	TOTAL	123.520	165.585	(42.065)
	Urbano	119.715	133.216	(13.501)
	Rural	3.805	32.369	(28.564)
2007	TOTAL	140.412	185.293	(44.882)
	Urbano	136.166	148.611	(12.444)
	Rural	4.245	36.683	(32.438)
2008	TOTAL	163.355	199.562	(36.207)
	Urbano	158.383	159.565	(1.182)
	Rural	4.972	39.997	(35.025)

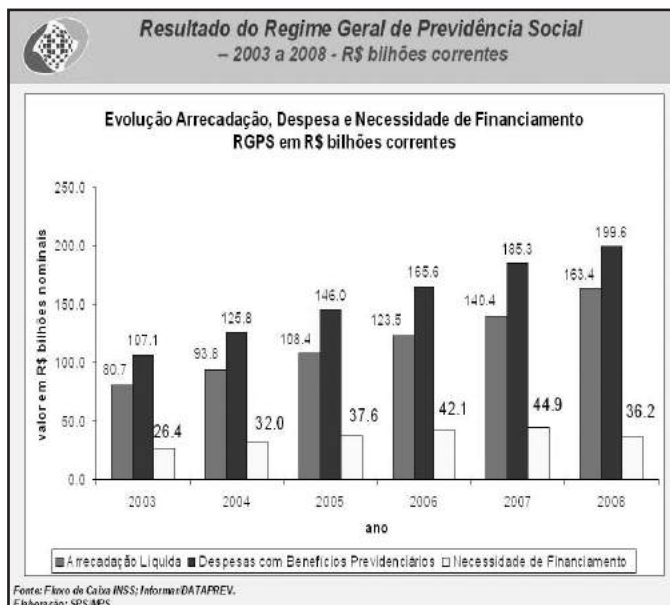
Fonte: Fluxo de Caixa INSS; Informar/DATAPREV.  
Elaboração: SPS/MPS.

**Resultado do Regime Geral de Previdência Social**  
– Em R\$ milhões Nominais –

**Arrecadação Líquida, Benefícios Previdenciários e Resultado Previdenciário do RGPS considerando as Renúncias Previdenciárias potencialmente destinada à Previdência Social – Em 2008**

Item	Acumulado jan a dez/08		
	Urbano	Rural	Total
<b>1. Arrecadação Líquida</b>	<b>158.382,8</b>	<b>4.972,5</b>	<b>163.355,3</b>
<b>2. Renúncias Previdenciárias</b>	<b>12.949,2</b>	<b>2.293,1</b>	<b>15.242,4</b>
SIMPLES*	8.152,0	-	8.152,0
Entidades Filantrópicas**	4.797,2	-	4.797,2
Exportação da Produção Rural - EC nº 33***	-	2.293,1	2.293,1
<b>3. Despesa com Benefícios Previdenciários</b>	<b>159.564,6</b>	<b>39.997,4</b>	<b>199.562,0</b>
<b>4. Resultado Prev. incluindo Renúncias (1+2) - (3)</b>	<b>11.767,3</b>	<b>(32.731,7)</b>	<b>(20.964,4)</b>
<b>5. Resultado Prev. excluindo Renúncias (1-3)</b>	<b>(1.181,9)</b>	<b>(35.024,9)</b>	<b>(36.206,7)</b>

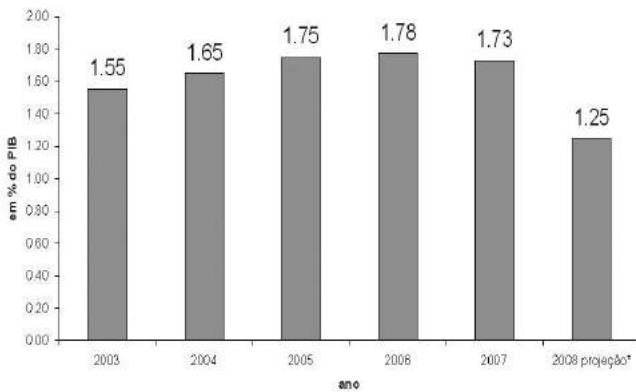
Fonte: SPS/MPS; SPC/INPS; INSS; DATAPREV; INDIC. MF.  
Elaboração: SPS/MPS.  
\* Valores de massa salarial realizados até 2006, projetados para 2007 e 2008 de acordo com o grau de parâmetros SPC/INPS; valores de ingressos do STN realizados até 2006 e projetados para 2007 e 2008 com base no crescimento dos ingressos sobre o salariedade (PIB + STN).  
\*\* Valores realizados até 2006 e projetados para 2007 e 2008 de acordo com o crescimento da massa salarial geral de parâmetros SPC/INPS.  
\*\*\* Valores realizados até 2006 e projetados para 2007 e 2008 de acordo com o crescimento estimado das exportações INDIC.





### Resultado do Regime Geral de Previdência Social Em % do PIB – 2003 a 2008

Necessidade de Financiamento RGPS em % do PIB



Fonte: Fluxo de Caixa do INSS (ajustado pelo sistema INFORM/DATA/PROV) RGPS – Contas Nacionais.  
Elaboração: SPS/INPS.  
Nota: \*Em 2008, PIB projetado.

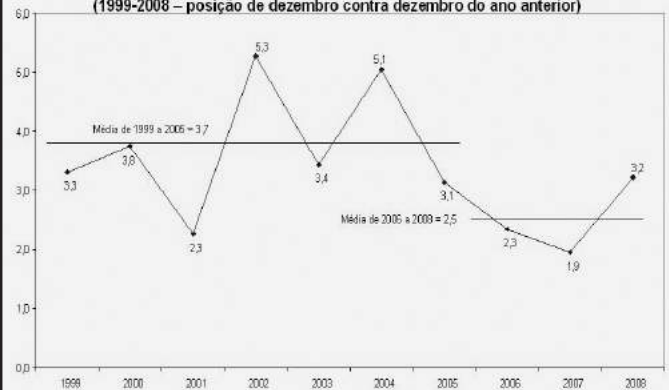


### Resultado do Regime Geral de Previdência Social – 2008 Ritmo de crescimento das despesas

As despesas previdenciárias também tiveram seu ritmo reduzido nos últimos 3 anos, em função de um crescimento mais lento da quantidade de benefícios emitidos.

Varição anual da quantidade de benefícios do RGPS emitidos

(1999-2008 – posição de dezembro contra dezembro do ano anterior)

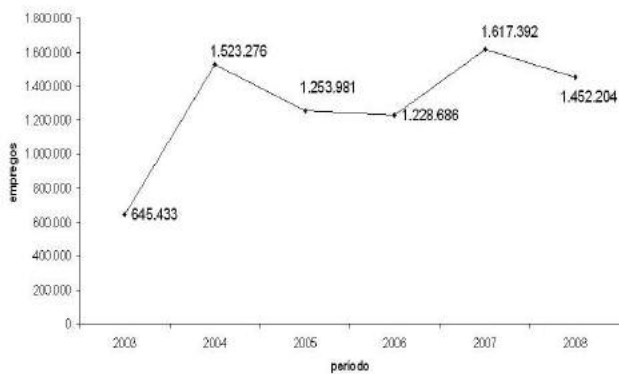


Fonte: SPS/INPS



### Geração de Empregos Formais – CAGED Brasil 2003-2008

Geração de Empregos CAGED  
Brasil 2003-2008



Fonte: CAGED/INPE  
Elaboração: SPS/INPS



### Resultado do Regime Geral de Previdência Social – 2008 CONCLUSÕES

- O Regime Geral de Previdência Social – RGPS se beneficiou, em 2008, tanto da forte arrecadação proporcionada pelo bom desempenho da economia e do mercado de trabalho formal, quanto pela contenção no ritmo de crescimento das despesas com pagamento de benefícios;
- Por isso, o ano de 2008 marca uma inflexão: queda acentuada no Resultado do RGPS em comparação a 2007 em valores reais, em% do PIB e também no conceito nominal. Foi a menor necessidade de financiamento do RGPS em % do PIB dos últimos 6 anos ou do período de 2003 a 2008.



# Grandes Números da Previdência Social

Elaborado pelo Prof. JB Serra e Gurgel para o DatANASPS, DEZ/08

<b>População ( 2007)</b>	<b>189,8 milhões</b>
Urbana	158,4 milhões
Rural	31,3 milhões
Expectativa de vida ao nascer , ambos os sexos (em anos) 1991	67,0 anos
Expectativa de vida ao nascer , homem (em anos)	63,2 anos
Expectativa de vida ao nascer, mulher (em anos)	70,9 anos
Expectativa de vida ao nascer , ambos os sexos (em anos) 2007	72,5 anos
Expectativa de vida ao nascer , homem (em anos)	68,8 anos
Expectativa de vida ao nascer, mulher (em anos)	76,4 anos
<b>Produto Interno Bruto (2009) (1)</b>	<b>R\$ 3.113,3 bilhões</b>
<b>Produto Interno Bruto (2008) (2)</b>	<b>R\$ 2.744,8 bilhões</b>
<b>Produto Interno Bruto (2007)(2)</b>	<b>R\$ 2.597.611.000 bilhões</b>
<b>Produto Interno Bruto (2006) (2)</b>	<b>R\$ 2.322,3 bilhões</b>
Em US\$	US\$ 944 bilhões
Variação em relação a 2005	2,9%
<b>Produto Interno Bruto (2005)</b>	
Em US\$	<b>US\$ 795,6 bilhões</b>
Em R\$	<b>R\$ 1,9 trilhão</b>
Variação em relação a 2004	2,3%
<b>Produto Interno Bruto (2004)</b>	
Em R\$	<b>1,7 trilhão</b>
Em US\$	603,0 bilhões
Variação em relação a 2003	5,2%
Renda per capita	R\$ 9.743
<b>Arrecadação Federal (2002) (3)</b>	<b>R\$ 334.916 bilhões</b>
<b>Arrecadação Federal (2003)</b>	<b>R\$ 328,940 bilhões</b>
<b>Arrecadação Federal (2004)</b>	<b>R\$ 322,5 bilhões</b>
<b>Arrecadação Federal (2005)</b>	<b>R\$ 364,1 bilhões</b>
<b>Arrecadação Federal (2006)</b>	<b>R\$ 397,811 bilhões</b>
<b>Arrecadação Federal (2007) (1)</b>	<b>R\$ 609,2 bilhões</b>
<b>Arrecadação Federal (2008) (1)</b>	<b>R\$ 682,7 bilhões</b>
Variação 1995/1998 (4)	44,30%
Variação 1999/2002	34,19%
Variação 2003/2006	20,95%
Carga tributária/PIB (2002)	35,80%
Carga tributária/PIB (2003)	35,23%
Carga tributária/PIB (2004)	35,91%
Carga tributária /PIB (2005)	37,5%%
Carga Tributária/PIB (2006)	38,84%
<b>População Economicamente Ativa ( 2007) (5)</b>	<b>98,8 milhões</b>
Ocupada	90,7 milhões
Desocupada	8,0 milhões
<b>População Não Economicamente Ativa</b>	<b>60,5 milhões</b>
<b>População Ocupada Segundo Posição no Trabalho Principal</b>	<b>90,7 milhões</b>
<b>Empregados</b>	<b>52,0 milhões</b>
Com carteira de trabalho assinada	30,1 milhões
Funcionários públicos estatutários e militares	6,1 milhões
Outros e sem declaração	15,6 milhões
<b>Trabalhador doméstico</b>	<b>6,7 milhões</b>
Com carteira de trabalho assinada	1,8 milhão
Sem carteira de trabalho assinada	4,8 milhões
<b>Conta própria</b>	<b>19,2 milhões</b>
<b>Empregador</b>	<b>3,4 milhões</b>
<b>Trabalhadores na produção para o próprio consumo e na construção para o próprio uso</b>	<b>4,0 milhões</b>
<b>Não remunerados e sem declaração</b>	<b>5,3 milhões</b>
<b>Contribuintes para instituto de previdência em qualquer trabalho</b>	<b>46,0 milhões</b>
<b>Contribuintes para o Regime Geral de Previdência ( 2007)</b>	<b>36,4 milhões</b>
Empregados	29,0 milhões
Trabalhador Doméstico	1,3 milhão
Contribuinte individual	5,4 milhões
Facultativo	506,2 mil
Segurado especial	3.849l
Ignorado	128
<b>Arrecadação Líquida estimada 2008 (1)</b>	<b>R\$ 157,1 bilhões</b>
% PIB	5,72%
<b>Déficit estimado pela SOF (2008) (1)</b>	<b>R\$ 41,6 bilhões</b>
<b>Arrecadação Líquida (jan-nov 2008)</b>	<b>R\$ 140,3 bilhões</b>
<b>Déficit</b>	<b>R\$ 37,9 bilhões</b>
<b>Arrecadação Líquida (2007)</b>	<b>R\$ 140,4 bilhões</b>
<b>Déficit</b>	<b>R\$ 44,8 bilhões</b>
<b>Arrecadação Líquida 2006</b>	<b>R\$ 123,5 bilhões</b>
% do PIB	5,41%
<b>Déficit (2006) INPC – 2007</b>	<b>R\$ 42, 7 bilhões</b>
% do PIB	
<b>Arrecadação Líquida (2005)</b>	<b>R\$ 108,4 bilhões</b>
% do PIB	5,58%



Déficit (2005) INPC-2007	R\$ 40,7 bilhões
<b>Arrecadação Líquida (2004)</b>	<b>R\$ 93,7 bilhões</b>
%no PIB	5,31%
Déficit (2004) INPC -2007	R\$ 36,6 bilhões
<b>Arrecadação Líquida (2003)</b>	<b>R\$ 80,7 bilhões</b>
% no PIB	5,19%
Déficit (2003) INPC-2007	R\$ 29,9 bilhões
<b>Arrecadação Total (2003)</b>	<b>R\$ 122,2 bilhões</b>
<b>Arrecadação Total (2004)</b>	<b>R\$ 160,0 bilhões</b>
<b>Arrecadação Total (2005)</b>	<b>R\$ 172,7 bilhões</b>
<b>Arrecadação Total (2006)</b>	<b>R\$ 201,7 bilhões</b>
<b>Sonegação estimada 2003 (30% da receita líquida)</b>	<b>R\$ 24,0 bilhões</b>
<b>Sonegação estimada 2004 (30% da receita líquida)</b>	<b>R\$ 27,9 bilhões</b>
<b>Sonegação estimada 2005 (30% da receita líquida)</b>	<b>R\$ 32,4 bilhões</b>
<b>Sonegação estimada 2006 (30% da receita líquida)</b>	<b>R\$ 32,4 bilhões</b>
<b>Sonegação estimada 2007 (30% da receita líquida)</b>	<b>R\$ 42,1 bilhões</b>
<b>Sonegação estimada 2008 (30% da receita líquida)</b>	<b>R\$ 47,1 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva ( 2000)</b>	<b>R\$ 4,5 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva (2001)</b>	<b>R\$ 6,0 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva ( 2002)</b>	<b>R\$ 8,1 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva (2003)</b>	<b>R\$ 9,5 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva ( 2004)</b>	<b>R\$ 11,0 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva ( 2005)</b>	<b>R\$ 12,7 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva ( 2006)</b>	<b>R\$ 11,4 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva (2007) (6)</b>	<b>R\$ 12,6 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva (2008) (6)</b>	<b>R\$ 14,7 bilhões</b>
<b>Renúncia contributiva (2009)</b>	<b>R\$ 17,1 bilhões</b>
<b>Créditos a receber (2007) (7)</b>	<b>R\$ 300,0 bilhões</b>
Créditos em dívida ativa (2006)	R\$ 156,1 bilhões
Devedores	251.250
Créditos	767,2 mil
<b>Recuperação de crédito na dívida ativa (2003)</b>	<b>R\$ 1,2 bilhão</b>
<b>Recuperação de crédito na dívida ativa (2004)</b>	<b>R\$ 1,4 bilhão</b>
<b>Recuperação de crédito na dívida ativa (2005)</b>	<b>R\$ 2,5 bilhões</b>
<b>Recuperação de crédito na dívida ativa (2006)</b>	<b>R\$ 4,3 bilhões</b>
<b>Evolução do Valor Arrecadado pelo INSS (2003)</b>	<b>R\$ 86,5 bilhões</b>
Variação sobre 2002	14,55%
Empresas e entidades equiparadas	R\$74,7 bilhões
Contribuintes individuais	R\$ 3,7 bilhões
Outros	R\$ 8,2 bilhões
<b>Evolução do Valor Arrecadado pelo INSS (2004)</b>	<b>R\$ 114,5 bilhões</b>
Variação sobre 2003	15,54%
Empresas e entidades equiparadas	R\$ 86,5 bilhões
Contribuintes individuais	R\$ 3,7 bilhão
Outros	R\$ 9,6 bilhões
<b>Evolução do Valor Arrecadado pelo INSS ( 2005)</b>	<b>R\$ 99,0 bilhões</b>
Variação sobre 2004	14,55%
Empresas e entidades equiparadas	R\$ 99,2 bilhões
Contribuintes individuais	R\$ 4,1 bilhões
Outros	R\$ 11,0 bilhões
<b>Evolução do Valor Arrecadado pelo INSS (2006)</b>	<b>R\$ 130,4 bilhões</b>
Variação sobre 2005	13,91%
Empresas e entidades equiparadas	R\$ 111,9 bilhões
Contribuintes individuais	R\$ 4,7 bilhões
Outros	R\$ 14,0 bilhões
<b>Evolução do Valor Arrecadado pelo INSS (2007)</b>	<b>R\$ 150,5 bilhões</b>
Variação sobre 2006	15,44%
Empresas e entidades equiparadas	R\$ 129,7 bilhões
Contribuintes Individuais	R\$ 5,0 bilhões
Outros	R\$ 15,7 bilhões
<b>Evolução do Valor Arrecadado pelo INSS (jan-out 2008)</b>	<b>R\$ 141,61 bilhões</b>
<b>Empresas e entidades equiparadas</b>	<b>R\$ 121,1 bilhões</b>
<b>Contribuintes Individuais</b>	<b>R\$ 4,7 bilhões</b>
<b>Outros</b>	<b>R\$ 15,8 bilhões</b>
<b>Valor dos recolhimentos por atividade econômica (out 2008) (5)</b>	<b>R\$ 12,7 bilhões</b>
Agricultura	R\$ 215,6 milhões – 1,69%
Indústria	R\$ 4,4 bilhões – 35,04 %
Transformação	R\$ 3,0 bilhões – 23,99%
Serviços	R\$ 7,8 bilhões – 62,03%
Ignorado	R\$ 157,5 milhões – 1,02%
<b>Pagamento de Benefícios (2003)</b>	<b>R\$ 182,5 bilhões</b>
Variação em relação a 2002	22,42%
% no PIB	7,07
Déficit (2003)	R\$ 26,4 bilhões
% no PIB	1,69
Valor médio do benefício	R\$ 415,71
Benefícios em manutenção	21,8 milhões
<b>Pagamento de Benefícios (2004)</b>	<b>R\$ 125,7 bilhões</b>
% no PIB	7,11
Valor médio	R\$ 449,63
Pagamento Benefícios urbanos	R\$ 103,2 bilhões
Valor médio do benefício	R\$ 534,56
Benefícios em manutenção	23,1 milhões
<b>Pagamento de Benefícios ( 2005)</b>	<b>R\$ 146,0 bilhões</b>
% no PIB	7,54%
Variação sobre 2004	12,39 %
Valor médio do benefício	R\$ 473,51
Benefícios em manutenção	23,9 milhões
Pagamento Benefícios urbanos	R\$ 115,7 bilhões

Valor médio	R\$ 555,38
Pagamento de Benefícios rurais	R\$ 26,7 bilhões
Valor médio	R\$ 288,66
<b>Pagamento de Benefícios (2006)</b>	<b>R\$ 167,9 bilhões</b>
Valor médio	R\$ 582,25
% do PIB	7,13%
<b>Pagamento de Benefícios (2007) estimado pela SOF</b>	<b>182,2 bilhões</b>
% do PIB	7,23%
<b>Pagamento de Benefícios (2007) (5)</b>	<b>R\$ 185,25 bilhões</b>
Valor médio (dez,2007)	R\$ 540,34
<b>Pagamento de Benefícios (2008) estimado pela SOF</b>	<b>198,7 bilhões</b>
% PIB	7,24%
<b>Pagamento de Benefícios ( jan-nov 2008)</b>	<b>R\$ 178,3 bilhões</b>
<b>Valor médio (2008)</b>	<b>R\$ 414,05</b>
<b>Benefícios com o valor do piso/salário mínimo (2004)</b>	<b>14,9 milhões</b>
Participação	64,6%
Benefícios assistenciais	2,6 milhões
Benefícios rurais	6,8 milhões
Benefícios urbanos	5,5 milhões
<b>Benefícios com o valor do piso/salário mínimo (2005)</b>	<b>16,3 milhões</b>
Participação	67,88%
Benefícios assistenciais	2,9 milhões
Benefícios rurais	7,0 milhões
Benefícios urbanos	5,4 milhões
<b>Benefícios com o valor do piso/salário mínimo ( 2006)</b>	<b>16,5 milhões</b>
Participação	67,00%
Benefícios assistenciais	2,9 milhões
Benefícios rurais	7,2 milhões
Benefícios urbanos	6,4 milhões
<b>Benefícios com o valor do piso/salário mínimo (2007)</b>	<b>17,0 milhões</b>
Participação	70,18%
Benefícios assistenciais	3,0 milhões
Benefícios rurais	7,8 milhões
Benefícios urbanos	6,4 milhões
<b>Benefícios com o valor do piso/salário mínimo (nov, 2008)</b>	<b>17,7 milhões</b>
Participação	68,3 %
Benefícios assistenciais	3,2 milhões
Benefícios rurais	7,8 milhões
Benefícios urbanos	6,7 milhões
<b>Cobertura de Financiamento de Benefícios (2004)</b>	
Arrecadação Líquida Urbana	R\$ 100,2 bilhões (5)
Pagamento de Benefícios Urbanos	R\$ 113,2 bilhões
Déficit	R\$ 13,0 bilhões
Arrecadação Rural	R\$ 3,4 bilhões
Pagamento de Benefícios Rurais	R\$ 25,7 bilhões
Déficit	R\$ 22,2 bilhões
<b>Cobertura de Financiamento de Benefícios (2005)</b>	
Arrecadação Líquida Urbana	R\$ 109,9 bilhões (5)
Pagamento de Benefícios Urbanos	R\$ 124,1 bilhões
Déficit	R\$ 14,1 bilhões
Arrecadação Rural	R\$ R\$ 3,5 bilhões
Pagamento de Benefícios Rurais	R\$ 28,6 bilhões
Déficit	R\$ 25,1 bilhões
<b>Cobertura do Financiamento de Benefícios (2006)</b>	
Arrecadação Urbana	R\$ 121,3 bilhões
Pagamento de Benefícios Urbanos	R\$ 135,1 bilhões
Déficit	R\$ 13,7 bilhões
Arrecadação Rural	R\$ 3,8 bilhões
Pagamento de Benefícios Rurais	R\$ 32,8 bilhões
Déficit	R\$ 28,9 bilhões
<b>Benefícios em manutenção (2004)</b>	<b>23,1 milhões</b>
Benefícios do RGPS	20,5 milhões
Benefícios Previdenciários	19,7 milhões
Benefícios Acidentários	756,9 mil
Benefícios Assistenciais	2,6 milhões
<b>Benefícios em manutenção ( 2005)</b>	<b>23,9 milhões</b>
Benefícios do RGPS	21,1 milhões
Benefícios Previdenciários	20,3 milhões
Benefícios Acidentários	755,8 mil
Benefícios Assistenciais	2,7 milhões
<b>Benefícios em manutenção (2006)</b>	<b>24,5 milhões</b>
Benefícios do RGPS	21,6 milhões
Benefícios Previdenciários	20,9 milhões
Benefícios Acidentários	732,8 mil
Benefícios Assistenciais	2,9 milhões
<b>Benefícios em manutenção (2007)</b>	<b>25,1 milhões</b>
Benefícios do RGPS	22,0 milhões
Benefícios Previdenciários	21,2 milhões
Benefícios Acidentários	768,6 mil
Benefícios Assistenciais	3,0 milhões
<b>Benefícios em manutenção (nov 2008)</b>	<b>26,0 milhões</b>
Benefícios do RGPS	22,7 milhões
Benefícios Previdenciários	21,9 milhões
Benefícios Acidentários	804,3 mil
Benefícios Assistenciais	3,2 milhões
<b>Benefícios urbanos (nov 2008)</b>	<b>18,1 milhões</b>
Benefícios do RGPS	15,0 milhões
Previdenciários	14,2 milhões
Acidentários	776,4 mil
Assistenciais	3,1 milhões

<b>Benefícios rurais (nov, 2008)</b>	<b>7,8 milhões</b>
<b>Benefícios do RGPS</b>	<b>7,7 milhões</b>
Previdenciários	7,6 milhões
Acidentários	27,8 mil
Assistenciais	164,2 mil
<b>Benefícios concedidos (2002)</b>	<b>3,8 milhões</b>
<b>Benefícios concedidos (2003)</b>	<b>3,5 milhões</b>
<b>Benefícios concedidos (2004)</b>	<b>3,9 milhões</b>
<b>Benefícios concedidos (2005)</b>	<b>3,9 milhões</b>
<b>Benefícios concedidos (2006)</b>	<b>4,2 milhões</b>
<b>Benefícios concedidos (2007)</b>	<b>4,1 milhões</b>
<b>Benefícios concedidos (jan-nov 2008)</b>	<b>4.118.017</b>
<b>Tempo médio de concessão (nov, 2008)</b>	<b>21 dias</b>
<b>Produção dos servidores (2006)</b>	<b>26,1 milhões de processos movimentados</b>
<b>Produção dos servidores (2007)</b>	<b>23,7 milhões de processos movimentados</b>
<b>Produção dos servidores (dez 2007 nov 2008)</b>	<b>22,6 milhões de processos movimentados</b>
<b>Produção dos servidores (Nov 2008)</b>	<b>2.032.780 processos movimentados</b>
Benefícios concedidos	371.017
Benefícios cessados	482.290
Benefícios suspensos	18.383
Entrada de benefícios previdenciários	249.355
Indeferidos	93.487
Represados	127.135
Entrada de processos acidentários	373.269
Indeferidos	200.651
Aguardando perícia médica	117.193
<b>Relação concessão/servidor (1991)</b>	
Concessão	1,3 milhão
Servidores	47,3 mil
Concessão/servidor	28 benefícios
<b>Relação concessão/servidor (2004)</b>	
Concessão	3,9 milhões
Servidores	40,0 mil
Concessão/servidor	99,7 benefícios
<b>Relação concessão/servidor (2005)</b>	
Concessão	3,9 milhões
Servidores	30,0 mil
Concessão/Servidor	131,85 benefícios
<b>Relação concessão/servidor (2006)</b>	
Concessão	4,2 milhões
Servidores	30,0 mil
Concessão/servidor	140 benefícios
<b>Relação concessão servidor (2007)</b>	
Concessão	4,1 milhões
Servidores	30,0 mil
Concessão/servidor	136,66
<b>Variação Concessão/servidor (1991-2003)</b>	
Concessão	87,17%
Servidor	- 13,71%
<b>Relação Manutenção/servidor (1991)</b>	
Manutenção	12,6 milhões
Servidores	47,3 mil
Manutenção/servidores	267 benefícios
<b>Relação Manutenção/servidor (2003)</b>	
Manutenção	21,8 milhões
Servidores	41,1 mil
Manutenção/servidores	535 benefícios
<b>Relação Manutenção servidor (2004)</b>	
Manutenção	23,1 milhões
Servidores	40,0 mil
Manutenção/servidores	577,5
<b>Relação Manutenção servidor (2005)</b>	
Manutenção	23,9 milhões
Servidores	30,0 mil
Relação Manutenção/servidores	796,6
<b>Relação Manutenção/servidor (2006)</b>	
Manutenção	24,5 milhões
Servidores	30,0 mil
Manutenção/servidores	833,3
<b>Relação Manutenção servidor (2007)</b>	
Manutenção	25,1 milhões
Servidores	30,0 mil
Manutenção/servidores	836,6
<b>Variação Manutenção/servidor (1991-2003)</b>	
Manutenção	72,1%
Servidor	- 13,71 %
<b>Previdência Complementar Privada Aberta (9)</b>	
Empresas	44
Aplicações 1996	R\$ 71,6 bilhões
Aplicações 2000	R\$ 130,0 bilhões
Aplicações 2003	R\$ 216,1 bilhões
Aplicações 2006	R\$ 342,8 bilhões
Captação 2005	R\$ 19,4 bilhões
Captação 2006	R\$ 22,9 bilhões
Variação 2006/2005	17,69%
Captação 2007	R\$ 32,32 bilhões
Variação 2007/2006	22,73%
Provisões ou reservas técnicas 2005	R\$ 77,2 bilhões
Provisões ou reservas técnicas 2006	R\$ 96,6 bilhões
Provisões ou reservas técnicas 2007 até out	R\$ 114,8 bilhões

Provisões ou reservas técnicas 2008 (10)	R\$ 132,5 bilhões
Crescimento entre 2004/2005	23,45%
Variação 2006/2005	25,20%
Carteira de Investimentos	R\$ 100 bilhões
Variação 2006/2005	25,32%
Participantes individuais (2004)	6,7 milhões
Participantes individuais (2005)	7,3 milhões
Participantes individuais (2006)	7,8 milhões
Participantes individuais (2008) (10)	7,6 milhões
Variação 2006/2005	6,6%
Beneficiários 2005	325.204
Beneficiários 2006	201.330
Beneficiários 2008 (10)	289,6 mil
Variação 2006/2005	-38,10%
Planos empresariais 2005	147.885
Planos empresariais 2006	162.689
Variação 2006/2005	10,01%
<b>Previdência Complementar Fechada (dez 2007) (12)</b>	
Entidades fechadas	369
Patrocinados por empresas privadas	289
Patrocinados por empresas estatais	80
Patrocinadores	2.399
Planos assistenciais	56
Planos previdenciários	1.044
População abrangida	6,6 milhões
População abrangida públicos	2,8 milhões
População abrangida privados	2,8 milhões
Participantes	1,8 milhão
Participantes públicos	678,9 mil
Participantes privados	1,2 milhão
Assistidos	463,7 mil
Assistidos públicos	249,9 mil
Assistidos privados	213,8 mil
Beneficiários de pensão	162,8 mil
Beneficiários de pensão públicos	110,0 mil
Beneficiários de pensão privados	58,8 mil
Designados	4,1 milhões
Designados públicos	1,8 milhão
Designados privados	2,3 milhões
Patrimônio dos fundos (2004)	R\$ 281,8 bilhões
% PIB	15,9%
Patrimônio dos fundos (2005)	R\$ 321,6 bilhões
% PIB	16,5%
Patrimônio dos fundos (2007)	R\$ 457,6 bilhões
% PIB	
Patrimônio dos fundos públicos	R\$ 299,1 bilhões – 65,37%
Patrimônio dos fundos privados	R\$ 258,4 bilhões – 34,63%
Maior EFPC por população total	Previ 165.806
Maior EFPC por participantes	Postalis 94.245
Maior EFPC por assistidos	Previ 63.310
Maior EFPC por beneficiários de pensão	Refer 20.655
Maior EFPC por ativo de investimentos	Previ R\$ 138,2 bilhões
<b>Servidores do INSS (2001)</b>	<b>79.672</b>
Ativos	39.574
Inativos	40.090
Procuradores	1.037
Advogados Constituídos	527
Auditores Fiscais	3.703
<b>Servidores do INSS (2002)</b>	<b>79,0 mil</b>
Ativos	39,0 mil
Inativos	40,0 mil
Procuradores	1.420
Advogados constituídos	443
Auditores Fiscais	3.702
<b>Servidores do INSS (2003)</b>	<b>82,3 mil</b>
Ativos	41,2 mil
Inativos	41,1 mil
Procuradores	1.641
Advogados Constituídos	398
Auditores Fiscais	3.601
<b>Servidores do INSS (2004)</b>	<b>81,9 mil</b>
Ativos	40,8 mil
Inativos	41,0 mil
Procuradores	1.641
Advogados Constituídos	398
Auditores Fiscais	4.239
<b>Servidores do INSS (2005)</b>	<b>82,6 mil</b>
Ativos	41,9 mil
Inativos	40,6 mil
Procuradores	1.035
Auditores Fiscais	4.212
<b>Servidores do INSS (2006) (13)</b>	<b>83,7 mil</b>
Ativos	43,6 mil
Inativos	40,1 mil
Procuradores	1.332
Auditores Fiscais	4.184
<b>Servidores do INSS (2007) (13)</b>	<b>79.097</b>
Ativos	39.423
Inativos	39.674
<b>Lotação ideal do INSS (2003)</b>	<b>57,0 mil</b>



<b>Servidores da DATAPREV (2001)</b>	2.986
<b>Servidores da DATAPREV (2002)</b>	3.159
<b>Servidores da DATAPREV (2003)</b>	3.146
<b>Servidores da DATAPREV (2004)</b>	3.088
<b>Servidores da DATAPREV (2005)</b>	3.047
<b>Servidores da DATAPREV (2006)</b>	3.197
<b>Servidores da DATAPREV (2007)</b>	3.163
<b>Servidores do MPS (2001)</b>	2.393
Ativos	1.432
Inativos	1.961
<b>Servidores do MPS (2002)</b>	3.359
Ativos	1.435
Inativos	1.924
<b>Servidores do MPS (2003)</b>	3.290
Ativos	1.405
Inativos	1.895
Requisitados	550
<b>Servidores do MPS (2004)</b>	3.159
Ativos	701
Inativos	1.843
Requisitados	526
<b>Servidores do MPS (2005)</b>	4.661
Ativos	693
Inativos	1.803
Requisitados	2.069
<b>Servidores do MPS (2006) (13)</b>	4.845
Ativos	681
Inativos	1.779
Requisitados	2.171
<b>Servidores do MPS (13)</b>	2.698
Ativos	666
Inativos	1.730
Requisitados	176
<b>Custo do INSS (2004)</b>	
Pessoal	R\$ 6,9 bilhões
Custeio	R\$ 3,4 bilhões
<b>Custo do INSS ( 2005)</b>	
Pessoal	R\$ 4,5 bilhões
Custeio	R\$ 3,7 bilhões
<b>Custo do INSS (2006)</b>	
Pessoal	R\$ 5,8 bilhões
Custeio	R\$ 7,2 bilhões
<b>Custo do INSS (2007) )</b>	
Pessoal	R\$ 6,6 bilhões
Custeio (11)	R\$ 2,2 bilhões
<b>Custo do INSS (jan-nov 2008) (11)</b>	
Pessoal	6,4 bilhões
Custeio (11 )	R\$ 1,2 bilhão
<b>Unidades de Atendimento do INSS (2003) (13)</b>	1.351
<b>Unidades de Atendimento do INSS (2004)</b>	1.353
<b>Unidades de Atendimento do INSS (2005)</b>	1.528
<b>Unidades de Atendimento do INSS (2006)</b>	1.695
<b>Unidades de Atendimento do INSS (2007)</b>	1.674
Gerências Regionais	5
Gerências Executivas	100
Agências fixas	1.145
Agências móveis	74
Previdade	238
Unidade Técnica de Reabilitação Profissional	46
Auditorias Regionais	8
Procuradorias dos Tribunais	5
Procuradorias Seccionais	91
Corregedorias Regionais	8

Fontes: : (1) Estimado pela SPE para o PLOA 2009; (2) Estimado pelo IBGE, PIB corrente a preço de mercado; (3) Ajustada pela inflação do IPCA ; (4) Ajustada pela Inflação do IPCA, a preços de dez de 2006; (5) MPS, jul 2007; (6) SPS/MPS Exclusivo segurado especial, empregador rural, empregador doméstico e clubes de Futebol. (7) DATA-ANASPS; (8) MPS, jul 2007; (9) ANAPP; (10) Valor Econômico, 29.08.08; (11) SPC,MPS , Informe Estatístico dez 2007;; (12) Dados inconsistentes no fluxo de caixa do INSS, de dez 2007 e jan-nov 2008; (13) Anuário Estatístico do MPS